

DEBORA SOARES PESSOA

**“EU SOU GENTE!” - REPRESENTAÇÃO D@S (TR@NS)GÊNEROS EM
VEÍCULOS MUDIÁTICOS - CASO LAERTE COUTINHO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA
MINAS GERAIS - BRASIL
2015

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa**

T

P475e
2015

Pessoa, Debora Soares, 1988-
“Eu sou gente!” : representação d@s (tr@ns)gêneros em
veículos midiáticos : caso Laerte Coutinho / Debora Soares
Pessoa. – Viçosa, MG, 2015.
xi, 147f. : il. ; 29 cm.

Inclui anexos.

Orientador: Maria Carmen Aires Gomes.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.134-140.

1. Identidade de gênero. 2. Análise do discurso. 3. Travesti.
I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Letras.
Programa de Pós-graduação em Letras. II. Título.

CDD 22. ed. 305.3

DEBORA SOARES PESSOA

**“EU SOU GENTE!” - REPRESENTAÇÃO D@S (TR@NS)GÊNEROS EM
VEÍCULOS MIDIÁTICOS - CASO LAERTE COUTINHO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 25 de março de 2015.

Viviane de Melo Resende

Maria de Fátima Lopes

Maria Carmen Aires Gomes
(Orientadora)

“Há momentos na vida em que a questão de saber se podemos pensar de outro modo que não pensamos e perceber de outro modo que não vemos é indispensável para continuar a olhar e refletir.” (Michel Foucault, 1977)

“Devido a esta absurda defasagem entre minha autoimagem e a que faziam de mim, descobri, quase que instintivamente, que na fantasia estaria a gratificação de ser reconhecido. Considero essa solução a balsa salva-vidas com a qual consegui sobreviver a tantos desencontros. Delineadas pelas minhas necessidades vitais, moldei-a de uma forma que podia adaptá-la à realidade.” (Viagem Solitária - Memórias de um Transsexual 30 anos depois, 2011)

“Pouco importa o julgamento dos outros. Os seres são tão contraditórios que é impossível atender às suas demandas, satisfazê-los. Tenha em mente simplesmente ser autêntico e verdadeiro...” (Dalai Lama)

*“Os preconceitos têm mais raízes do que os princípios.”
(Niccolau Maquiavel)*



"Não nascemos mulheres, tornamo-nos mulheres"
(Simone de Beauvoir - O Segundo Sexo)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus todo poderoso e maravilhoso que sempre me dá força e sustentação para continuar na caminhada, sempre me mostrando que não vale à pena desistir: eu tinha e tenho uma missão a ser cumprida.

A minha amada orientadora, Professora Doutora Maria Carmen Aires Gomes, por ter acreditado no meu potencial e ter me ajudado no penoso, mas gratificante, caminho da pesquisa (IC e Mestrado). Obrigada MC pela paciência, pelos valiosos ensinamentos, pela preocupação e zelo maternos, pelas trocas de conhecimentos e ideias, por ser a minha grande musa inspiradora e mostrar que temos o nosso lugar sim!

As professoras Viviane de Melo Resende e Maria de Fátima Lopes, pela participação no corpo de examinadores desta dissertação, gerando a oportunidade de desenvolvermos importante e frutífera discussão acerca da temática e do *corpus* aqui propostos.

A Capes e a UFV, pelo suporte financeiro e material para o desenvolvimento da minha pesquisa, e para o meu desenvolvimento profissional e pessoal.

Aos meus professores/mestres e queridos/amazing alunos que passaram e ainda permanecerão por anos importantes e inesquecíveis em minha vida, e que despertam em mim, cada vez mais, o desejo de lecionar, de tentar mudar a realidade de alguma forma, de acreditar que amanhã será melhor e recompensador. Obrigada por tantos ensinamentos, carinho, cumplicidade e felicidade.

Ao pessoal do DLA, que é essencial para o funcionamento de tudo, mas que nem sempre são lembrados e tratados de forma respeitosa e carinhosa por todos. Nilson, Adriana, Rose, Eliana, Márcio: nós não somos nada sem vocês! Muito obrigada!

Aos meus pais, Ricardo e Delizete, que sempre fizeram tudo para que eu conseguisse realizar meus sonhos, mesmo que para isso tivessem que sacrificar os próprios anseios. Obrigada por me mostrarem o caminho certo a seguir, e ajudarem a construir a pessoa que sou hoje.

A minha família, que de forma direta ou indireta, me incentivou a concretizar mais um sonho e a cada dia me dá forças para continuar. Obrigada por sempre me lembrarem daquilo que quero, eu posso.

Aos meus amigos e amigas que sempre foram minha base sustentadora, sempre servindo de inspiração, sempre me ouvindo, tentando me ajudar da melhor forma

possível. Muito obrigada a todos que fizeram parte da minha caminhada até aqui, e, aos que ainda continuarão a me acompanhar. Obrigada por todos os ensinamentos!

As minhas companheiras de mestrado e de grupo de estudos discursivos críticos, especialmente Lucimar, Nara, Beatriz, Paula, Marina, Dani, Thalita, por sempre estarem dispostas a dar suporte, contribuir de forma valiosa para a construção do meu conhecimento e da minha pesquisa, pelos momentos divertidos, pelas viagens inesquecíveis, pelos lanches sempre prazerosos, pelos questionamentos sempre pertinentes, pelas conversas sempre acolhedoras e terapêuticas... Obrigada por me fazerem sentir tão bem!

Ao meu amigo e companheiro especial de longa data rs Willian, por me amar, por cuidar de mim, por me incentivar, dar apoio e aguentar firme todos os momentos difíceis ao meu lado, sempre me lembrando que dias melhores virão, e que tudo nos fortalece.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que contribuíram e contribuem para a minha formação profissional e pessoal, a todos que se preocupam comigo e que fazem a minha vida ter sentido. Amo todos vocês! Esta conquista é de todos nós.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	viii
LISTA DE QUADROS	viii
LISTA DE GRÁFICOS	viii
RESUMO	
ABSTRACT	
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	01
OBJETIVO GERAL	08
OBJETIVOS ESPECÍFICOS	08
JUSTIFICATIVA	09
CAPÍTULO 1 - ADC e suas implicações	
1.1. ADC e o modelo tridimensional	13
1.2. ADTO e o discurso como momento da prática social	16
1.2.1. Significado identificacional e construções identitárias	25
1.2.2. Significado representacional e a RAS	28
1.2.3. Avaliatividade: diálogos e possibilidades	32
1.3. Relações de poder, ideologia e hegemonia ideológica	36
1.4. Identidades e representações sociais	38
CAPÍTULO 2 - O(s) gênero(s) e a subversão das identidades	
2.1. Visibilidades do Corpo	40
2.2. Teoria <i>Queer</i> e as novas possibilidades	45
CAPÍTULO 3 - PERCURSOS METODOLÓGICOS	
3.1. Caracterização da pesquisa	50
3.2. Construção e sistematização do <i>corpus</i>	51
3.3. Ferramentas de análise	55
3.4. Procedimentos analíticos	55
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS DADOS	
4.1. Transpondo barreiras e matrizes	58
4.2. RAS e o diferente/ <i>queer</i>	66
4.3. Laerte	72
4.3.1. Ativação	72
4.3.2. Passivação	76
4.3.3. Personalização	78
4.3.4. Impersonalização	84
4.4. <i>Trans</i>	84
4.4.1. Ativação	85
4.4.2. Passivação	87
4.4.3. Personalização	89
4.4.4. Impersonalização	93

4.5. (Trans)construções identitárias	95
4.5.1. Laerte – cartunista	97
4.5.2. Laerte – ativista político	99
4.5.3. Laerte – transviado	102
4.5.4. Laerte – a Laerte	104
4.5.5. Gênero x Sexualidade	107
4.5.6. Problemática das definições e práticas	110
4.5.7. Vozes “legitimadoras”	117
4.5.8. Transição e necessidade de mudanças	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
ALGUMAS REFLEXÕES	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	134
ANEXOS	141

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Concepção tridimensional do discurso	15
FIGURA 2 - Discurso como momento da prática social	19

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Categorias analíticas propostas no modelo tridimensional	15
Quadro 2 - Recontextualização da LSF na ADC	25
Quadro 3 - Categorias da Representação dos Atores Sociais	30
Quadro 4 - A abordagem teórico-metodológica para a ADC	51
Quadro 5 - Compilação dos textos que compõem o <i>corpus</i>	53
Quadro 6 - Categorias e subcategorias analíticas	57
Quadro 7 - Definição <i>Wikipédia</i>	61
Quadro 8 - Definição dicionário <i>Houaiss</i>	61
Quadro 9 - Recorte dos dados gerados na <i>Wordlist</i>	66
Quadro 10 - Recorrência dos temas e léxicos do <i>corpus</i>	70
Quadro 11 - Recorrências quanto às construções identitárias	96
Quadro 12 - Síntese das ocorrências das representações dos atores sociais	126
Quadro 13 - Recorte dos dados gerados no <i>Concordance</i> - itens lexicais antecessores	145
Quadro 14 - Recorte dos dados gerados no <i>Concordance</i> - itens lexicais sucessores	147

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Recorrência das categorias do sistema de transitividade	142
Gráfico 2 - Recorrência das metáforas	142
Gráfico 3 - Recorrência das modalidades	142
Gráfico 4 - Recorrência das categorias e subcategorias da teoria da Avaliatividade..	143

RESUMO

PESSOA, Debora Soares, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2015. **“Eu sou gente!” - Representação d@s (tr@ns)gêneros em veículos midiáticos - caso Laerte Coutinho.** Orientadora: Maria Carmen Aires Gomes.

A compreensão de gênero social em sociedades contemporâneas ainda passa pela coerência socialmente imposta entre sexo - gênero - desejo - práticas, e, por isso, os gêneros inteligíveis são regulados por uma coerência na qual um ser que nasce com uma anatomia masculina deveria ser masculino, desejar mulheres e manter relações sexuais ativas com elas. Discussões e debates acerca do gênero e da sexualidade se fazem cada vez mais presentes e constantes nos mais diferentes âmbitos. Acreditamos que a mídia exerce grande influência no repensar das construções identitárias e das representações. Infelizmente, muitas vezes percebemos que questões complexas em relação ao gênero ainda não recebem um tratamento mais justo, ou seja, uma veiculação mais imparcial, ampla, mais informativa e menos avaliativa, sem reducionismos e ironias, nos grandes meios midiáticos, sejam eles impressos ou digitais. Neste estudo, propomo-nos analisar os discursos midiáticos em que circulam construções identitárias e representações sócio-discursivas da cartunista Laerte Coutinho, assim como das *trans* (pessoas que não se enquadram no padrão binário macho x fêmea/feminino x masculino), de forma a apontar o papel desses discursos na atualidade/modernidade. Foram selecionados 8 textos provenientes de diversos veículos midiáticos online e publicados entre 2010 e 2013. O material coletado foi analisado sob o viés teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 1989, 1992, 1995, 2001, 2003; CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999), da Teoria da Representação dos Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 1996, 2005), da Teoria *Queer* (BUTLER, 2008), com suporte da Teoria da Avaliatividade (WHITE, 2004; VIAN JR., 2009) e da ferramenta computacional *Wordsmith Tools* (SCOTT, 2004). Percebeu-se uma clara distinção entre a representação sócio-discursiva da Laerte (diferença = diversidade) perante as *trans* (diferença = exclusão), por meio, principalmente, da *inclusão*, *exclusão*, *nomeação*, *funcionalização*, avaliações negativas e positivas, sobreposição e subjugamento da agência. Constatou-se o valor potencial da linguagem na manutenção, produção e transformação das representações, através das escolhas linguístico-discursivas e dos investimentos nas construções de significações e nas nomeações utilizadas para se referir às pessoas, ao processo de travestilidade e à identidade de gênero. Ademais, contemplamos a

reflexividade no desvelar das contradições, dos dilemas e dos antagonismos, materializados em discursos com os mais diversos propósitos, na capacidade dos indivíduos construir ativamente suas identidades, em construções reflexivas de sua atividade na vida social, bem como no processo de construção e desconstrução/contestação das identidades sociais fragmentadas no/pelo discurso.

ABSTRACT

PESSOA, Debora Soares, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, March, 2015. **“*Eu sou gente!*” - Representation of (tr@ns)genders in Brazilian online media - the case of Laerte Coutinho.** Adviser: Maria Carmen Aires Gomes.

Understanding gender in contemporary societies also includes the socially imposed coherence between sex - gender - desire - practices, and therefore intelligible genres are regulated by a consistency in which someone who is born with a male anatomy should be/ behave as a male, wish women and have sex with them. Discussions and debates about gender and sexuality are increasingly present and constant in many different areas. We believe the media has a great influence on the rethinking of identity constructions and representations. Unfortunately, too often we see some complex issues concerning gender still do not receive proper treatment, a more impartial and comprehensive placement without reductionism and ironies, more informative and less evaluative, in large media means, whether printed or digital. In this study, we aim to analyze identity constructions and socio-discursive representations of the cartoonist Laerte Coutinho as well as the *trans* (people who do not fit in the binarism male x female/feminine x masculine), in the media discourse, and point out the possible role of

those speeches in the late modernity. To develop this research we selected 8 texts from different digital media vehicles which were published between 2010 and 2013. The material was analyzed based on the theoretical and methodological approach of the Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 1989, 1992, 1995, 2001, 2003; CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999), Representation of Social Actors (VAN LEEUWEN, 1996, 2005), Queer Theory (BUTLER, 2008), the Theory of Appraisal (WHITE, 2004; VIAN JR, 2009) and the computational tool Wordsmith Tools (SCOTT, 2004) of the studies of Corpus Linguistics (SARDINHA, 2004). It was noticed a clear distinction between the social and discursive representation of Laerte (difference = diversity) in opposition to the *trans* (difference = exclusion) mainly through *inclusion*, *exclusion*, *nominalization*, *functionalization*, negative and positive evaluation, emphasizing or not the agency. It was also observed the potential value of language in the maintenance, production and change of the representations through linguistic-discursive choices and investments in the meaning-making used to refer to the transgender, the process and gender identity.



1

Considerações Iniciais

Em setembro de 2010, em uma entrevista à revista *Bravo*², a cartunista Laerte Coutinho, conhecida como a maior/melhor cartunista brasileira, falou pela primeira vez publicamente sobre o então novo hábito de se vestir com roupas e acessórios ditos femininos, caracterizado, a princípio, como *crossdressing*, prática que, para ela³, desde 2009, se apresentava como ‘uma necessidade imperiosa de perscrutar e vivenciar os códigos femininos’. Após essa entrevista, outras matérias, reportagens, polêmicas e participações em programas da rede de televisão brasileira se sucederam, e, com isso, o *crossdressing* se tornou popular e discutido pelos mais diversos veículos midiáticos. Afinal, todos queriam saber o que estava acontecendo com a renomada cartunista, que

¹ Os quadrinhos utilizados ao longo da dissertação, ora no início ora no fim dos capítulos/seções, foram produzidos por Laerte Coutinho entre os anos 2009 e 2014 e publicados em seu blog *Muriel Total*. Optamos pelo uso desses textos multimodais a fim de enriquecer a discussão e reflexão propostas, além de trazer a voz/perspectiva da Laerte expressa de um modo mais artístico e livre. Disponíveis em: <http://murieltotal.zip.net>. Acesso em 25 mar. 2014.

² Disponível em: <http://bravonline.abril.com.br/materia/tenho-vergonha-quase-tudo-desenhei-laerte>. Acesso em 04 mar. 2014.

³ Pelo caráter do nosso estudo crítico-discursivo, ao nos referirmos à Laerte Coutinho optamos por respeitar sua identidade e identificação por meio do uso da referência feminina.

passou a se pronunciar mais sobre essa prática do que sobre suas criações em quadrinhos.

Na entrevista para a revista *Bravo*, Laerte Coutinho conta que um de seus personagens, *Hugo Baracchini*, foi quem a convidou a se aventurar na prática do *crossdressing*/travestilidade - “Foi quando recebi o e-mail de uma arquiteta, fã do Hugo. Quer dizer: de um arquiteto que abraçou a identidade feminina. O sujeito me perguntava se ouvira falar dos *crossdressers*, pessoas que gostam de botar roupas ou adereços do sexo oposto. Na época, não dei muita bola. Mas em 2009, por causa do aguçamento de minhas neuras existenciais, procurei um clube de *crossdressers*, frequentei reuniões organizadas pelo grupo e li a respeito do assunto. Depois, lentamente, agreguei enfeites femininos à indumentária masculina - brincos, colares, unhas pintadas.” Por isso, para muitos, as histórias sobre Hugo, publicadas no jornal *Folha de S. Paulo*, se tornaram um *alter ego* da sua criadora. Assim, a ‘crise’ enfrentada pela artista, bem como a nova proposta temática (gênero, sexo e sexualidade), estaria se fazendo cada vez mais presente em seus trabalhos, por meio das “aventuras” da personagem *Muriel*, antes *Hugo Baracchini*, como pode ser visto nas duas tirinhas utilizadas na epígrafe deste capítulo.

Após se ‘iniciar’ na *travestilidade*, a cartunista ‘passou’ a se depilar, se maquiar, usar roupas e acessórios ditos femininos, “assumi ser bissexual”, mudou seu estilo, suas criações (passou a produzir somente as histórias sobre Hugo/Muriel), suas militâncias (participando ativamente em movimentos como a ABRAT - Associação Brasileira de Transgêneros), sua aparência, passou a referir a si no feminino, enfim, mudou o modo como se identifica. Logo, Laerte passou a ser questionada acerca do ‘processo da travestilidade’ e de questões, que, nem sempre, se faziam pertinentes e visíveis e que, por vezes, beiravam a mera especulação e o sensacionalismo. Uma das recorrências observadas se dá em relação à possibilidade da ‘prática de se travestir’ estar ligada à morte trágica do seu filho Diogo em um acidente de carro, ou a uma possível ‘crise de meia idade’. Em relação a isso, faz questão de esclarecer que se o episódio teve algum efeito prático sobre a ‘transformação’ foi no sentido de adiá-la: “Eu interrompi por um bom tempo o processo de busca do meu feminino e da *transgeneridade*.”⁴

⁴ Disponível em: <http://bravonline.abril.com.br/materia/tenho-vergonha-quase-tudo-desenhei-laerte>. Acesso em 04 mar. 2014.

Ademais, outro tema sempre presente nos ‘questionamentos’ públicos é o da sexualidade, ora apresentada como algo problemático no passado - “Eu estava pouco disposta a construir outra blindagem, sabe?”, “Escolhi não viver a minha homossexualidade por décadas. Não tinha mais como não ser eu.” Laerte já disse em entrevistas que teve a primeira relação sexual aos 17, com um homem. Vivía ainda com os pais e três irmãos em um ambiente de classe média em Alto de Pinheiros, São Paulo, e, sem coragem de enfrentar tabus, decidiu suprimir o desejo. Casou três vezes e teve três filhos. “Casei... por quê? Por pânico! Não é que eu não tenha prazer ou não tenha tido nenhum tipo de desejo por mulheres. É que eu estava vivendo um estado de negação permanente. E fui bem-sucedida durante muito tempo”, explica. - ou como algo em segundo plano - “Essa mudança está acontecendo de forma temporã. Ele está se assumindo como mulher quando a libido já foi embora. Não é por sexualidade. É outra coisa. O Laerte está fazendo a defesa do gênero humano. Mas ele mesmo ainda não conseguiu arredondar seu discurso.”

Foi essa defesa pelo gênero humano que me motivou a estudar os discursos sobre a Laerte, esse corpo diferente aos olhos do outro (o que não se enquadra na matriz hegemônica vigente - quanto à estética, ao comportamento, ao gênero, à identificação, etc.). Primeiramente, entre 2011 e 2012, desenvolvi, junto à professora Maria Carmen Aires Gomes, um projeto de iniciação científica, intitulado “Corpo na mídia televisiva: representações de vulnerabilidade social e diferença em narrativas midiáticas”⁵, que buscava refletir sobre o modo como a mídia (re)tratava o *corpo diferente* (mutilado, amputado, desfigurado, ‘paralisado’ etc.) em narrativas midiáticas de superação que compunham a categoria “acidentes, amputação e morte”, dispostas no Portal de Superação, da novela *Viver a Vida* da Rede Globo de Televisão. Dentre os resultados mais expressivos, observamos que, apesar de todas as dificuldades que enfrentaram e ainda enfrentam, os indivíduos do referido estudo, após o evento transformador (acidente ou doença degenerativa) se tornaram agentes da mudança, passaram a conceber a diversidade como algo natural nas relações humanas, tornaram-se agentes inovadores e consolidaram-se como parte ativa da sociedade.

Já no início de 2013, durante uma conversa com um colega de pesquisa sobre o nosso ‘futuro acadêmico’, surgiu a ‘polêmica’ envolvendo as novas tiras da cartunista Laerte. Esse colega, Alex Caldas Simões, super interessado em analisar a relação entre

⁵ PESSOA, D. S. & GOMES, M. C. A. Corpo na mídia televisiva: representações de vulnerabilidade social e diferença em narrativas midiáticas. 2012. (Relatório de pesquisa).

gênero-suporte nos gêneros discursivos tira cômica, cartum, charge e caricatura, apontou que algo muito interessante estaria ocorrendo quanto às novas produções da Laerte, em relação à temática e à repercussão/publicação/consumo de tais tiras. Ao final da conversa, dentre várias inquietações, nos indagamos: “Em que medida o Laerte estaria refletindo a sua “nova fase” nas tiras sobre a Muriel? Seria Muriel o *alter ego* do cartunista? Quais seriam as diferenças mais significativas quanto à configuração e funcionalidade das novas tiras? Laerte estaria louco? Estaria assumindo uma “nova identidade”? A partir daquele momento, iniciei uma busca *online* por textos que pudessem sanar a minha curiosidade e ‘acalmar’ as minhas inquietações quanto ao Laerte, sua nova proposta de trabalho e sua ‘nova identidade’.

No entanto, após acompanhar algumas entrevistas e reportagens sobre a Laerte Coutinho, uma pergunta ficou latente: o que poderá significar ‘identidade’ ou até mesmo ‘identidade sexual’ em um momento transitório que atravessamos, no qual a própria noção de identidade é questionada/debatida/reformulada? Momento em que há um grande repensar sobre quem somos, quem estamos nos tornando, ou sobre quem podemos ser (MOITA LOPES, 2006; 2010).

Discussões e debates acerca de gênero e sexualidade se fazem cada vez mais presentes e constantes nos mais diferentes âmbitos, sejam novelas, reportagens jornalísticas, movimento/protestos nas redes sociais de relacionamento, pautas de programas televisivos ou sessões da comissão dos direitos humanos.⁶ Há uma gama significativa de estudos e publicações internacionais (BUCHOLTZ, LIANG & SUTTON, 1999; CAMERON, 1992, 1998; CRAWFORD, 1995; ECKERT & MCCONNEL-GINET, 2003; GRADDOL & SWANN, 1989; HALL & BUCHOLTZ, 1995; HOLMES & MEYERHOFF, 2003) e, mais recentemente, nacionais (HEBERLE, 2000; FUNCK & WIDHOLZER, 2005; SILVA; LAGO & RAMOS, 1999; BENTO, 2006; OLIVEIRA, 2010) que têm como foco as relações entre linguagem e sexualidade e gênero em instituições. Todavia, ainda se observa uma lacuna no desenvolvimento de estudos discursivos críticos, vinculados aos estudos culturais e da Teoria *Queer*, que se

⁶ Citamos os exemplos das novelas da Rede Globo *Explode Coração* (1995-1996), *As Filhas da Mãe* (2001-2002), *A Lua me Disse* (2005) e *Fina Estampa* (2011-2012), nas quais personagens *trans* se destacavam na trama; as polêmicas declarações homofóbicas do então presidente da Comissão dos Direitos Humanos Dep. Marco Feliciano; as reportagens jornalísticas e televisivas sobre a cirurgia de transgenitalização/mudança de sexo/genitoplastia/de feminilização da modelo Lea T.; o movimento *Beija no Laerte* promovido no *Facebook*, ato contra o Dep. Marco Feliciano; e mais recentemente, as declarações do papa Francisco em relação à sexualidade e o casamento homoafetivo.

ocupem de uma análise mais ampla acerca do gênero e das representações sociais e discursivas em veículos midiáticos virtuais de grande circulação em território nacional.

Inicialmente, o conceito de gênero foi objeto de estudo da Psiquiatria, vinculado a um tipo de transtorno mental que necessitava de uma terapia e cura, e/ou à biomedicina, sendo concebido, basicamente, como uma simples distinção entre gênero e sexo biológico. A problemática do(s) gênero(s) em sentido mais amplo tornou-se mais evidenciada a partir da década de 1970 nas Ciências Sociais, com discussões que propunham que a compreensão do masculino ou do feminino não deveria se limitar a aspectos biológicos, características determinadas pela natureza, mas sim, como construções culturais que variam historicamente. Tal concepção ampliada possibilitou novas abordagens de análise, as quais resultaram na difusão de pesquisas sobre feminilidades e masculinidades, opondo práticas e significados diversos em vários períodos e contextos sociais. A partir disso, houve o fortalecimento da premissa de que não é possível ‘determinar’ o que é ser homem ou ser mulher sem considerarmos os processos sociais amplos e relacionados, isto é, o binarismo masculino/feminino tornou-se alvo de questionamentos e contestação.

Judith Butler (2008), em *Problemas de Gênero*, afirma que a compreensão de gênero em sociedades contemporâneas passa pela coerência socialmente imposta entre sexo - gênero - desejo - práticas. Para Butler, os gêneros inteligíveis são regulados por uma coerência na qual um ser que nasce com uma anatomia masculina deveria ser masculino, desejar mulheres e manter relações sexuais ativas com elas.

Dessa forma, os que não se enquadram nessa norma social, ou seja, os ‘diferentes’, são alocados à margem, são renegados (BUTLER, 2008); sua existência e seus corpos são ameaçados socialmente, suas vidas se tornam fragilizadas e precárias, são considerados inferiores, aberrações, em uma sociedade que vive uma pretensa vida saudável, perfeita e virtuosa. Os ‘diferentes/anormais’ (FOUCAULT, 2002) não apenas existem de forma excluída da normalidade, como são parte constitutiva dela, ou seja, são modelos do que não deve ser seguido, são considerados ameaças à sociedade que busca, a todo custo, perpetuar o que considera ser o ‘normal/natural’.

Usualmente, em nossa sociedade, o que foge ao padrão hegemônico de ‘homem’ e ‘mulher’, concebido como ‘diferente’, é taxado como parte de um grupo composto por sujeitos que são caracterizados como: travestis, *drag queens*, *drag kings*, transexuais,

transgêneros, gays, *crossdressers*, portadores do Transtorno da Identidade de Gênero⁷ etc. Neste estudo⁸, em específico, utilizaremos, por ora, o termo *trans* - no sentido de transgressão/transcendência - para nos referirmos a esse grupo heterogêneo, parte do nosso trabalho.

Felizmente, percebemos um significativo aumento de matérias, reportagens e entrevistas publicadas nos portais de notícias brasileiros que tentam retratar questões referentes ao gênero e que tenham como personagem principal um indivíduo *trans*.⁹ Por outro lado, ainda há a veiculação de discursos equivocados quanto à concepção e uso de algumas categorias que dizem respeito ao sexo e gênero, o que além de gerar a construção errônea de conhecimento em relação a tais temas, acaba por fortalecer e propagar práticas discriminatórias.

Acreditamos que os processos midiáticos exercem grande influência no repensar das construções identitárias e das representações. No entanto, muitas vezes percebemos que questões complexas em relação ao gênero ainda não recebem o devido trato, ou seja, uma veiculação mais imparcial, ampla, mais informativa e menos avaliativa, sem reducionismos e ironias, nos grandes meios midiáticos, sejam eles impressos ou digitais.

Desse modo, ao longo desta dissertação, buscar-se-á lançar os olhos para a discussão sobre o indivíduo, sua representação sócio-discursiva, seu lugar social na história e suas possibilidades, por meio das construções discursivas da cartunista Laerte Coutinho e suas novas militâncias¹⁰ publicadas em veículos midiáticos online de grande circulação/acesso no Brasil. Propomo-nos, então, buscar entender os discursos midiáticos em que circulam tais construções identitárias da cartunista Laerte Coutinho antes e depois de se ‘tornar’ uma travesti/*crossdresser*/transgênero (assim como das *tr@ns*, de modo geral) e apontar o papel desses discursos na atualidade/modernidade.

⁷ Cf. American Psychiatric Association. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. Arlington, VA: American Psychiatric Publishing, 5th ed.2013.

⁸ Optamos pelo uso da @ para nos referirmos ao corpo diferente/trans por compreendermos que tal forma além de atenuar a marcação binária hegemônica e determinista (feminino e masculino), respeitando assim a identidade de gênero dos indivíduos, coaduna-se com a proposta da ABRAT - Associação Brasileira de Transgêner@s, que tem a Laerte Coutinho como um das suas fundadoras e divulgadoras.

⁹ Esses indivíduos se fazem presentes em textos jornalísticos, tais como: “Igualdade de gênero” publicado na revista *Educar para crescer* em 08/10/2013; “Casal transgênero engravida e dá à luz um menino nos EUA” publicado no periódico online *Extra* em 31/07/2011; “Após nascer com sexo trocado, casal transgênero se apaixona em terapia.” publicado no site *Virgula* do UOL em 19/06/2013; “Nos EUA, país seguem luta para que criança transgênero seja tratada como menina.” publicado no *UOL Educação* em 19/03/2013; “Argentina reconhece criança transgênero” publicado no jornal *Folha de São Paulo* versão online em 27/09/2013; “O segredo da rainha” publicado no site *Yahoo* em 13/02/2014.

¹⁰ Laerte Coutinho, por meio das redes sociais de relacionamento como o *Facebook* e de suas publicações, busca militar em favor de algumas minorias, como as *trans*. Foi uma das fundadoras da ABRAT (Associação Brasileira de Transgêner@s); produz as histórias de *Muriel* - uma personagem “*crossdresser*”; além de ter sido personagem central no movimento *Beijaço no Laerte*, entre outros.

Esta pesquisa se insere na linha de Estudos Discursivos do Programa de Pós-Graduação em Letras do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa, e faz parte de um *corpus* documental do projeto *Corpo na mídia impressa e televisiva: representações de vulnerabilidade social e diferença na sociedade contemporânea*, CNPq (PQ2), coordenado pela profa. Dra. Maria Carmen A. Gomes, e que tem por objetivo principal refletir acerca das relações entre corpo, mídia e diferença.

Para o desenvolvimento deste trabalho foram utilizados 8 textos provenientes de diversos veículos midiáticos online, tais como *Bravo online* (set. 2010); *Último segundo* - portal IG (out. 2010); *Seção Moda* - IG (out. 2010); *Revista Trip* (dez. 2010); *Suplemento Pernambuco* (nov. 2013); *FFW* (jul. 2012); *Revista Época* (nov. 2012); *Ignorantsky* - adaptação de um texto publicado na *Revista Piauí* e postado no Tumblr (mai. 2013).

O material coletado foi analisado sob o viés teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 1989, 1992, 1995, 2001, 2003; CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999), da Teoria da Representação dos Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 1996, 2005), da Teoria *Queer* (BUTLER, 2008), da Teoria da Avaliatividade (WHITE, 2004; VIAN JR., 2009) e com o apoio da ferramenta computacional *Wordsmith Tools* (SCOTT, 2004).

Para o desenvolvimento do trabalho, partimos da concepção de discurso como forma de ação e interação social (FAIRCLOUGH, 2003; RESENDE E RAMALHO, 2006), meio pelo qual os indivíduos constroem significados em situações sócio-historicamente situadas, ou seja, ao mesmo tempo em que os falantes constroem significados, também se constituem por meio do discurso. Assim, ao estudarmos como ocorre a construção do discurso, e, conseqüentemente, das identidades dos indivíduos e sua representação social, é necessário que ainda analisemos como ocorre a participação desses indivíduos nas interações sociais, ou seja, como constroem realidades sociais e a si mesmos.

Desse modo, ao longo do trabalho, analisaremos a construção dos discursos acerca do gênero e das novas militâncias da Laerte Coutinho, observando os efeitos discursivos gerados, bem como as modalidades e avaliações presentes nos textos; assim como discutiremos acerca das construções identitárias e das representações sócio-discursivas da cartunista, bem como do papel dos veículos midiáticos na construção e veiculação de discursos sobre as *trans*.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Esta pesquisa visou suscitar reflexões sobre representações sócio-discursivas e construções identitárias da Laerte Coutinho como *travesti/transgênero/trans* nos discursos dos veículos midiáticos online sob o viés dos Estudos Discursivos Críticos (FAIRCLOUGH, 2003, 2001; CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999), da Teoria da Representação dos Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 1996, 2005), da Teoria *Queer* (BUTLER, 2008), da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004; VAN LEEUWEN, 1997, 2008), com base ainda em uma combinação de ferramentas teórico-metodológicas dos estudos sobre a Linguagem da Avaliação e da perspectiva (WHITE, 2004; MARTIN & WHITE, 2005) com o apoio da ferramenta computacional *Wordsmith Tools* (SCOTT, 2004).

Buscou-se analisar os efeitos discursivos potenciais nos textos midiáticos online, os subsistemas propostos por Martin & White (2005) e Vian Jr. (2009), mais especificamente a Atitude - Afeto, Julgamento e Apreciação - e Avaliação, bem como a categoria de *inclusão*, da Teoria da Representação dos Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 1996, 2005), relacionadas ao gênero social presentes nos textos analisados. Objetiva-se, ainda, promover discussões acerca das *trans*, suas condições de possibilidade, seu lugar na história, bem como a veiculação de tais discursos, suas ações e possíveis consequências em meios midiáticos de grande repercussão como a Internet.

Objetivos Específicos

Seguindo o referencial teórico-metodológico adotado e o objetivo geral pretendido, o presente projeto procura especificamente:

- Focalizar a frequência de palavras vinculadas ao gênero, por meio da lista de palavras, o *Wordlist*, o qual lista as palavras dos textos, por ordem alfabética e por frequência, bem como provê dados estatísticos;
- Investigar, com a ajuda do *Concordance*, o qual fornece segmentos textuais a partir de uma palavra escolhida pela pesquisadora, como os léxicos que tratam do gênero, sexo e sexualidade são cotextualizados, isto é, o que os precede e os sucede;

- Analisar as relações lexicais utilizadas para tematizar a relação entre gênero, sexo e sexualidade com base no Sistema de Transitividade (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004);
- Verificar que formas de representação dos Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 1996, 2005) são construídas, a partir da descrição da estrutura de transitividade, para assim compreendermos como as identidades são construídas;
- Investigar como as avaliações e perspectivas (WHITE, 2004; MARTIN & WHITE, 2005) operam nos textos analisados.

Os estudos discursivos críticos não se atêm somente à descrição das práticas discursivas, mas também à discussão e reflexão sobre o modo como o discurso é moldado por ideologias e relações de poder, e quais os efeitos que estes exercem na construção das identidades sociais e crenças dos indivíduos. A ADC, desse modo, se configura como um programa de ação, com enfoque direto nas práticas sociais e discursivas; além de desnaturalizar as práticas ditas universais e naturais que se realizam na organização social, procura investigar como as estruturas do discurso produzem, legitimam ou mesmo desafiam relações de poder.

JUSTIFICATIVA

Fazemos parte de um momento de falsa contemplação e respeito às diversidades, uma vez que a Modernidade¹¹, de várias maneiras (por meio da exclusão, desrespeito e/ou espetacularização das *trans* e do gênero, por exemplo), silencia a diversidade das experiências humanas de sociabilidade em prol de um projeto identitário marcadamente hegemônico e excludente, centrado no homem branco, cristão, heterossexual, da classe média (MOITA LOPES, 2006). Ao mesmo tempo, as mídias teriam o importante papel

¹¹ Em alguns estudos sob o viés da ADC, resgata-se a concepção de modernidade proposta pelo sociólogo Anthony Giddens, compreendida dentro de etapas sucessivas, e cada vez maiores, de reflexividade que envolvem os sistemas sociais. Tanto no que se refere a esse dinamismo, em que as ações individuais se realizam, quanto ao próprio conceito de reflexividade, encontra-se presente a categoria do sujeito. Reflexividade necessariamente vincula-se ao agente, ao ator, ao sujeito. A reflexividade institucional é definida por Giddens (2002:26) como “[...] o uso regularizado de conhecimento sobre as circunstâncias da vida social como elemento constitutivo de sua organização e transformação”. Para Chouliaraki & Fairclough (1999), a modernidade tardia seria o resultado do amplo escopo de aplicação da ADC em pesquisas que, de algum modo, se proponham analisar o discurso em práticas sociais em um período em que a linguagem ocupa o centro do modo de produção do capitalismo.

social de contribuir para que os indivíduos pudessem repensar sobre quem são, quem estão se tornando e sobre quem podem ser.

Torna-se importante frisar, entretanto, que as discussões sobre as *trans* são um ponto delicado na vida social. Se, por um lado, a busca pelo reconhecimento da legitimidade da diversidade do ‘ser’ (que engloba possibilidades de comportamentos, valores e preferências estéticas e sexuais) necessita de questionamentos sobre formas mais alternativas de descrever o mundo e de se usar a linguagem, as quais se articulam à pergunta “que outras maneiras há para se escrever sobre este tema?” (KRESS, 1989), também devemos atentar para não sermos vítimas/propagadores do extremismo da dita “ditadura do arco-íris”, segundo a qual qualquer manifestação que seja caracterizada como não pertencente ao grupo conhecido popularmente como LGBT¹² (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros) quanto aos objetivos e ideias, se torna alvo de ataques e expurgos.

Desse modo, são cada vez mais urgentes investigações discursivas críticas acerca do uso da linguagem por/sobre pessoas heterogêneas, nas suas diversidades, sejam em relação à orientação sexual, cor da pele, classe econômica, nível de escolaridade, enfim, evidenciar o não-hegemônico, pois as diferenças precisam ser explicitadas para que discursos hegemônicos e excludentes não continuem se perpetuando. Além do mais, tais discussões contribuem para um melhor entendimento da vida social como um todo, desde as relações interpessoais até às situações em que crianças e jovens que descumprem as regras socialmente aceitas sobre ser homem ou mulher (seja de forma intencional ou por não dominá-las) estão inseridos, como as práticas escolares¹³.

Levando em consideração que as mídias têm um papel ético a exercer na construção de novas possibilidades identitárias e sociais, para que, assim, possamos

¹² A sigla LGBT, aprovada na 1ª Conferência Nacional GLBT realizada em Brasília no período de 5 e 8 de junho de 2008, é a mais utilizada por Organismos internacionais e entidades governamentais como a ONU, Mercosul e Europa e foi criada para um padrão internacional para, inicialmente, identificar pessoas que se identificam e fazem parte desta comunidade.

¹³ Destacamos os trabalhos desenvolvidos pelos linguistas aplicados Branca Fabrício (2010, 2012) e Moita Lopes (2001, 2005, 2006, 2008, 2013), bem como iniciativas de alguns veículos especializados voltados para os professores e sua prática escolar, por exemplo a edição 279 fev. da Revista *Nova Escola*, que buscam abordar e refletir acerca de gênero, sexo, sexualidade, identidades e o papel da escola na problematização e vivências de tais questões. Acreditamos que iniciativas assim, que visam evidenciar a “diversidade existencial” além da matriz heteronormativa, a performatividade de gênero, a patologização e deslegitimação dos indivíduos tr@ns pelo sistema educacional, têm contribuição essencial para o evidenciamento da instabilidade de significados, questionamentos e, quiçá transformação, dos sentidos e discursos naturalizados e das relações de poder que atuam nefastamente, excluindo e violentando os ‘diferentes’, os que não se encaixam no binarismo macho x fêmea.

estar mais preparados para o ‘diferente’, e que as várias percepções sobre os gêneros sejam constantemente atualizadas/reconstruídas em virtude das diversas movimentações históricas, políticas e econômicas¹⁴, acreditamos que uma das razões que justificam a nossa pesquisa é o fato de que, na contemporaneidade, as representações dos gêneros ganharam lugar na mídia em decorrência de necessidades econômicas e mercadológicas.

Muitos programas televisivos vêm abordando a temática das *trans* para atrair a audiência, seja para falar de celebridades que passaram por cirurgias de ‘mudança de sexo’, seja para espetacularizar conflitos familiares que são exibidos para fins de audiência e, conseqüentemente, lucros. Por outro lado, as *trans* também começam a aparecer como mote para telenovelas, a fim de endossar ou promover um novo olhar sobre esses indivíduos e as novas possibilidades do ‘ser’. Entretanto, ainda percebemos muitos equívocos, reducionismos e preconceitos ora evidenciados ora mascarados por discursos hegemônicos (‘pacifistas’, ‘técnicos’, irônicos ou agressivos) que circulam livre e irresponsavelmente pelas mídias nacionais.¹⁵

Moita Lopes (2006:27), discutindo a relação entre ética e poder, assume que “normas e valores refletem posições discursivas específicas, o que, de modo algum, implica relativismo ético”. Seria, assim, na opinião do autor, “legítimo preferir uns e refutar outros”, uma vez que são formas igualmente válidas de se construir as possíveis realidades. Mas a questão é: quais significados devemos preferir? Aqueles que porventura reforçam a pertença de um grupo ou um discurso hegemônico capaz de

¹⁴ Cf. PRADO & MOTTA-ROTH, Comodificação e homoerotismo. In: HEBERLE et al. *Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006.

¹⁵ <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/01/cirurgia-nao-trouxe-felicidade-diz-lea-t-apos-troca-de-sexo.html>. Acesso em 03 mar. 2014.

http://televisao.uol.com.br/bbb/bbb11/album/ariadna-ensaio-playboy_album.htm. Acesso em 19 set. 2013. Acesso em 03 mar. 2014.

<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/1187730-transtorno-de-identidade-sexual-na-infancia-divide-especialistas.shtml>. Acesso em 19 set. 2013.

<http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2013/03/transsexual-pode-se-descobrir-ja-na-primeira-nfancia-dizem-especialistas.html>. Acesso em 19 set. 2013.

<http://oglobo.globo.com/pais/delegado-da-policia-civil-de-go-tira-licenca-como-thiago-volta-laura-11384114>. Acesso em 03 mar. 2014.

<http://entretenimento.r7.com/famosos-e-tv/romario-abre-o-jogo-sobre-relacionamento-com-transgenero-minha-camarada-minha-parceira-17122013>. Acesso em 03 mar. 2014.

<http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/manifestantes-protestam-contra-o-deputado-marco-feliciano-em-brasil-5326e2c1be61f310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>. Acesso em 03 mar. 2014.

<http://www.psc.org.br/noticias/todas-noticias/907-pastor-marco-feliciano-denuncia-seminario-escola-sem-homofobia-promovido-pela-camara>. Acesso em 03 mar. 2014.

<http://f5.folha.uol.com.br/colunistas/vivianmasutti/2014/01/1403320-luis-miranda-sera-mae-transgenero-de-lazaro-ramos-em-novela.shtml>. Acesso em 03 mar. 2014.

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/01/1399101-quadrinista-lanca-hq-com-personagem-transsexual-em-sp.shtml>. Acesso em 03 mar. 2014.

excluir um grupo expressivo? Ou devemos excluir aqueles que nos causam sofrimento, estranhamento e repulsa aos nossos padrões?

A escolha por estudar o gênero social pelo viés dos estudos discursivos críticos deve-se, sobretudo, ao fato de se tentar problematizar as ausências, os discursos hegemônicos, as hierarquias e não apenas o silêncio, o bloqueio, a regulação (SOUZA SANTOS, 2000), além de propor novas perspectivas, novos caminhos para se conceber as *trans*, o movimento, a fluidez e a mudança (PENNYCOOK, 2006), questões que estão na agenda dos estudos discursivos críticos.

Ademais, a ADC, por ser transdisciplinar, abordagem necessária para construção de conhecimentos nos estudos sociais, humanos e culturais, se caracteriza como um programa de ação, com enfoque direto nas práticas sociais e discursivas, e não somente um mero quadro de teorias. Distingue-se das demais abordagens paradigmáticas e estruturais do fazer pesquisa por ser transgressiva, indisciplinar (FAIRCLOUGH, 2001, 2003; MOITA LOPES, 1998, 2006; PENNYCOOK, 2006; FABRÍCIO, 2006; RESENDE & RAMALHO, 2006), pois além de desnaturalizar as práticas ditas universais e naturais que se realizam na organização social, procura investigar como as estruturas do discurso produzem, legitimam ou mesmo desafiam as relações de poder. Os analistas críticos do discurso não só consideram o discurso como um momento da prática social, mas também acreditam revelar como o discurso atua nesses processos, tentando despertar atitudes mais críticas nos falantes.

Por fim, a Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO) oferece subsídios para uma análise social fundamentada em dados linguísticos e semióticos, os quais permitem uma crítica explanatória (RESENDE, 2008) dos discursos midiáticos sobre as *trans*.

No próximo capítulo, falaremos brevemente acerca da proposta teórica-metodológica adotada neste estudo (FAIRCLOUGH, 2003, 2001; CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999), a fim de refletirmos e discutirmos sobre a representação da Laerte Coutinho, bem como das *trans*, nos veículos midiáticos analisados.

Capítulo 1

ADC e suas implicações

1.1. ADC e o modelo tridimensional

Há um crescente reconhecimento entre os estudiosos de áreas distintas (Psicologia, Comunicação Social, Sociologia, Filosofia etc.) que mudanças no uso linguístico estão intrinsecamente ligadas a questões culturais e sociais mais amplas (FAIRCLOUGH, 2001). Assim, ao estudarmos a língua e suas implicações, é importante que utilizemos uma abordagem que possibilite a investigação da mudança da linguagem juntamente à mudança social e cultural. Um modo de se fazer um estudo mais amplo sobre a relação dialética entre linguagem e sociedade pode ser a abordagem dos estudos discursivos críticos.

A ADC surgiu no início da década de 1990 como uma abordagem crítica explanatória de problemas sociais que envolvem linguagem, tendo como objetivo principal preencher uma lacuna existente nos estudos linguísticos realizados até então. Havia um afastamento dos estudos linguísticos em relação às outras ciências sociais, o que resultava em um desequilíbrio considerável entre os elementos sociais e os linguísticos, ou seja, uns elementos se sobrepunham aos outros, comprometendo e limitando muito as pesquisas que buscavam compreender tal relação. Há vários motivos pelos quais o discurso se tornou objeto central nos estudos linguísticos e, também, no das Ciências Sociais, mas nos ateremos às três razões mais importantes, como nos mostra Iñiguez (2005:109):

- Os debates no interior do giro linguístico exerceram uma enorme influência sobre o conjunto das ciências sociais e humanas;
- A transformação da linguística desde sua ênfase inicial no estudo da linguagem como propriedade dos seres humanos até sua orientação para a análise do uso da linguagem nos vários contextos relacionais e de comunicação também influenciou enormemente sobre as outras ciências humanas e sociais que enfrentam os mesmos processos a partir de óticas distintas;
- A relevância que os meios de comunicação adquiriram em nosso tempo e, em particular, as novas tecnologias de comunicação, colocam em evidência a

centralidade desses processos na constituição, manutenção e desenvolvimento de nossas sociedades.

Neste tipo de abordagem, o discurso é concebido como modo de ação historicamente situado (FAIRCLOUGH, 2001a); se por um lado estruturas organizam a produção discursiva nas sociedades, por outro, cada enunciado¹⁶ novo é uma ação individual sobre tais estruturas, que podem tanto contribuir para a continuidade ou para a transformação das ações. Assim, o discurso como prática social seria estrangido pelas instituições e estruturas sociais, mas também parte integrante delas. Para Fairclough (2001):

Ao usar o termo ‘discurso’, proponho considerar o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis institucionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. [...] Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social, existindo mais geralmente tal relação entre a prática social e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira (FAIRCLOUGH, 2001:91).

Fairclough (1992), na Teoria Social do Discurso (TSD), propõe o modelo tridimensional para a análise discursiva: texto, prática discursiva e prática social. Nesse modelo, a análise é dividida em três etapas: análise do texto (descrição), análise dos processos discursivos de produção e interpretação textual (relacionados a ambientes econômicos, políticos e institucionais particulares) e análise social do evento discursivo, “em termos das suas condições e efeitos sociais em vários níveis (situacional, institucional, societário)” (FAIRCLOUGH, 2001:82).

¹⁶ Para Bakhtin (2000), enunciado é a unidade da comunicação verbal que permite conceber a linguagem como movimento de interlocução real, além do paradigma emissor-mensagem-receptor. É compreendido como um ato de linguagem cujos contornos não só permitem, mas solicitam que um ‘outro’ realize uma apreciação valorativa ao que se é falado ou escrito.

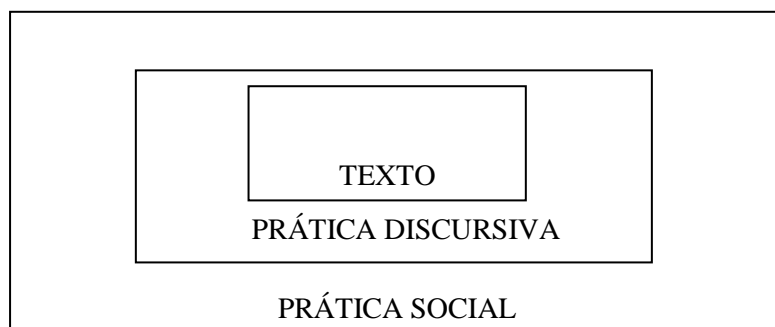


Figura 1 – Concepção tridimensional do discurso em Fairclough (1992:101).

O texto caracteriza-se como um conjunto de traços do processo de produção ou um conjunto de pistas para o processo de interpretação. A Prática Social possui várias orientações: econômica, política, cultural ou ideológica. Já a Prática Discursiva é a mediadora entre o Texto e a Prática Social. Segundo Fairclough (2001:35-36):

A conexão entre o texto e a prática social é vista como mediada pela prática discursiva: de um lado, os processos de produção e interpretação são formados pela natureza da prática social, ajudando também a formá-la e, por outro lado, o processo de produção forma (e deixa vestígios) no texto, e o processo interpretativo opera sobre ‘pistas’ no texto. (FAIRCLOUGH, 2001:35-36)

As categorias analíticas propostas por Fairclough (2001), em *Discurso e Mudança Social*, para cada uma das dimensões da análise, podem ser agrupadas conforme o quadro 1.

TEXTO	PRÁTICA DISCURSIVA	PRÁTICA SOCIAL
vocabulário	Produção	Ideologia
gramática	distribuição	sentidos
coesão	consumo	pressuposições
estrutura textual	contexto	metáforas
	força	hegemonia
	coerência	orientações econômicas,
	intertextualidade	políticas,culturais, ideológicas

Quadro 1 – Categorias analíticas propostas no modelo tridimensional.

Todavia, em virtude da perspectiva dialética presente nas discussões propostas por Fairclough, esse percurso analítico proposto na TSD não define um ordenamento completamente fechado, o qual privilegiaria apenas um dos aspectos em detrimento dos demais. Para o referido autor, é necessário que haja um movimento constante entre as três dimensões (texto, prática discursiva e prática social) que podem estar, e muitas

vezes estão, dispersas na análise e que são, eventualmente, separadas desta forma tendo em vista uma melhor estruturação metodológica (RESENDE & RAMALHO, 2006). Assim, a concepção tridimensional ainda constitui-se como um instrumento importante para a compreensão dos eventos discursivos, ainda que seja utilizada de modo mais pulverizado na análise e com fortalecimento da análise da prática social - a qual passa a ser mais privilegiada - como proposto no enquadre metodológico para a ADC, apresentado por Chouliaraki e Fairclough (1999) na obra *Discourse in Late Modernity*.

1.2. ADTO e o discurso como momento da prática social

A abordagem teórico-metodológica proposta por Chouliaraki e Fairclough (1999) surge a fim de contribuir para uma reflexão acerca da mudança social contemporânea, das mudanças globais de larga escala e da possibilidade de práticas emancipatórias em estruturas cristalizadas na vida social.

A articulação de categorias advindas das teorias sociais críticas e dos estudos linguísticos promove a TSD a um projeto de “crítica explanatória”¹⁷, em que o foco é discutir o engajamento na prática social e as mudanças requeridas, além de evidenciar os obstáculos para que ocorra esta mudança (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999). Para Resende (2009:13), o “objetivo das análises é a crítica social obtida por meio da análise de instanciações discursivas que servem de subsídio e sustentação à crítica de problemas sociais.” Neste sentido, retomamos as reflexões de Gee (1993)¹⁸ citadas pelo linguista aplicado Moita Lopes (2006:103), acerca do papel do linguista crítico na sociedade contemporânea: “temos a obrigação ética de explicar [...] qualquer prática social em que haja razão para acreditar que ela nos dá vantagens, ou ao nosso grupo, em detrimento de outros”.

O conceito de prática torna-se fundamental então para se refletir acerca da crítica social. Para circunscrever a significação de prática discursiva como prática social, Chouliaraki e Fairclough (1999) apontam que é no quadro das instituições e estruturas sociais que as práticas têm relativa permanência, já que estão expostas às mudanças e transformações dos modos de ação produzidas por aquelas. A prática se constitui através de redes de elementos sociais inscritos num espaço-tempo, cuja localização se

¹⁷ BHASKAR, R. Scientific realism and human emancipation. London: Verso, 1986.

¹⁸ GEE, J. Postmodernism and literacies. In: LANKSHEAR, C.; McLAREN, P. (Eds.). *Critical literacy, politics, praxis and the postmodern*. Albany/NY: State University of New York Press, 1993.

dá em cadeias de relações com outras práticas, através de uma dimensão reflexiva. Fairclough (2001) define que toda prática entrecruza vários elementos sociais - atividades, sujeitos e suas relações sociais, instrumentos, objetos, tempo e espaço, formas de consciência, valores e discursos - que se articulam no jogo dialético discursivo.

Para o sociólogo Zygmunt Bauman (2001), o discurso se realiza em momentos fluidos, que transitam ou se internalizam em outros momentos de forma contínua, sujeitos à mudança. Isto quer dizer que, como bem pondera a linguista aplicada Branca Fabrício, não existe um único discurso fechado sobre determinado assunto, mas instantes dialéticos discursivos indeterminados no tempo, que se articulam e se movimentam, “em meio a oscilações entre continuidades e rupturas” (FABRÍCIO, 2006:46).

Segundo Chouliaraki e Fairclough (1999:38), o termo discurso refere-se a elementos semióticos das práticas sociais:

Discurso, portanto, inclui a linguagem (falada e escrita e em combinação com outras semióticas, por exemplo, com a música no canto), a comunicação não-verbal (expressões faciais, movimentos corporais, gestos, etc.) e imagens visuais (por exemplo, fotografias, filmes). O conceito de discurso pode ser entendido como uma perspectiva particular sobre as várias formas de semiose - vistos como momentos de práticas sociais em sua articulação com outros momentos não-discursivos. (CHOULIARAKI E FAIRCLOUGH, 1999: 38, tradução nossa)¹⁹

Assim, as práticas sociais, modos habituais, atrelados a tempos e espaços particulares, nos quais os indivíduos aplicam recursos materiais ou simbólicos, e que são constituídas ao longo da vida social, configuram-se como modos de interação social, isto é, meio pelo qual as pessoas agem conjuntamente nos mais variados âmbitos, sejam eles na vida social, nos domínios da política, da cultura, no trabalho, em casa, na rua etc.

Além disso, o discurso, como um momento da prática social que se articula dialeticamente a outros momentos igualmente importantes, é compreendido como um elemento da prática social que constitui outros elementos sociais e como sendo

¹⁹ “Discourse therefore includes language (written and spoken and in combination with other semiotics, for example, with music in singing), nonverbal communication (facial expressions, body movements, gestures, etc.) and visual images (for instance, photographs, film). The concept of discourse can be understood as a particular perspective on these various forms of semiosis - it sees them as moments of social practices in their articulation with other non-discursive moments.” (CHOULIARAKI E FAIRCLOUGH, 1999:38)

influenciado por eles, em uma relação dialética de articulação e internalização, com uma orientação para a intervenção prática que objetiva a mudança, ainda que parcial, do mundo.

Resgatando Chouliaraki & Fairclough (1999), Resende e Ramalho (2006:39) pontuam que:

uma prática particular envolve configurações de diferentes elementos da vida social chamados de *momentos de prática* (grifo das autoras). Os momentos de uma prática são articulados, ou seja, estabelecem relações mais ou menos permanentes como momentos da prática, podendo ser transformados quando há recombinação entre os elementos. (RESENDE E RAMALHO, 2006:39)

Chouliaraki & Fairclough (1999) utilizam o termo “momentos da prática”, inicialmente proposto pelo geógrafo marxista David Harvey, para se referir ao resultado da articulação de recursos simbólicos-discursivos, tais como os gêneros, discursos, estilos, que se configuram como partes de práticas sociais particulares, funcionando de modo simultâneo no interior das práticas, de modo que internalizam e se articulam a outros momentos, sem serem reduzidos a eles. Em relação à essa irredutibilidade, Resende (2009) afirma que os momentos da prática não podem ser reduzidos ao discurso, que é entendido como apenas um deles. Logo, a compreensão do aspecto linguístico-semiótico é intrínseca ao entendimento da articulação do discurso com os outros momentos, tendo em vista que tal articulação se dá de modo dialético e aberto (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999), e que as mudanças na configuração de um dos momentos da prática acarretam mudanças na configuração dos outros momentos, e, conseqüentemente, na prática como um todo (RESENDE, 2009).

Na perspectiva proposta por Chouliaraki & Fairclough (1999), as práticas sociais são constituídas por três elementos, além do discurso (momento linguístico/semiótico): as relações sociais, a atividade material e o fenômeno mental (crenças, valores, desejos, ideologias). Como podemos observar na Figura 2:

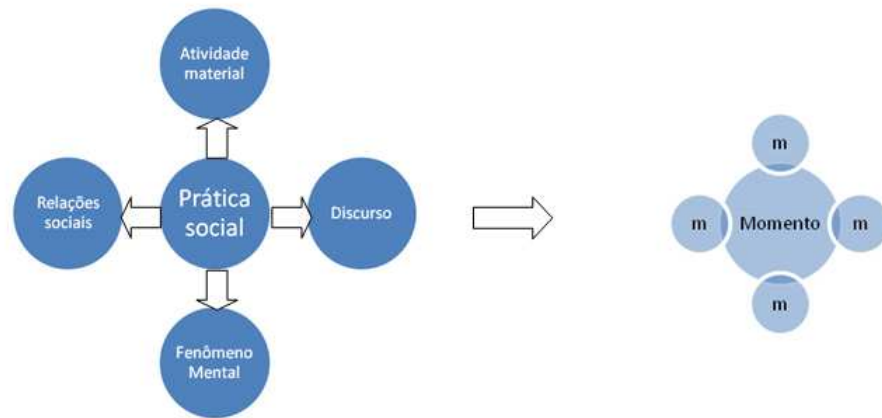


Figura 2 - Discurso como momento da prática social (Baseada em Ramalho & Resende, 2006: 39-40)

Percebemos uma diferença notável na formulação dos conceitos básicos em Fairclough (2001), no qual é proposta uma análise tridimensional do discurso como prática social, em contraposição à Chouliaraki & Fairclough (1999), no qual temos discurso como um momento da prática. Em *Discurso e Mudança Social* Fairclough (2001) estava preocupado em estudar o modo como o discurso se configura enquanto prática social, já em *Discourse in Late Modernity*, Chouliaraki & Fairclough (1999) propõem um enquadre teórico-metodológico que permita à ADC visualizar o modo como o discurso se configura no interior das práticas sociais.

Segundo Resende e Ramalho (2006:36), a análise nesse enquadre é feita da seguinte forma: parte-se de um problema que, geralmente, é baseado em relações de poder, na naturalização de discursos particulares como sendo universais; em seguida, há a identificação de elementos da prática social que sustentam o problema verificado e que constituem obstáculo para mudança estrutural; posteriormente, verifica-se se há uma função particular para o aspecto problemático do discurso; e, por fim, há a avaliação de modos possíveis de ultrapassar os obstáculos. Ou seja, toda pesquisa em ADC deve realizar uma reflexão sobre a análise realizada.

Para Resende e Ramalho (2006:37), o enquadre para a ADC:

é mais complexo que a abordagem anterior e tem acarretado uma ampliação do caráter emancipatório da disciplina. Primeiro, porque possibilita maior abertura nas análises; segundo, porque incita, mais que o modelo tridimensional, o interesse na análise de práticas problemáticas decorrentes de relações exploratórias; e, terceiro, porque capta a articulação entre discurso e outros elementos sociais na

formação de práticas sociais. (RESENDE & RAMALHO, 2006:37)

Resende (2009:12), discutindo sobre a heterogeneidade e continuidade dos estudos discursivos críticos, afirma que a abordagem faircloughiana sugere que “pesquisas discursivas críticas estejam baseadas na identificação de problemas sociais parcialmente discursivos que possam ser investigados por meio da análise situada de textos”. Os estudos discursivos críticos, em específico a proposta cunhada por Norman Fairclough (2001, 2003) - Teoria Social do Discurso (TSD) -, têm um caráter posicionado, crítico, emancipatório, que busca não só a descrição linguística minuciosa de um documento-objeto, mas também a interpretação explanatória crítica dos fenômenos sócio-políticos, que se apresentam em instituições sociais, com determinadas formações ideológico-discursivas e respectivas relações de dominação.

Os estudos discursivos críticos diferem dos estudos discursivos não-críticos não somente em relação à descrição das práticas discursivas, mas também por se dedicarem à discussão e reflexão sobre o modo como o discurso é constrangido por ideologias e relações de poder, e quais os efeitos que exercem na construção das identidades sociais e crenças dos indivíduos. O poder exerce(ria) basicamente o papel de manter as relações de produção e reprodução da dominação exercida por determinada classe (admita-se aqui “classe” em um sentido mais amplo; classe como um grupo que controla outros indivíduos por meios econômicos, do acesso mais fácil ao saber, controle massivo das mídias etc.) e o de reprimir e controlar a natureza dos indivíduos, os seus instintos e ações (FOUCAULT, 1976).

Para Foucault (1979), o poder não está localizado no Estado ou em um único sujeito, pois é instável, flexível e se movimenta de acordo com o acontecimento, de acordo com o que está acontecendo naquele dado momento. No entanto, há forças políticas e sociais que fazem com que pensemos que o poder esteja concentrado de modo estável, e que os indivíduos que o detêm também tenham o saber. É importante estudar o poder, no âmbito dos estudos discursivos, pois o poder é muitas vezes exercido através do discurso, e por meio deste.

Desse modo, a ADC é antes um programa de ação, com enfoque direto nas práticas sociais e discursivas do que um mero quadro de teorias; pois além de desnaturalizar práticas ditas universais e naturais, que se realizam na organização social, procura investigar como as estruturas do discurso produzem, legitimam ou mesmo desafiam as relações de poder. Analistas críticos do discurso não só consideram o

discurso como uma prática social, mas também acreditam revelar como o discurso atua nesses processos.

Fairclough (1985:747), refletindo acerca da atividade crítica, diz que “em questões humanas, as interconexões e as redes de causa e efeito podem ser distorcidas a ponto de saírem do campo de visão. Assim, a atividade crítica consiste, essencialmente, em tornar visível a natureza interligada das coisas”. Já Teun Van Dijk (1986:4), discutindo sobre o termo crítico na designação da ADC, afirma que:

[...] ao invés de focalizar problemas puramente acadêmicos ou teóricos, a ciência crítica toma como ponto de partida problemas sociais vigentes, adotando o ponto de vista dos que sofrem mais, e analisa de forma crítica os que estão no poder, os que são responsáveis, e os que dispõem de meios e oportunidades para resolver tais problemas. (VAN DIJK, 1986:4)

O enquadre para ADC de Chouliaraki & Fairclough (1999), com base na crítica explanatória de Bhaskar (1989)²⁰:

parte da percepção de um problema e da análise de sua conjuntura, o que evidencia a importância da abordagem das práticas nesse enquadramento para ADC. Em análises amplas que consideram conjunturas e estruturas observa-se a constituição de redes de práticas interligadas. Em outras palavras, se o jogo de articulação entre os momentos de práticas sociais pode ser minimizado para se aplicar à articulação interna de cada momento de uma prática, também pode ser ampliado para se aplicar à articulação externa, aquela que se estabelece entre práticas na formação de redes de práticas relativamente permanentes. Práticas são articuladas para constituir redes das quais se tornam momentos. (RESENDE & RAMALHO, 2006:42)

Tal proposta também é conhecida como Análise de Discurso Textualmente Orientada, doravante ADTO, pois parte de uma análise fundamentada em dados linguísticos que sustentam a crítica explanatória.²¹ Assim, este estudo baseia-se na

²⁰ “A epistemologia do realismo crítico, cujos expoentes são reconhecidos nos filósofos contemporâneos Bhaskar (1989) e Collier (1994), considera a vida (social e natural) um sistema aberto, constituído por várias dimensões - física, química, biológica, psicológica, econômica, social, semiótica -, e todas têm suas próprias estruturas distintivas, seus mecanismos particulares e poder gerativo. Na produção da vida, social ou natural, a operação de qualquer mecanismo é mediada pelos outros, de forma que nunca se excluem ou se reduzem um ao outro. De acordo com Bhaskar (1989:12), a realidade é estratificada e a atividade científica deve estar comprometida em revelar esses níveis mais profundos, suas entidades, estruturas e mecanismos (visíveis ou invisíveis) que existem e operam no mundo. [...] os momentos da prática social estão internamente relacionados em vários níveis, de modo que a análise do momento semiótico deve ser vinculada à análise dos outros momentos da (rede de) prática(s)” (RESENDE & RAMALHO, 2004:202).

²¹ “[...] em razão dessa visão dialética, a abordagem teórico-metodológica da ADC preocupa-se em contemplar, por meio da crítica explanatória, níveis mais profundos da realidade, e não apenas aspectos semióticos. Ainda inspirada no RC [Realismo Crítico], a ADC enfoca a semiose como ‘prática social’, ou

identificação de um problema social parcialmente discursivo, o qual será analisado por meio da análise de textos midiáticos, por se entender que os textos têm efeitos causais, isto é, acarretam mudanças em nossos conhecimentos, crenças, atitudes e valores, além de (re)constituírem identidades e relações sociais. Esses efeitos são mediados pela construção de significados. Para Gomes (2013:180), “alguns aspectos discursivos, em práticas sociais contextualizadas, podem implicar a legitimação de ações particulares e determinar modos de conduta e atitudes”, uma vez que é por meio do/no texto que podemos construir, representar, imaginar o mundo social em perspectivas particulares, específicas (FAIRCLOUGH, 2003:8). No entanto, Fairclough (2003) pontua que essa causalidade não é mecânica, regular; é preciso, portanto, explicitá-la. Neste sentido, Resende (2009) sugere que devemos compreender que a relação de causalidade entre práticas sociais e textos é notadamente dialética e se liga ao conceito de ordens do discurso e das representações sociais.

Fairclough (2003) sugere que as redes de práticas sociais, no seu aspecto linguístico, sejam chamadas de ordens do discurso, as quais se realizam por meio de discursos, gênero e estilos; elementos que selecionam certas possibilidades linguísticas e excluem outras. Segundo Fairclough (2001:91), o discurso apresenta três aspectos construtivos:

o discurso contribui, em primeiro lugar, para a construção do que variavelmente é referido como ‘identidades sociais’ e ‘posições de sujeito’ para os ‘sujeitos’ sociais e os tipos de ‘eu’(...) Segundo, o discurso contribui para construir as relações sociais entre as pessoas. E, terceiro, o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crenças. (FAIRCLOUGH, 2001:91)

Os aspectos listados dizem respeito a três funções da linguagem e a dimensões de sentido que coexistem e interagem em todo texto, as funções *identitária*, *relacional* e *ideacional*. A primeira função diz respeito ao modo pelo qual as identidades sociais são estabelecidas no discurso, a segunda como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas, e por fim, a função ideacional refere-se aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações.

seja, seu interesse não se volta exclusivamente para ‘ações individuais’ ou para ‘estrutura social’, mas, sim, para o fluxo de práticas sociais, que representam o ponto de conexão entre estrutura e agência, implicando interdependência causal entre as duas entidades. A estrutura social, incluindo o sistema semiótico, é concebida simultaneamente como aquilo que possibilita e constrange a ação humana, assim como aquilo que resulta dela” (RAMALHO, 2009).

Nesse viés, a condição de reflexividade das práticas torna-se um traço importante para o estudo da linguagem na vida social, pois pode evidenciar as contradições, os dilemas e os antagonismos, materializados em discursos, com interesses distintos. A forma, então, como o discurso relata outros momentos sócio-discursivos, atribui-lhe conotação de mecanismo ideológico-reflexivo. É, com efeito, na reflexividade subjetiva²², nas relações de poder e na posição que os sujeitos ocupam nas práticas sociais, características primárias das práticas, que o discurso é dialeticamente social.

Assim, o conceito de reflexividade refere-se à possibilidade de os sujeitos construírem ativamente suas auto-identidades, em construções reflexivas de sua atividade na vida social. Por outro lado, as identidades sociais são construídas por meio de classificações mantidas pelo discurso. E, assim como são construídas discursivamente, identidades também podem ser contestadas no discurso (FAIRCLOUGH, 2001:34).

Na interpretação do sociólogo Anthony Giddens, a modernidade é compreendida nas etapas sucessivas de reflexividade que envolvem os sistemas sociais. A categoria de sujeito encontra-se presente tanto no que se refere a esse dinamismo, em que as ações individuais se realizam, quanto no próprio conceito de reflexividade necessariamente vinculada ao agente, ao ator ou ao sujeito. A reflexividade institucional é definida por Giddens (2002:26) como “[...] o uso regularizado de conhecimento sobre as circunstâncias da vida social como elemento constitutivo de sua organização e transformação”. Tal discussão é retomada por Fairclough (2003) ao falar sobre o significado identificacional e estilo.

Em *Analysing discourse: textual analysis for social research*, Fairclough (2003) prioriza metodologicamente os recursos internos dos vários momentos semióticos que se articulam na prática social. Tais recursos são denominados tipos de significados da semiose. Fairclough pontua que a semiose se divide em três momentos: (i) a ação/gêneros (agimos e interagimos através dos gêneros discursivos) - significado *acional*, (ii) a representação do mundo material/discurso (varia de acordo com as posições dos sujeitos nas práticas sociais - *significado representacional*, e (iii) a identificação/estilo (configuração das identidades, que se relacionam ao conceito de

²² Ideia resgatada de Giddens (1991:45) “A reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre as próprias práticas.”

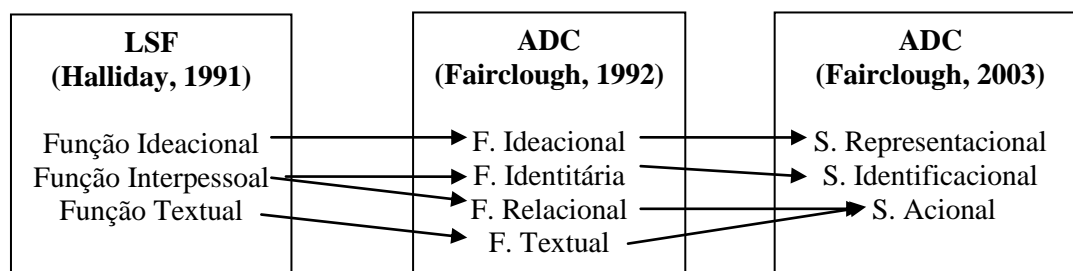
estilo) - *significado identificacional*. Assim, cada prática social constitui maneiras relativamente estáveis de agir, representar e identificar socialmente (RESENDE & RAMALHO, 2006).

A ADC, orientada social e linguisticamente, sobretudo, busca focalizar relações dialéticas entre momento discursivo e outros elementos de redes de práticas sociais, e por isso coaduna-se com alguns pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Segundo Chouliaraki & Fairclough (1999):

Em primeiro lugar, a LSF conceitua a língua funcionalmente, argumentando que a gramática de uma língua é uma rede de sistemas que correspondem às principais funções sociais da linguagem - o que podemos interpretar como a lógica semiótica internalizando a lógica sociológica, ou seja, a linguagem é socialmente estruturada como seu núcleo. Em segundo lugar, a LSF concebe a língua como uma 'semiótica social' que inclui um aparato conceitual e analítico a fim de mostrar a língua realizando sistematicamente processos sociais e relações (o 'contexto de situação', e por meio deste o 'contexto de cultura'), por meio da importância social da variação da língua. Em terceiro, a LSF compreende a língua enquanto texto e sistema, e focaliza a dialética entre o texto e o sistema, incluindo processos de 'semogenesis' - a produção e a mudança da linguagem (semiótica) - que se desdobram em textos dentro da co-evolução da lógica semiótica e da sociológica. (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999:50, tradução nossa)²³

Logo, a ADTO dialoga com a LSF uma vez que compreende a língua como um sistema aberto a inúmeras possibilidades de construção de sentidos e a mudanças socialmente orientadas. No entanto, Fairclough (1992, 2003) recontextualiza a proposta inicial de Halliday (1991) quanto às macrofunções que atuam simultaneamente nos textos, como podemos observar a seguir:

²³ "First, SFL conceptualises language functionally, arguing that the Grammar of a language is a network of systems corresponding to the major social functions of language - which we can interpret as the logic of the semiotic internalizing the logic of the sociologic, i.e., language is socially structured as its core. Second, the SFL view of language as a 'social semiotic' includes a conceptual and analytical apparatus for showing language as systematically 'realising' social processes and relations (the 'context of situation', and through that the 'context of culture'), through its account of the social import of variation of language. Third, SFL sees language as text as well as systems, and it is focused on the dialectic of text and system, including processes of 'semogenesis' - the production and change of language (the semiotic) - which unfold in texts within the co-evolution of the semologic and the sociologic" (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999:50).



Quadro 2- Recontextualização da LSF na ADC (quadro proposto por RESENDE & RAMALHO, 2006:61)

Nesta pesquisa, tendo em vista os objetivos principais, nos ateremos à análise dos significados identificacional e representacional. Na análise do significado representacional atentamo-nos para o modo como a Laerte Coutinho e as *trans* são representadas nos veículos midiáticos analisados, pois partimos do pressuposto de que as possibilidades discursivas (ou os diferentes discursos) são diferentes perspectivas de mundo associadas a diferentes relações que as pessoas estabelecem com o mundo, as quais ainda dependem de suas posições no mundo e das relações que estabelecem com outros indivíduos (RESENDE & RAMALHO, 2006:70).

1.2.1 Significado identificacional e construções identitárias

Ao analisarmos o significado identificacional buscamos refletir acerca do processo de identificação dos atores sociais, isto é, como a Laerte e as *trans* se identificam e como são identificadas nas construções discursivas analisadas, assim como os seus possíveis efeitos constitutivos, pois, como Fairclough (2003) sugere, o processo de identificação deve ser compreendido como dialético; no qual “os discursos são inculcados em identidades, uma vez que a identificação pressupõe a representação, em termos de presunções, acerca do que se é” (RESENDE & RAMALHO, 2006:76).

As práticas discursivas, ao contribuírem para a construção, reprodução, contestação e reestruturação das identidades sociais e posições do sujeito, exercendo a “função identitária” (FAIRCLOUGH, 2001), por um lado, reproduzem a sociedade, mas por outro, possibilitam o indivíduo transformá-la socialmente. Assim, indivíduos que modificam de alguma forma o seu corpo (seja por meio de cirurgias plásticas para implantar próteses de silicone ou se vestindo com roupas e acessórios ditos femininos), ao relatarem suas vivências/experiências, resignificam e reconstroem suas identidades e crenças por meio do discurso. Segundo Fairclough (2001):

o processo de constituição dos sujeitos sempre tem lugar dentro de formas particulares de interação entre os sujeitos pré-constituídos, onde as formas de interação influenciam o processo constitutivo [...] Isso também sugere que os sujeitos sociais constituídos não são meramente posicionados de modo passivo, mas capazes de agir como agentes e, entre outras coisas, de negociar seu relacionamento com os tipos variados de discurso a que eles recorrem. (FAIRCLOUGH, 2001:87)

As mudanças estruturais que vêm modificando as sociedades modernas desde o final do século XX geraram significativas transformações em vários âmbitos, inclusive mudanças nas identidades pessoais, levando os indivíduos a refletirem sobre a ideia que têm de si mesmos (HALL, 2005). Parafrazeando Hall (2005:12), o sujeito que antes era visto como detentor de uma identidade unificada e estável, com as mudanças constantes, rápidas e permanentes nas sociedades, se tornou fragmentado, possuindo não uma, mas várias identidades, por vezes contraditórias e não resolvidas, uma vez que a identidade é formada na interação entre a sociedade e o indivíduo.

Com base nas reflexões de Hall (2005), podemos definir duas concepções de identidade: essencialista e construtivista. Resumidamente, a concepção essencialista concebe identidade como fatos, entidades e dados dotados de objetividade na sociedade, algo imutável e não passível a mudanças sociais. Já a concepção construtivista vê a identidade do ponto de vista histórico, considerando as escolhas políticas, econômicas e as relações de poder. A identidade é vista como uma construção social mutável, fluida, dinâmica e em constante construção, sendo a *diferença* o elemento que proporciona a sua formação.

Segundo Woodward (2009:9), a identidade é “marcada pela diferença” e “sustentada pela exclusão”, ou seja, a identidade se constrói a partir da percepção do outro e de si mesmo, e pela exclusão do outro em nome da valorização do “eu”. Apesar de a identidade ser marcada pela diferença, algumas diferenças são mais ressaltadas que outras em lugares e momentos particulares, há um jogo de exclusão e sobreposição. As identidades e as diferenças são criações sociais e culturais que emergem e que são evidenciadas no discurso. Como afirma Woodward (2009:14), relações sociais, identidades e diferenças são constituídas e se constituem, e a identidade determina quem é incluído ou excluído de um determinado grupo por meio da diferenciação social. Para Woodward (2009:50):

A diferença pode ser construída negativamente - por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como os

‘outros’ ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora [...] (WOODWARD, 2009:50)

A identidade e a diferença são produtos do mundo cultural e social, e necessitam ser ativamente produzidas. Os indivíduos as produzem no contexto de relações culturais e sociais (SILVA, 2009). No entanto, a identidade e a diferença só assumem significado(s) por meio das relações sociais estabelecidas entre os indivíduos em situações discursivas. Podemos embasar tal afirmação ao resgatarmos os pressupostos do linguista estruturalista Ferdinand de Saussure sobre o assunto:

Saussure argumentava que nós não somos, em nenhum sentido, os ‘autores’ das afirmações que fazemos ou dos significados que expressamos na língua. Nós podemos utilizar a língua para produzir significados apenas nos posicionando no interior das regras da língua e dos sistemas de significado de nossa cultura. A língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós. Não podemos, em qualquer sentido simples, ser seus autores. Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais. (HALL, 2005:40)

A teoria cultural contemporânea concebe uma estreita relação entre identidade, diferença e sistemas de representação, na qual a identidade e a diferença estão estreitamente ligadas a sistemas de significação, isto é, os significados das palavras não são fixos e emergem das relações de similaridades e diferenças que as palavras têm com outras palavras, por exemplo, normal e diferente. A identidade é vista como uma produção que nunca se completa, que está sempre em processo de construção, sendo sempre constituída interna e não externamente à representação.

Segundo Hall (2009:17):

[...] a representação inclui práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. (HALL, 2009:17)

Desse modo, por meio da representação que assumem, ou que lhe são impostas por outras pessoas ou instituições, as *trans* dão sentido e significados às suas experiências e, conseqüentemente, ao seu ‘corpo diferente’. Uma vez que as identidades e a representação social das pessoas *trans* serão construídas por meio de discursos resultantes das interações sociais.

Woodward (2009) ainda faz uma importante assertiva sobre a intrínseca relação entre as identidades e o corpo, por este se caracterizar como “um dos elementos envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade” (WOODWARD, 2009:15).

Assim, ao analisarmos os discursos sobre as *trans*, devemos também analisar as identidades e as representações que assumem em suas experiências individuais e coletivas, bem como questionar os sistemas de representação que lhes dão suporte e sustentação por meio da reprodução de discursos hegemônicos (que muitas vezes são preconceituosos e equivocados). Segundo Silva (2009:95), retomando Butler (1999), “a mesma repetibilidade que garante a eficácia dos atos performativos que reforçam as identidades existentes pode significar também a possibilidade da interrupção das identidades hegemônicas.” Ao questionarmos e refletirmos sobre a reprodução das relações de poder existentes criamos possibilidades de novas identidades que não sejam representantes dessas relações de poder hegemônicas.

1.2.2 Significado representacional e a RAS

A ADC como proposta teórico-metodológica se caracteriza fundamentalmente pela interdisciplinaridade e heterogeneidade, ao reconhecer que, para que seja possível uma análise mais ampla acerca da relação entre linguagem e sociedade, assim como analisar problemas sociais discursivamente, é necessário romper fronteiras/limites disciplinares e utilizar conceitos e categorias presentes em outras áreas do saber. Nesta perspectiva, tal abordagem considera a linguagem como prática social que é determinada e restringida pelo social, mas que também influencia e transforma-o, caracterizando a linguagem não apenas como um reflexo das estruturas sociais, mas também um de seus componentes intrínsecos, um fenômeno complexo, um processo de interação e produção social não transparente que constitui o social, os objetos e os sujeitos sociais (FAIRCLOUGH, 2001).

Para evidenciar representações excludentes de atores sociais em determinados contextos, Fairclough (2003) propõe um diálogo com a teoria de Representação dos Atores Sociais desenvolvida por Theo van Leeuwen (1997, 2008), pois na medida em que tais representações ajudam a sustentar relações de dominação no interior de uma determinada prática, elas são ideológicas, e pelo fato de serem representações, podem ser desconstruídas.

Van Leeuwen (1997, 2008) relaciona os atores sociais ao contexto sócio-cultural com base na Gramática Sistêmico Funcional de Halliday (1978) e Halliday & Matthiessen (1994), que concebe a linguagem como potencial de significados produzidos em contextos de situação e cultura, e em algumas especificidades linguísticas da Retórica, a fim de verificar como os indivíduos ou grupos sociais são representados discursivamente, como são incluídos ou excluídos do discurso de modo significativo e quais são as escolhas que a língua nos apresenta para nos referirmos às pessoas.

Nessa perspectiva, van Leeuwen (1997, 2008) propõe um inventário sócio-semântico dos modos como os atores sociais podem ser representados, a Teoria da Representação dos Atores Sociais (RAS), estabelecendo a importância sociológica e crítica de algumas categorias linguísticas. Sugere que essas categorias devem ser compreendidas como pan-semióticas, uma vez que uma dada cultura, ou um dado contexto de uma cultura, não só tem a sua própria e específica ordem de formas de representar o mundo social, mas também as suas próprias formas de representar as diferentes semióticas nesta ordem, de determinar, com maior ou menor rigor, aquilo que pode ser realizado de modo verbal e visual, o que só pode realizar-se verbalmente, o que só pode realizar-se visualmente (VAN LEEUWEN, 1997:171).

Assim, os significados pertencem à cultura, preferencialmente à linguagem, e não podem ser ligados a uma semiótica específica (VAN LEEUWEN, 2008:24), o que nos remete à ideia de que as categorias representacionais dos atores sociais pertencem a uma rede de sistemas linguísticos distintos e complexos que contempla aspectos léxico-gramaticais e figuras retóricas. Além disso, os sistemas linguísticos no discurso sofrem transformações por meio de processos que envolvem o apagamento, a reestruturação e a substituição da consistência linguística.

Para van Leeuwen (1997, 2008), os atores sociais podem ser excluídos ou incluídos de acordo com interesses e propósitos em relação aos leitores/às leitoras que o texto se dirige, por meio dos processos de *Inclusão* e *Exclusão*. Van Leeuwen (1997) afirma que o processo de exclusão tem funcionado como um importante aspecto para se compreender como os atores sociais são representados em textos, pois as “representações incluem ou excluem atores sociais para servir os seus interesses e propósitos em relação aos leitores a quem se dirigem” (VAN LEEUWEN, 1997:183). Esse processo pode ocorrer por supressão, um meio de excluir sem deixar referência dos atores sociais em qualquer parte do texto, ou pelo ato de colocar o ator em segundo

plano, isto é, os atores excluídos podem não ser mencionados em relação a uma dada atividade, mas estão presentes em algum lugar no texto.

Quanto ao processo de inclusão, van Leeuwen (1997) afirma que esse processo é importante no que tange à força política da representação dos atores sociais, pois no discurso as representações e as relações dos atores sociais sofrem uma distribuição que não reflete a prática social, ou seja, não é necessário que haja coerência entre o papel que os atores sociais desempenham em práticas sociais e os papéis gramaticais que lhes são atribuídos no texto (VAN LEEUWEN, 1997:186). A inclusão subdivide-se em: *Ativação* - representação que atribui papel ativo ao(s) participante(s), ator social como agente/ construção dinâmica e ativa, e é realizado por meio das categorias de participação, circunstancialização e possessivação; *Passivação* - o ator social é representado como paciente, submetido a uma ação e, cuja realização se dá pela sujeição e beneficiação; *Personalização* - ator social representado de modo personalizado, por meio de pronomes pessoais, possessivos adjetivos, nomes próprios ou substantivos, com características humanas; *Impersonalização* - ator social representado de modo não personalizado, através da escolha de substantivos abstratos ou concretos cujos significados não incluem a característica semântica humana.

Exclusão	Supressão	
	Encobrimento	
Inclusão	Ativação	Participação Circunstancialização Possessivação
	Passivação	Sujeição Beneficiação
	Personalização	Determinação Indeterminação
	Impersonalização	Abstração Objetivação

Quadro 3 - Categorias da Representação dos Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 2008).

No presente estudo nos ativemos à análise dos dados tendo em vista o processo de inclusão e suas subcategorias mais recorrentes, uma vez que objetivávamos saber como os veículos midiáticos incluíam a Laerte e as *trans* em seus textos.

De acordo com van Leeuwen (2008), a representação é uma forma de recontextualização de práticas sociais realizadas em eventos sociais, baseadas naquilo que se diz, que se faz e que se representa em contextos socioculturais distintos, instanciando realizações diferentes. Ressalta-se, assim, o valor potencial da linguagem

na manutenção, produção e transformação das representações, neste caso em específico, a representação sócio-discursiva das *trans*. Ademais, acrescenta que o modo de representar seres, coisas e entidades se encontra na representação de aspectos do mundo físico ou mental, através das crenças, dos sentimentos e valores realizados por meio de escolhas linguísticas instanciadas nos mais variados contextos situacionais. Desse modo, o conceito de escolha, advinda da Linguística Sistêmico-Funcional, é de suma importância para esse estudo, pois as escolhas lexicogramaticais realizadas pelos falantes não são aleatórias, uma vez que estão condicionadas ao contexto.

A Teoria da Representação dos Atores Sociais (RAS), por se configurar como uma das vertentes que se ocupam da relação entre linguagem, poder e controle, coaduna-se aos estudos discursivos críticos que compreendem o discurso como prática social, isto é, uma forma de ação e interação, e como representação de práticas sociais, meio de conhecimento. Fairclough (2003) alinha-se à proposta de van Leeuwen (1997, 2008), por compreender que há formas distintas de representação dos processos e participantes em dada situação, além de conceber a representação como recontextualização, pois ao representar um evento social, este é incorporado ao contexto de outro evento social, o que também nos leva a refletir acerca do modo como nos referimos aos agentes sociais, o universal e o particular, assim como sobre a agência, como os textos representam a agência, se as ações são representadas de modo a especificar ou suprimir a agência dos agentes.

Destarte, ao analisarmos os atores sociais envolvidos em eventos e práticas sociais e as relações estabelecidas entre eles sob uma perspectiva representacional, devemos atentar para vários aspectos, tais como: quais atores sociais são incluídos ou excluídos na representação e como? O que é evidenciado ou excluído? Quais atributos são utilizados? Quais são as avaliações observadas? Quais são os participantes e processos?

Segundo Resende e Ramalho (2006):

A criação ou proliferação de diferenças e a subversão ou ofuscação de diferenças entre objetos, entidades, eventos e atores sociais em representações são aspectos do processo social contínuo de classificação [...] A identidade a diferença relacionam-se, pois, às maneiras como a sociedade produz e utiliza classificações, por isso são conceitos importantes em teorias críticas, interessadas na investigação de relações de dominação – o privilégio de classificar implica o privilégio de atribuir valores aos grupos classificados. É por meio da representação que identidade e diferença ligam-se a sistemas de poder; questionar identidades e diferenças é, então, questionar os

sistemas legitimados que lhes servem de suporte na atribuição de sentido. (RESENDE & RAMALHO, 2006:77)

Ao refletirmos sobre as classificações e identificações dos atores sociais do nosso estudo, deparamo-nos com significativas atribuições de valores e avaliações e, por isso, utilizaremos, ao longo das análises dos dados quanto aos significados identificacional e representacional as categorias propostas pela teoria da Avaliatividade/Valoração²⁴, com base nos estudos propostos por White (2004), Martin & White (2005) e Vian Jr. (2009). Entendemos que tanto a ADTO quanto a teoria da Avaliatividade/Valoração estão interessadas na análise e reflexão acerca das escolhas e combinações feitas a fim de gerar, em graus mais ou menos elevados, certas atitudes, afetos, apreciações, avaliações, gradações, ênfases, distanciamentos etc. A isso dedicamos a próxima subseção.

1.2.3 Avaliatividade: diálogos e possibilidades

Para White (2004), a avaliatividade ocupa-se, principalmente, em analisar as funções sociais do modo como os recursos de avaliação e perspectiva operam nos textos ou em grupos de textos, nos textos como meios possíveis pelos quais os indivíduos adotam certas posições de valor determinadas socialmente e, desse modo, se distanciam ou se aproximam de grupos e assuntos associados ao contexto comunicacional em questão. Portanto, como pondera Vian Jr. (2009), a avaliatividade estaria relacionada a “todo o potencial que a língua oferece para realizarmos significados avaliativos, ou seja, para expressarmos pontos de vista positivos ou negativos, para graduarmos a força ou o foco do que expressamos e para negociarmos a inter-subjetividade” (VIAN JR., 2009: 103).

O sistema de avaliatividade proposto por Martin e White (2005) abrange três subsistemas: *Atitude*, *Engajamento* e *Gradação*. A Atitude diz respeito a sentimentos e

²⁴ Jim Martin, professor da universidade de Sydney, e Peter White, especialista em discurso midiático, desenvolveram, nos anos 1990, uma teoria denominada *Appraisal System*, baseada na semântica do discurso e que diz respeito à metafunção interpessoal da linguagem (HALLIDAY, 1985, 2004). No Brasil, a teoria tem sido chamada por alguns, como o pesquisador Orlando Vian Jr., de Teoria da Valoração, por outros, Teoria da Avaliação e ainda, por outros, Avaliatividade. Apesar dos autores utilizarem terminologias distintas para se referir à análise do modo como o produtor de um texto, oral ou escrito, se posiciona em relação ao seu leitor/interlocutor, bem como a forma como julga, avalia, aprecia etc. algo ou alguém em um texto, baseiam suas reflexões nos estudos propostos pela Linguística Sistêmico Funcional, mais especificamente na Gramática Sistêmico Funcional, para discutir e aplicar as categorias analíticas de Atitude, Engajamento, Gradação. Assim, utilizaremos o termo *avaliatividade* para nos referir à abordagem utilizada para analisar a avaliação e a perspectiva em textos.

juílgamentos que o locutor expressa em relaçaõ ao mundo que o cerca; o Engajamento refere-se à adesãõ ou nãõ do autor ao dizer do outro, e a Gradaçaõ está relacionada à intensificaçaõ ou à mitigaçaõ dos significados manifestados nos outros dois subsistemas.

A Atitude subdivide-se em: *Afeto*, *Julgamento* e *Apreciaçaõ*. O Afeto refere-se a sentimentos positivos e negativos que demonstramos através da linguagem, podendo ser manifestos por meio de atributos, de processos mentais ou comportamentais e circunstancializadores.

O Julgamento refere-se a posições adotadas em relaçaõ ao comportamento e ao caráter das pessoas. A aprovaçaõ ou a reprovaçaõ em relaçaõ ao outro pode ser por meio das subcategorias: *Estima Social* e *Sançaõ Social*. A Estima Social diz respeito às relações cotidianas entre as pessoas, e se realiza em termos de comportamentos de normalidade - quãõ frequente um comportamento é -, capacidade - quãõ capaz uma pessoa é - e tenacidade - quãõ persistente ou resoluto alguém é. Já a Sançaõ Social, diz respeito às normas e padrões rígidos estabelecidos nos grupos, geralmente fixados por legislaçaõ, preceitos morais ou religiosos. Diz respeito à veracidade - quãõ verdadeiro ou confiável alguém é - e à propriedade - quãõ ético alguém é.

A Apreciaçaõ, diferentemente do Julgamento, se refere a opiniões quanto a objetos, instrumentos, produtos ou mesmo elementos naturais, sob o ponto de vista da estética, da composiçaõ ou do valor.

Quanto ao engajamento, Martin e White (2005) baseiam-se nos conceitos bakhtinianos de dialogia e heteroglossia, pelos quais toda a comunicaçaõ verbal é dialógica, isto é, todo falar/dizer/escrever é realizado em resposta a outrem/outros textos/ outras vozes. O Engajamento pode realizar-se por meio de duas formas: pela *Expansãõ Dialógica* ou pela *Contraçaõ Dialógica*. Na *Expansãõ Dialógica*, o locutor demonstra adesãõ à(s) outra(s) voz(es) presente(s) no texto, há abertura para o diálogo, e pode ocorrer por meio de recursos que expressam refutaçaõ e/ou declaraçaõ. Na *Contraçaõ Dialógica*, por sua vez, nãõ há abertura espaço dialógico para outras posições, e pode ocorrer por meio dos recursos que expressam suposiçaõ e/ou atribuiçaõ.

Por fim, o subsistema Gradaçaõ diz respeito à forma de intensificaçaõ ou mitigaçaõ dos significados experienciais apresentados nos outros sistemas. O locutor utiliza escalas de avaliaçaõ em termos de tamanho, força, vigor etc. A Gradaçaõ subdivide-se em *Força* e *Foco*.

A Força refere-se a categorias que indicam intensidade ou quantidade e realiza-se através de itens lexicais que denotam intensificação ou que denotam quantificação. O Foco diz respeito a categorias não passíveis de graduação e se referem à classificação prototípica dos seres ou comportamentos. Instancia-se em termos de precisão, em que a participação em uma categoria é reforçada e em termos de mitigação, em que a participação em uma categoria é abrandada.

Ao ponderar acerca das análises com base na avaliatividade, Vian Jr. (2009) diz que devemos nos atentar para a correlação entre texto e sistema, uma vez que as nossas escolhas são ideológicas e dialógicas. Além do mais, um item lexical pode ser caracterizado como tendo um significado avaliativo em um dado contexto, mas não em outro.

A avaliatividade [...] está relacionada ao sistema e cada uma das escolhas avaliativas feitas pelo usuário, permeada por outros discursos, por suas crenças, seus julgamentos, suas experiências de mundo, afeto e diversos outros elementos contextuais e individuais serão instanciadas e realizadas no texto léxico-gramaticalmente. (VIAN JR., 2009: 126)

Essa abordagem nos permite uma exploração mais rica e ampla quanto às formas como a voz textual se posiciona em relação às avaliações e às perspectivas, além de propiciar um estudo acerca do modo como alguns significados contribuem para evidenciar, excluir, contemplar, acentuar, respeitar, propagar as construções identitárias e representações sociais dos indivíduos que são caracterizados/identificados como minoria.

Além da avaliação, outra categoria importante no desenvolvimento do nosso estudo quanto ao “grau de comprometimento” dos autores nos textos é a *modalidade*. Para Halliday (1985:75), a modalidade refere-se ao “julgamento do falante sobre as probabilidades ou obrigatoriedades envolvidas no que diz” e está associada ao traço semântico da polaridade - escolha entre positivo e negativo, oposição entre sim e não. Para Fairclough (2003), a modalidade “pode ser vista como a questão de quanto as pessoas se comprometem quando fazem afirmações, perguntas, demandas ou ofertas”. As afirmações e as perguntas dizem respeito à troca de conhecimento/informação, ao comprometimento com a verdade - *modalidade epistêmica* - e as demandas e as ofertas referem-se à troca de atividade/bens e serviços, ao comprometimento com a obrigatoriedade/necessidade - *modalidade deôntica*.

Fairclough (2003) acrescenta ainda que a modalidade é um elemento importante na tessitura das identidades sociais e pessoais, pois o quanto você se compromete (ou não) é uma parte significativa de quem você é no processo de tessitura das auto-identidades. Assim, a modalidade é compreendida como a relação entre o autor de um texto e a representação.

Para Resende & Ramalho (2006), o processo de identificação sempre é afetado pelo processo de relação social, uma vez que as escolhas de modalidade são significativas tanto na identificação quanto na ação e na representação, exemplo da relação dialética entre os três aspectos do significado. Retomando Fairclough (2001b), as autoras pontuam a sugestiva relação entre modalidade e hegemonia, pois “o uso restrito de elementos modalizantes e a predileção por modalidades categóricas e por modalidades objetivas permitem que perspectivas parciais (discursos particulares) sejam universalizadas” (RESENDE & RAMALHO, 2006:85). Ressaltam ainda que as perspectivas parciais também podem ser universalizadas por meio das *metáforas*.²⁵

Segundo Fairclough (2001:241), as metáforas penetram em todos os tipos de linguagem e em todos os tipos de discurso, não sendo apenas adornos estilísticos superficiais do discurso. Dessa forma, quando significamos algo por meio de uma metáfora e não de outra, estamos construindo nossa realidade de um modo e não de outro; as metáforas estruturam a maneira como pensamos e agimos, e nossos sistemas de conhecimento e crença, de uma forma penetrante e fundamental. Fairclough (2001) afirma ainda que algumas metáforas são tão profundamente naturalizadas no interior de uma cultura particular que as pessoas não apenas deixam de percebê-las na maior parte do tempo, considerando extremamente difícil escapar delas no seu discurso, pensamento ou ação, mesmo quando despertam a atenção para isso.

Ao tratarmos das práticas sociais devemos lembrar que estas possuem várias orientações (econômica, política, cultural, ideológica), mas, nesta pesquisa desenvolvida sob o viés faircloughiano, nos ateremos à concepção do discurso como prática política, a qual estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos), entre as quais existem tais relações de poder. Bem como ao discurso como prática ideológica, que constitui, naturaliza, mantém e

²⁵ As metáforas, segundo Lakoff & Johnson (2002) retomados por Resende & Ramalho (2006), podem ser: *Conceituais* = conceitos são estruturados metaforicamente em termos de outros; *Orientacionais* = conceitos recebem uma orientação espacial não-arbitrária, pois é baseada na nossa experiência física e cultural e/ou *Ontológicas* = maneiras de entender eventos, atividades, emoções, ideias como entidades e substâncias.

transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder (FAIRCLOUGH, 2001:94).

1.3. Relações de poder, ideologia e hegemonia ideológica

Os conceitos de ideologia e hegemonia são muito importantes na compreensão do discurso como momento da prática social. A ideologia está intrinsecamente ligada às relações sociais, como expressão de tomada de determinada posição, reproduzida por indivíduos posicionados sócio-historicamente.

Para Fairclough (2001:117), ideologia:

são significações/ construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (FAIRCLOUGH, 2001:117)

A posição que Fairclough (2001) assume em relação à ideologia é bem semelhante à de Thompson (1990), para o qual “determinados usos da linguagem e de outras ‘formas simbólicas’ são ideológicos, isto é, servem, em circunstâncias específicas, para estabelecer ou manter relações de dominação.” (FAIRCLOUGH, 2001:117).

Essas teorias concebem ideologia como parte das práticas discursivas, por isso, torna-se eficaz quando é naturalizada ao ponto de se tornar senso comum, seja em textos escritos ou falados. A interpretação ideológica requer reflexividade, uma vez que:

os sentidos são produzidos por meio de interpretações dos textos e os textos estão abertos a diversas interpretações que podem diferir em sua importância ideológica e porque os processos ideológicos pertencem aos discursos como eventos sociais completos - são processos entre as pessoas - não apenas aos textos que são momentos de tais eventos. (FAIRCLOUGH, 2001:119).

No que tange à hegemonia, Fairclough (2001) a compreende como um domínio exercido pelo poder de um determinado grupo sobre os demais; tal domínio é baseado antes no consenso, por meio de alianças, por exemplo, do que no uso da força. Porém, a dominação exercida pela hegemonia está sempre em equilíbrio instável, por isso a noção de luta hegemônica como foco de luta sobre pontos de instabilidade em relações hegemônicas. As alianças entre as classes são construídas por meio de concessões ou

por investimentos ideológicos, para se obter tal consentimento. Vale ressaltar que as relações de classe são “apenas uma forma de dominação e subordinação, constituem apenas um eixo da desigualdade e exploração; as relações de classe não são, de modo algum, a única forma de dominação e subordinação.” (THOMPSON, 1990:77).

Dessa forma, o conceito de hegemonia nos possibilita analisar como as relações de poder, por meio dos discursos, reproduzem, reestruturam ou desafiam as hegemonias e os discursos hegemônicos existentes. As hegemonias são produzidas, reproduzidas, contestadas e transformadas no e pelo discurso. A relativa permanência de articulações entre elementos sociais cria uma possibilidade intrínseca de desarticulação e rearticulação desses elementos sociais (FAIRCLOUGH, 2001). Baseando-se na teoria proposta por Gramsci (1971), Fairclough (2001:122) acrescenta que:

Hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas. A luta hegemônica localiza-se em uma frente ampla, que inclui as instituições da sociedade civil (educação, sindicatos, família) com possível desigualdade entre diferentes níveis e domínios (FAIRCLOUGH, 2001:122).

A hegemonia permite um foco maior sobre a mudança discursiva em relação à mudança social e cultural. Assim, “as origens e as motivações imediatas da mudança no evento discursivo repousam na problematização das convenções para os produtores ou intérpretes, que pode ocorrer de várias formas” (FAIRCLOUGH, 2001:127). A mudança discursiva envolve transgressão, rompimento de barreiras, deixando traços, nos textos, por exemplo, na co-ocorrência de elementos formais e informais; vocabulários técnicos e não-técnicos; marcadores de autonomia e de autoridade e formas de escrita e fala.

Assumimos, portanto, juntamente com Resende (2009), que os estudos discursivos críticos são instrumentos importantes para uma abordagem crítica e social de textos uma vez que olha não só para a linguagem, mas também para a sociedade. A ADC constitui-se como um programa de ação social contra as relações de dominação que se dão, também, por meio do discurso. Nesta perspectiva, acreditamos que uma postura crítica acerca dos textos, tendo como foco a linguagem na vida social, orienta-se para o desenvolvimento de uma agenda política e ética decorrente da tese de que nossas práticas discursivas não são neutras, e que podemos ser solidários com os oprimidos, além de ser um arcabouço teórico-metodológico que pode ser usado em áreas diferentes

das Ciências Humanas e Sociais, tornando-se ferramenta para pesquisa interdisciplinar (FABRÍCIO, 2006; MOITA LOPES, 2006; PENNYCOOK, 2006; CHOULIARAKI E FAIRCLOUGH, 1999; RESENDE, 2009).

Como dito previamente, a hegemonia fundamenta-se em um processo de dominação que utiliza mais o consenso do que a força, e assim, investe ideologicamente e naturaliza formas particulares de representação social, identidades, práticas discursivas e de relações sociais. Nesta pesquisa buscamos, sobretudo, evidenciar confrontos hegemônicos entre concepções/forças que dizem respeito ao gênero, à ideia sobre o que é ser homem ou mulher, sobre o que é ser pessoa pública e pessoa privada, sobre o que é do ‘mundo feminino’ e do ‘mundo masculino’, práticas reguladas pela matriz heterossexual vigente (BUTLER, 2008). Assim como discutimos como as *trans* se estabelecem como “movimento” de resistência, luta e contestação ideológica e política, os quais, de modo significativo, contribuem para questionarmos os padrões normativos de definição e controle dos corpos.

1.4. Identidades e representações sociais

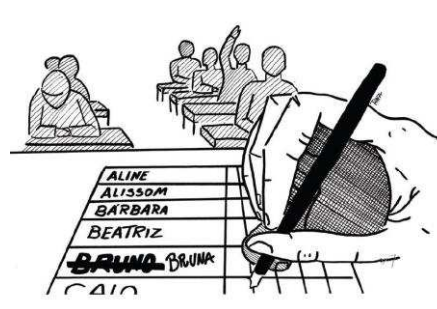
Segundo Resende & Ramalho (2006:72), “as maneiras como atores sociais são representados em textos podem indicar posicionamentos ideológicos em relação a eles e a suas atividades”. Isto é, o ator social pode ser incluído ou excluído, nomeado ou funcionalizado, pode ser alvo de avaliações negativas ou positivas, sua agência/participação pode ser evidenciada ou obscurecida.

Nos âmbito dos Estudos Culturais, a representação é compreendida como um sistema linguístico e sociocultural vinculado às relações de poder. Desse modo, um dado aspecto do mundo pode ser representado de diferentes formas em um texto produzido por uma instituição, de modo que as distintas formas de representação estão sujeitas a escolhas linguísticas que serão realizadas em construções discursivas, instanciadas nas mais diversas práticas sociais. Para Silva (2000: 91), a representação “é como qualquer sistema de significação uma forma de atribuição de sentido. Como tal, a representação é um sistema linguístico e cultural: não-arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder” e “é por meio da representação que por assim dizer a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa neste caso dizer: ‘essa é a identidade’, ‘a identidade é isso’.”

Van Leeuwen (2008), nos estudos discursivos críticos, afirma que a representação é uma forma de recontextualização de práticas sociais realizadas em eventos sociais, baseadas naquilo que se diz/faz/representa em contextos socioculturais distintos, instanciando realizações diferentes. Dessa forma, evidencia-se o valor potencial da linguagem na manutenção, produção e transformação das representações, além de nos elucidar que os modos de representar seres, coisas e entidades baseiam-se em aspectos do mundo físico ou mental, por meio de crenças, sentimentos e valores que são realizados através de escolhas linguísticas instanciadas nos mais variados contextos de situação. Mais uma vez, a noção de escolha, advinda dos estudos sistêmico-funcionais, é relevante, pois as escolhas lexicogramaticais realizadas pelos falantes não são aleatórias, estão condicionadas ao contexto. Ademais, cada escolha realizada e instanciada de um elemento linguístico pode influenciar ou determinar outras escolhas.

Partindo da compreensão de discursos como modos particulares de representar aspectos do mundo, sejam eles as relações sociais, o mundo material, as crenças etc., entendemos que os diferentes discursos se constituem como diferentes perspectivas do mundo, as quais são associadas a diferentes relações que as pessoas estabelecem com o mundo, suas identidades pessoais e sociais, e as relações sociais que estabelecem com outras pessoas. Assim, julgamos essencial o desenvolvimento de pesquisas discursivas críticas que empreendam análises mais amplas acerca das representações e construções identitárias do *corpo diferente*; neste estudo, em específico, as representações sócio-discursivas e as construções identitárias das *trans*, para que seja possível o desvelamento de discursos altamente ideológicos e hegemônicos.





Capítulo 2

O(s) gênero(s) e a subversão das identidades

2.1. Visibilidades do Corpo

O historiador Thomas W. Laqueur, em sua importante obra *Inventando o Sexo - Corpo e Gênero dos Gregos a Freud*, discorre sobre a história da noção de sexo no pensamento médico, filosófico e político do século XVIII até o século XX. Inicialmente afirma que a medicina ocidental do século XVIII não podia representar a “sexualidade humana”²⁶ como dividida, originalmente e de forma bipolar, entre sexualidades masculina e feminina, e, por isso, o modelo científico dominante era o modelo do sexo único. Esse modelo, inspirado na filosofia neoplatônica de Galeno, descrevia a mulher como um ser imperfeito e inferior.

Ainda no século XVIII, surgiu a visão, que acabou por se tornar dominante, de “dois sexos estáveis, incomensuráveis e opostos, e que a vida política, econômica e

²⁶ Na Psicanálise, o sexo, basicamente, se refere à conformação característica que distingue o macho da fêmea nos animais e nos vegetais. Já a sexualidade estaria diretamente relacionada à libido (pulsão), que nos leva a fantasiar, desejar, a termos um corpo erótico que reage ao toque, à fantasia, à escuta, à visão, ao olfato e que não estaria relacionado apenas ao órgão sexual, mas ao corpo como um todo.

cultural dos homens e das mulheres, seus papéis no gênero, são de certa forma baseados nesses fatos.” (LAQUEUR, 2001:18). As discussões sobre as diferenças e peculiaridades entre ser homem e ser mulher por muitos anos se resumiram às seguintes conclusões: as mulheres têm as mesmas genitálias que os homens, só que as delas ficam para dentro; mulheres menstruam e amamentam, os homens não; mulheres têm um ventre onde os fetos se desenvolvem, homens não têm nem esse órgão nem essa capacidade; mulheres são homens virados para dentro.²⁷

Em 1800, estudiosos do tema basearam seus estudos sobre a diferenciação entre homem e mulher em distinções biológicas altamente contestáveis, elencadas em uma série de oposições e contrastes, nas quais as características e componentes do homem serviam como base. Diziam-se capazes de identificar aspectos essenciais e inerentes às mulheres que as diferenciariam e definiriam, tais como: o nariz, os olhos, a sobrancelha, a boca, as orelhas, o queixo, a face etc. No entanto, apesar de notar as diferenças anatômicas entre homens e mulheres, assim como distinguir o masculino e o feminino, esses médicos não interpretavam o que viam como diferença de qualidade entre espécies naturais, mas sim como diferença de graus em uma mesma espécie.

No final do século XVIII, os revolucionários europeus, principalmente os franceses, precisavam justificar a tradicional desigualdade entre homens e mulheres. Assim, dizia-se que os homens/machos eram iguais, mas as mulheres eram mentalmente frágeis, imaturas/infantis e, conseqüentemente, estariam incapacitadas para exercer as tarefas intelectuais, científicas e políticas, tradicionalmente desempenhadas pelos homens. Perpetuava-se ainda a idéia da mulher inferior ao homem. Ainda nesse período, continuaram a afirmar que a diferenciação poderia ser observada/constatada não apenas em corpos visíveis, mas também em componentes microscópicos, como a suposição de que as mulheres seriam mais passivas, conservadoras, indolentes e variáveis. Produziram-se guias para senhoras, em grande parte baseados na medicina galênica, os quais sugeriam que as meninas podiam tornar-se meninos, e os homens que convivessem demasiadamente com mulheres podiam perder a rigidez e a definição de seus “corpos perfeitos”, o que os levaria a se tornar homens afeminados. Ser homem ou ser mulher era, basicamente, “sustentar uma posição social, um lugar na sociedade, assumir um papel cultural, não *ser* organicamente um ou o outro de dois sexos

²⁷ LAQUEUR, T. W. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

incomensuráveis” (LAQUEUR, 2001:19). O sexo se resumia a uma categoria sociológica.

As novas perspectivas em relação a ser mulher e ser homem, às diferenças (não só biológicas) entre homem e mulher, adviriam dos desenvolvimentos analíticos epistemológicos e políticos. Sobre tal fato, Laqueur (2001:22) nos lembra que:

em certos contextos específicos, o corpo não era mais visto como um microcosmo de uma ordem maior, na qual cada partícula da natureza é posicionada dentro de várias camadas de significação. A ciência [...] criava um corpo de conhecimento ao mesmo tempo infinito e extremamente pobre [...] A política, amplamente compreendida como competição de poder, criou novas formas de constituir o sujeito e as realidades sociais dentro das quais o homem vivia. Falar em tom sério sobre sexualidade era, inevitavelmente, falar sobre a ordem social que ela representava e legitimava (LAQUEUR, 2001:22).

Mas as mudanças sociais e políticas não foram as únicas responsáveis pela reinterpretação dos corpos. Também contribuíram a ascensão do protestantismo, a teoria política do Iluminismo, o desenvolvimento de novos tipos de espaços públicos no século XVIII, as ideias de Locke sobre o casamento, as mudanças sociais elaboradas na Revolução Francesa, o feminismo pós-revolucionário, o nascimento das classes sociais, a reestruturação da divisão do trabalho de acordo com o ‘sexo’ etc.

A obra *Inventando o Sexo* de Laqueur se destaca no sentido de proporcionar um resgate histórico da obsessão por sexo e gênero, a história da anatomia e da própria medicina e seus estudos, a influência de outras áreas/instituições na concepção do sexo, principalmente a religião, ao mesmo tempo em que podemos constatar ser irrelevante simplificarmos e perpetuarmos as diferenças entre homens e mulheres baseadas somente em um aspecto, como o biológico, dividi-los em superiores e inferiores, em seres completos e incompletos, em competentes e incompetentes. Assim como não mais reduzir o sexo ao ato sexual com vistas à reprodução humana. O historiador ainda ressalta que o sexo, assim como o ser humano, seria contextual, e, por isso, as possíveis tentativas de isolá-lo de seu meio discursivo e determinado socialmente não obteriam sucesso, assim como “a busca do *philosophe* por uma criança verdadeiramente selvagem ou os esforços do antropólogo moderno para filtrar o cultural e deixar um resíduo de humanidade essencial” (LAQUEUR, 2001:27).

A correspondência direta entre o sexo e a reprodução biológica da espécie deixou de ser praticada somente a partir do desenvolvimento dos métodos contraceptivos, nos anos 1960, e o surgimento da AIDS, nos anos 1980. Essa separação

impulsionou investigações sobre os sistemas de práticas e representações sociais ligados à sexualidade, legitimando-a como um campo de investigação (HEILBORN, 1999). Por conseguinte, o indivíduo passou a ser compreendido como um sujeito político, livre, cidadão, autônomo, portador de direitos.

Nos estudos advindos então, a sexualidade pode ser abordada em relação:

à família, ao parentesco, ao casamento e à aliança como constitutiva e, ao mesmo tempo, perturbadora da ordem social (antropologia e sociologia). Ela pode ser abordada, ainda, como constitutiva da subjetividade e/ou da identidade individual (psicanálise) e social (história e ciências sociais em geral); como representação (antropologia) ou como desejo (psicanálise); como um problema biológico/genético (medicina); ou ainda como um problema político e moral (sociologia, filosofia) ou, mais direta e simplesmente, como atividade sexual. (HEILBORN, 1999:32)

Foucault (1981), em *História da Sexualidade* vol.1, busca mostrar como a civilização ocidental se relacionava com o sexo a partir do início do século XVII. O sexo, segundo o filósofo, diferentemente de hoje, não era tratado como tabu, como algo proibido e sinônimo de obscenidade. Essa concepção mudou a partir da era vitoriana, em meados do século XIX. O sexo passou a ser visto como ato que deveria ser restrito ao casamento (entre um homem e uma mulher), estabeleceu-se uma intrínseca relação entre o sexo e o poder (quem domina o discurso²⁸ aberto e transgressor tem autoridade, como a igreja), e os que fugiam ao padrão sexual normativo estabelecido eram considerados transgressores, aberrações sexuais. A partir disso, as “anomalias sexuais” deveriam ser devidamente punidas e extintas.

Foucault (1981) relata sobre o surgimento de especialistas em sexo, como os psiquiatras e os psicanalistas, os quais se tornam responsáveis por dizer o que se pode ou não fazer, o que é certo ou errado, o que é proibido ou liberado em relação à “fonte da maioria dos anseios humanos.” Vale ressaltar que por muitos anos as pessoas identificadas como *trans* (gays, travestis, transexuais, transgêneros etc.) ainda eram tratadas como doentes que deveriam passar por tratamentos médicos a fim de “restabelecerem a norma”, a fim de “serem curados”, e, ainda hoje, as pessoas que desejam realizar a cirurgia de transgenitalização²⁹ devem passar por um

²⁸ Nessa perspectiva, o discurso é concebido como construção do saber efetuada na dispersão histórica e em relação intrínseca com o poder, este como instável, não localizado.

²⁹ Para conseguir realizar a cirurgia de transgenitalização, também conhecida no senso comum pelo termo ‘mudança de sexo’, a pessoa deve portar alguns laudos emitidos por endocrinologista, psiquiatra e psicólogo. E, para que esses laudos, que possuem a duração mínima de dois anos, sejam conquistados, a

acompanhamento médico que valida, ou não, a necessidade de tal intervenção cirúrgica para que, assim, a pessoa possa se sentir mais confortável/identificada com seu gênero/corpo.

Foucault (1981) também aborda o surgimento de um movimento “pró-monogamia heterossexual”, o qual se liga fortemente a uma das mais tradicionais instituições de nossa sociedade: o casamento. Assim, perpetua-se a ideia do sexo-disciplinar (controlando os corpos por meio de normas que devem ser estritamente seguidas), com função reprodutiva (e não de proporcionar prazer aos indivíduos), dentro de uma relação monogâmica (um homem e uma mulher) institucionalizada pela igreja (o casamento) e experienciado na intimidade de um quarto.

Quanto ao gênero, este, infelizmente, por muitos anos, não foi estudado em sua complexidade, sendo, por vezes, apenas confundido com o sexo.

A historiadora e antropóloga Maria Luiza Heilborn, no livro *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*, afirma que gênero é um conceito das ciências sociais que, em síntese, se refere à construção social do sexo. Desse modo, o sexo seria a caracterização anátomo-fisiológica dos indivíduos e a atividade sexual propriamente dita. Já o gênero se relacionaria à distinção do dimorfismo sexual dos humanos e à caracterização de masculino e feminino. Tal raciocínio baseia-se na visão de que há machos e fêmeas na espécie humana, mas que, no entanto, a qualidade de ser homem e ser mulher seria condição realizada pela cultura.

O renomado sociólogo Anthony Giddens (1993), em sua obra *A transformação da intimidade*, ao discutir sobre a heterossexualidade afirma que essa não é mais o padrão pelo qual tudo o mais é julgado. Mas, reconhece que os ‘diferentes’, além de fugirem à ‘normalidade’, ainda enfrentam preconceitos e os mais diversos tipos de violência, assim como suas lutas emancipatórias sofrem grande resistência por parte da sociedade. E mais, a identidade sexual seria caracterizada como um projeto reflexivo conduzido em meio a “uma profusão de recursos reflexivos”, como as revistas, programas de televisão, livros etc.

A respeito das constantes transformações e reformulações, Giddens (1993:38) diz:

os termos introduzidos para descrever a vida social habitualmente chegam e a transformam - não como um processo mecânico, nem

peessoa deve ‘provar’ para essa equipe multiprofissional que ela é aquilo que afirma ser, por exemplo, se ela se identifica como travesti, transexual, transgênero...

necessariamente de uma maneira controlada, mas porque tornam-se parte das formas de ação adotadas pelos indivíduos ou pelos grupos. (GIDDENS, 1993:38)

Como o foco deste trabalho é suscitar reflexões sobre as construções das identidades da cartunista Laerte Coutinho como travesti/transgênero/*trans* nos discursos dos veículos midiáticos, discutiremos o gênero com base nos estudos da renomada filósofa Judith Butler, expoente nos estudos da Teoria *Queer*, na próxima seção.

2.2. Teoria Queer e as novas possibilidades

O corpo, compreendido como um construto histórico, social e cultural, é o meio pelo qual a sociedade se expressa, se constitui no mundo. Assim, o corpo pode ser, e por vezes é domesticado, controlado, disciplinado pelas estruturas e instituições (BUTLER, 2008; FOUCAULT, 1987). Segundo Butler (2008), não podemos afirmar que os corpos têm uma significativa existência que preceda a marca do seu gênero, e por isso a autora questiona como o corpo pode vir a existir na marca do gênero e por meio dela, e como conceber o corpo além de um mero instrumento passivo “à espera da capacidade vivificadora de uma vontade caracteristicamente imaterial.” (BUTLER, 2008:27)

Para as teorias feministas, o conceito de gênero era concebido como culturalmente construído, diferentemente do de sexo, naturalmente adquirido, o que acaba(va) gerando/propiciando discursos preconceituosos que inferiorizavam as mulheres. Por outro lado, estudiosos como Judith Butler (2008) buscam suscitar reflexão acerca de afirmações quanto ao sexo e ao gênero, tais como “há um gênero que as pessoas possuem? O gênero é um atributo essencial que diz o que a pessoa é? Podemos perguntar ou determinar qual o gênero de alguém? O sexo é natural e o gênero é construído?”

Para Butler (2008), embora a teoria feminista pondere que há uma unidade na categoria ‘mulheres’, é necessário que abandonemos a premissa de que o gênero advém do sexo e passemos a discutir em que medida a distinção entre sexo e gênero é arbitrária, pois “talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (BUTLER, 2008:25). Desse modo, o sexo é compreendido não como algo natural, mas também construído discursiva e culturalmente como o gênero.

Em sua obra *Problemas de gênero - feminismo e subversão de identidade*, Judith Butler (2008) nos apresenta a Teoria *Queer*. Essa teoria teve origem nos Estados Unidos por volta dos anos 1980 após o desenvolvimento de estudos sobre gays e lésbicas, impulsionados pelo movimento feminista, e se ocupa, essencialmente, do estudo sobre gênero. Na Teoria *Queer*, entende-se que a orientação sexual, a identidade sexual ou de gênero dos indivíduos são resultado de um construto social, refutando, assim, a existência de papéis sexuais essenciais ou biologicamente determinados, afastando-se completamente de uma pretensa origem biológica.

A Teoria *Queer* foi fortemente influenciada pela obra do filósofo e historiador Michel Foucault, no entanto, expande a compreensão de gênero³⁰, não mais se restringindo a classificações opostas, ‘natural’ x ‘anormal’, comum principalmente na análise do comportamento dos ‘homossexuais’.

Desse modo, a teoria abrange todos os tipos de atividade sexual e de identidade classificados como desviantes ou normativos. No entanto, são recusadas classificações sociais da Psicologia, Filosofia, Antropologia e Sociologia baseadas em padrões de segregação, tais como classe social, sexo, raça etc., assim como classificações dos indivíduos, muitas vezes fortemente arraigadas a discursos hegemônicos preconceituosos e simplistas, em categorias como: homossexual, heterossexual, homem, mulher; que excluem completamente variações culturais possíveis, e cada vez mais discutidas nos mais diversos âmbitos da sociedade (Medicina, religioso, educacional, midiático, etc.), como as *trans*.

Por isso, em seus estudos e discussões, Judith Butler busca refletir questões que se fazem essenciais para o desenvolvimento da nossa pesquisa:

[...] que configuração de poder constrói o sujeito e o Outro, essa relação binária entre ‘homens’ e ‘mulheres’, e a estabilidade interna desses termos? Que restrição estaria operando aqui? Seriam esses termos não-problemáticos apenas na medida em que se conformam a uma matriz heterossexual para a conceituação do gênero e do desejo? O que acontece ao sujeito e à estabilidade das categorias de gênero quando o regime epistemológico da presunção da heterossexualidade é desmascarado, explicitando-se como produtor e reificador dessas categorias ostensivamente ontológicas?

³⁰ A fim de explicar as categorias de sexo, gênero e desejo como efeitos de uma formação específica de poder, Foucault, em uma tentativa de investigação crítica, institui a *genealogia*. Por meio desta, Foucault se opõe a buscar as ‘origens’ do gênero, da ‘verdade’ do desejo feminino ou uma identidade sexual autêntica oprimida pela repressão. Desse modo, é proposta uma crítica e reflexão política e social acerca das práticas e relações sociais, uma tentativa de compreender o modo como as complexas redes de exercício do poder se conformam em um processo naturalizado e perpetuado por meio do discurso.

Mas como questionar um sistema epistemológico/ontológico? Qual a melhor maneira de problematizar as categorias de gênero que sustentam a hierarquia dos gêneros e a heterossexualidade compulsória? (BUTLER, 2008:8).

Para Butler (2008), em nossa sociedade, estamos diante de uma espécie de ordem compulsória, a qual exige a coerência total entre um sexo, um gênero e um desejo/prática que são obrigatoriamente heterossexuais. Desse modo, os gêneros inteligíveis são regulados por aquela coerência, na qual um ser que nasce com uma anatomia masculina, deveria ser masculino, desejar mulheres e manter relações sexuais ativas com elas.

Na concepção normativa, o gênero é o responsável por produzir a falsa noção de estabilidade, na qual a matriz heterossexual está assegurada por dois sexos fixos e coerentes, que se opõem em contraposições binárias: macho x fêmea, homem x mulher, masculino x feminino. Todavia, para Butler (2008:25), “O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos”.

Os que não se enquadram na matriz heterossexual, ou seja, os “diferentes”, por sua vez, são alocados à margem, são renegados (BUTLER, 2008), sua existência e seus corpos são ameaçados socialmente, suas vidas se tornam fragilizadas e precárias, são julgados e considerados inferiores, aberrações, ridicularizados em uma sociedade que vive uma pretensa “vida saudável, perfeita e de acordo com os bons costumes”. Os diferentes/aberrações não apenas existem de forma excluída da normalidade, como são parte constitutiva dela, ou seja, são modelos do que não deve ser seguido, são considerados ameaças à sociedade que busca, a todo custo, perpetuar o que considera ser o “normal/natural.”

Butler (2008), ao discutir sobre a produção disciplinar do gênero, assevera que essa leva a uma falsa estabilização, ocultando as suas discontinuidades, e contribuindo para a construção e regulação heterossexuais da sexualidade no domínio da reprodução. Ademais, chama-nos atenção para o fato de que assim como o gênero não decorre necessariamente do sexo, o desejo/sexualidade parece não decorrer do gênero. Essa ressalva torna-se essencial nesta pesquisa, na medida em que as mídias, geralmente, abordam erroneamente, e de forma a nos preocupar, os conceitos de sexo, sexualidade e gênero, o que, conseqüentemente, resulta em uma construção equivocada por parte dos

leitores sobre esses conceitos distintos, e até a propagação de discursos hegemônicos que contribuem para a segregação e o desrespeito às diversidades.

Ao compreender o corpo humano como socialmente construído, podemos afirmar que a análise discursiva crítica da representação social dos/das (*trans*)gêneros, em especial da Laerte Coutinho, oferecerá uma das numerosas vias de acesso à estrutura de um tipo de sociedade particular. Sabe-se que cada sociedade elege certos atributos, valores e crenças que configuram o que o indivíduo deve ser, tanto do ponto de vista moral, intelectual, quanto físico. O corpo, como concretização do indivíduo, está submetido às imposições não só culturais, mas sociais e históricas; isso porque o corpo ou os corpos são afetados pela religião, pela classe social, orientação sexual, entre outros intervenientes sociais e culturais. A discussão sobre as “possibilidades de gênero” silenciadas, ocultadas, que começam a ser trazidas para a agenda do debate público-social, seja para refletir sobre os problemas sociais, seja para dar voz ao Outro, excluído, marginalizado, ainda é alvo de poucos estudos no âmbito dos estudos discursivos críticos.

Por isso, acreditamos que esta pesquisa poderá contribuir muito para a construção de novas perspectivas em relação aos indivíduos, suas identidades e possíveis significações e representações, assim como para uma maior/melhor compreensão dos conceitos de sexo e gênero, uma vez que forneceremos subsídios para o início de um processo para a desconstrução efetiva de discursos hegemônicos baseados em estruturas binárias que contribuem para a normatização dos corpos, dos discursos e das representações sobre as *trans* no cenário brasileiro. Objetivamos ainda tentar diminuir esta “outrofobia”³¹ (o não respeito, a marginalização e a prática de todos os tipos de violência em relação ao outro/diferente) latente na sociedade (pós)moderna, e, por vezes, arcaica. Concordamos, então, com Butler (2008), para a qual:

O gênero é uma complexidade cuja totalidade é permanentemente protelada, jamais plenamente exibida em qualquer conjuntura considerada. Uma coalizão aberta, portanto, afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso. (BUTLER, 2008:37)

Consideramos que o propósito do nosso estudo se coaduna com os questionamentos e reflexões propostas por Butler (2008), uma vez que um dos objetivos dessa pesquisa é analisarmos, sob o viés da ADC, como se dão as construções

³¹ Agradecemos a contribuição do nosso amigo e pesquisador Renan Araújo Gomes por compartilhar esse termo conosco.

Capítulo 3

PERCURSOS METODOLÓGICOS

3.1. Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa documental (Cf. RAMALHO & RESENDE, 2011) se apresenta nos moldes qualitativos e devido ao seu cunho crítico-discursivo não se limita somente à descrição das práticas históricas investidas política e ideologicamente ou dos discursos hegemônicos que excluem/apagam os que não se encaixam nos padrões vigentes (seja em relação ao corpo, ao comportamento, às ‘preferências’, às crenças etc.), mas busca também mostrar possibilidades (do ser) que são ‘esquecidas’, novos olhares sob os sujeitos e a relação entre o discurso e a sociedade, novas perspectivas de análise de um objeto de estudo (neste caso, em específico, as *trans*), promover uma postura mais reflexiva frente às práticas sociais e as representações dos seus atores, assim como discutir a fluidez e a fragmentação das construções identitárias. Desse modo, faz-se necessária a adoção de uma abordagem teórico-metodológica transdisciplinar que viabilize o desenvolvimento do estudo da linguagem, das entidades, estruturas e mecanismos que existem e operam no mundo (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999) em níveis mais profundos.

Segundo Resende e Ramalho (2006:36), a ADTO, na maioria das vezes, segue os seguintes passos: parte-se de um problema, que geralmente é baseado em relações de poder, na naturalização de discursos particulares como sendo universais; em seguida, há a identificação de elementos da prática social que sustentam o problema verificado e que constituem obstáculo para mudança estrutural; posteriormente, verifica-se se há uma função particular para o aspecto problemático do discurso; e por fim, há a avaliação de modos possíveis de ultrapassar os obstáculos. Assim, para análise dos dados obtidos neste estudo, utilizaremos o enquadre para a ADC proposto por Chouliaraki & Fairclough (1999):

1. Um problema		
2. Obstáculos a serem superados	(a) Análise da conjuntura	
	(b) Análise da prática em particular	(i) Práticas relevantes (ii) Relações do discurso com outros momentos da prática
	(c) Análise do discurso	(i) Análise estrutural (ii) Análise interacional
3. Função do problema na prática		
4. Possíveis maneiras de superar obstáculos		
5. Reflexão sobre a análise		

Quadro 4 - A abordagem teórico-metodológica para a ADC (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999:60)

Todavia, ressaltamos que os dados serão analisados com base não só nos métodos desenvolvidos na ADTO, mas também pelos dados gerados pela ferramenta computacional *Wordsmith Tools* (SCOTT, 2004), a fim de focalizar a frequência de palavras vinculadas ao gênero e sexo (*Wordlist*), bem como investigar como os itens lexicais que tratam do gênero e do sexo são cotextualizados (*Concord*), isto é, o que os precedem e os sucedem. Utilizamos, ainda, a Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 2004), a fim de analisar as relações lexicais utilizadas para tematizar a relação entre o gênero e o sexo, com base no *Sistema de transitividade*, verificando quais os tipos de Processos realizados pelos Participantes, quais as formas de representação dos atores sociais que são percebidas a partir da descrição da estrutura de transitividade, para, assim, compreendermos como a representação do gênero e do sexo é construída. E, a Teoria da Avaliatividade (WHITE, 2004; VIAN JR., 2009), para que seja possível analisar as estratégias discursivas utilizadas nos textos midiáticos online, bem como os subsistemas propostos por Martin e White (2005) - *Atitude, Engajamento e Gradação* - e avaliações - *Afeto, Julgamento e Apreciação* - relacionadas ao gênero e à sexualidade presentes nos textos analisados.

3.2. Construção e sistematização do corpus

O corpus constitui-se de 8 textos jornalísticos divulgados entre setembro de 2010 (veiculação das primeiras entrevistas, matérias, reportagens etc. sobre o processo de *travestilidade* da Laerte) e maio de 2013 (últimas publicações anteriores ao início da análise dos dados), extraídos dos seguintes veículos: *Bravo online* (set. 2010); *Último segundo* - portal IG (out. 2010); *Seção Moda* - IG (out. 2010); *Revista Trip* (dez. 2010); *Suplemento Pernambuco* (jan. 2011); *FFW* (jul. 2012); *Revista Época* (nov. 2012) e

Ignorantsky - adaptação de um texto publicado na *Revista Piauí* e postado no Tumblr (mai. 2013).

Na composição da amostra de textos que compõem o *corpus* de análise, foram considerados textos que dispunham de quantidade e qualidade significativas de informações quanto ao assunto (processo de *travestilidade* da Laerte), e que foram publicados em diferentes seções, tais como: *Literatura* (Revista Bravo); *Cultura* (Último segundo); *Moda* (Moda IG); *Entrevistas* (Revista Trip); *Perfil* (Suplemento Pernambuco); *Notícias* (FFW); *Meu erro* (Revista Época) e uma adaptação da Revista Piauí (edição 79) no *Tumblr*. Compreendemos a importância dos gêneros discursivos, como modos de agir e interagir discursivamente (FAIRCLOUGH, 2003) na análise linguístico-discursiva³³; no entanto, nesta pesquisa, em virtude dos nossos objetivos, buscamos analisar o modo como a ordem discursiva midiática representa os atores sociais, Laerte Coutinho e as *trans*, isto é, o que diz, de que modo diz, por que escolhe algumas informações em detrimento de outras etc. Ademais, nos ativemos à potencial relevância da seção na qual os textos se encontravam, uma vez que observamos, talvez em virtude do nosso tema/objeto de estudo ser altamente transgressivo, uma recorrente quebra de expectativas, isto é, temas e informações que, a princípio, não seriam comuns a dada seção, mas que foram frequentes e importantes na construção dos textos analisados. Assim, as seções focalizavam a forma como o tema seria desenvolvido, sugerindo certas construções de significados.

A seleção dos textos se deu com base na ‘hierarquia’ dos itens, nos textos mais acessados no site de buscas *Google* que veiculavam discursos sobre a ‘transformação’ da Laerte Coutinho, após aderir à prática da *travestilidade*.³⁴ Optamos por selecionar os textos com maior destaque dentre os itens listados durante as buscas, levando em consideração que, por se tratar de um meio digital, os indivíduos adotam a prática comum do meio cibernético: a informação mais rápida e de mais fácil acesso é eleita pelos usuários em suas leituras cotidianas. Obviamente, atentamo-nos para os veículos midiáticos escolhidos, buscando variar as fontes (algumas delas são reconhecidas pelo caráter informativo, outras pelo entretenimento, outras por sua inovação no trato dos temas, etc.), assim como a seção na qual o texto estava publicado.

³³ “genres are important in sustaining not only the structural relations between, for example, the academy and business, but also scalar relations between the local, the national, the regional [...] and the ‘global’. So changes in genres are germane to both the restructuring and the rescaling of social life in new capitalism.” (FAIRCLOUGH, 2003:33-34)

³⁴ A Laerte, nos textos analisados, se identifica como praticante da *travestilidade*, e, por isso, respeitaremos e adotaremos esses termos para nos referirmos ao processo descrito no *corpus*.

A busca dos textos se deu da seguinte forma: digitou-se as palavras-chave Laerte+transgênero/*crossdressing* no site de buscas *Google*; pré-selecionamos os textos mais acessados/populares que representavam a ‘transformação’ da Laerte Coutinho, após ‘aderir à prática do *travestilidade*’; coletamos os textos que não se enquadravam no gênero artigo de opinião e que se aproximavam dos gêneros entrevistas e reportagem.³⁵ Optamos por textos veiculados entre os anos de 2010 (início da ‘prática’) e 2013 (‘consolidação da prática’) que tratavam das experiências da cartunista Laerte como uma *trans*.

Em seguida, catalogamos os textos da seguinte forma:

	Texto	Ano/ mês	Disponível em:
1	“Laerte: ‘Tenho vergonha de quase tudo que desenhei’”	Edição 157 - Setembro 2010	http://bravonline.abril.com.br/materia/tenho-vergonha-quase-tudo-desenhei-laerte
2	“Laerte em carne, osso e minissaia”	26/10/2010 -12:21:50	http://ultimosegundo.ig.com.br/cultura/livros/laerte-em-carne-osso-e-minissaia/n1237811802611.html
3	“Ser mulher é muito caro”	26/10/2010-15:05:47	http://moda.ig.com.br/modanomundo/ser-mulher-e-muito-caro/n1237812404702.html
4	“Paradoxo de salto alto”	16/12/2010	http://revistatrip.uol.com.br/so-no-site/entrevistas/paradoxo-de-salto-alto.html
5	“Por que foi que esse homem teve que partir”	03/01/2011	http://www.suplementopernambuco.com.br/index.php/component/content/article/5-perfil/272-por-que-foi-que-esse-homem-teve-que-partir.html
6	“Laerte fala ao FFW sobre moda, consumo e crossdressing”	13/07/2012	http://ffw.com.br/noticias/cultura-pop/laerte-fala-ao-ffw-sobre-moda-consumo-e-crossdressing/
7	“Laerte Coutinho: ‘Fiz campanha eleitoral homofóbica’”	14/11/2012 07h53 - Atualizado em 14/11/2012 07h53	http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/noticia/2012/11/laerte-coutinho-fiz-campanha-eleitoral-homofobica.html
8	“Laerte em trânsito por Fernando de Barros e Silva”	02/05/2013- retirado da revista Piauí e publicado em uma rede social (<i>Tumblr</i>)	http://ignorantsky.tumblr.com/post/49468211995/laerte-em-transito-por-fernando-de-barros-e

Quadro 5 - Compilação dos textos que compõem o *corpus*

³⁵ Compreendemos a relevância dos gêneros discursivos nas construções identitárias e representações sociais, mas, em virtude da proposta do nosso trabalho, não nos ateremos à análise genérica.

A escolha por trabalhar com textos digitais se deve a alguns fatores. Hoje, o Brasil possui mais de 37 milhões de usuários de internet, e as práticas de escrita e leitura estão cada vez mais conectadas às novas tecnologias e, até, amplificadas pela comunicação em rede. O trabalho na internet exige rapidez na leitura e muita seletividade, pois não podemos ler tudo o que está na tela, e a capacidade de selecionar não é algo muito trabalhado na formação dos/das leitores/leitoras. Vemo-nos rodeados/rodeadas, através da rede mundial de computadores, de páginas e sites que, nem sempre trazem-nos informações relevantes sobre o que estamos procurando e precisamos saber, e a internet acaba criando novos hábitos de comunicação entre as pessoas, que acabam se adaptando às facilidades da nova tecnologia. Todavia, a internet, felizmente, também pode contribuir para a desconstrução de discursos e práticas hegemônicas excludentes, pelo fortalecimento de movimentos em favor das minorias.³⁶ Além disso, optamos por trabalhar com esse meio em específico pela visibilidade dada aos assuntos que antes eram silenciados.

Ademais, compreendemos que as mídias, em geral, possuem um papel a exercer na construção de novas possibilidades identitárias e sociais, e, conseqüentemente, no reconhecimento do ‘diferente’. As várias percepções sobre os gêneros sociais devem ser constantemente atualizadas/reconstruídas em virtude das diversas movimentações históricas, políticas e econômicas e, por isso, acreditamos que uma das razões que justificam a escolha de textos digitais que tratam das *trans* no meio digital seja em virtude da premissa de que, na contemporaneidade³⁷, as representações de gêneros vêm ganhando lugar na mídia em decorrência de necessidades econômicas e mercadológicas. Por isso, a construção do *corpus* busca refletir a diversidade que pode ser encontrada acerca da construção do discurso quanto as *trans*, e, mais especificamente, como a ordem discursiva midiática massifica, exclui, representa e/ou (re)produz discursos hegemônicos sobre a Laerte Coutinho e as *trans*.

³⁶ Para Fairclough (2003), retomando Silverstone (1999), “o gênero midiático [...] recontextualiza e transforma outras práticas sociais [...] e é por sua vez recontextualizado nos textos e nas interações de diferentes práticas, incluindo, crucialmente, a vida cotidiana, na qual contribui para o modo como nós vivemos, e os significados que damos para nossas vidas.” (FAIRCLOUGH, 2003:34, tradução nossa)

³⁷ “Complex modern societies involve the networking together of different social practices across different domains or fields of social life (e.g. the economy, education, family life) and across different scales of social life (global, regional, national, local). Texts are a crucial part of these networking relations – the orders of discourse associated with networks of social practices specify particular chaining and networking relations between types of text. The transformations of new capitalism can be seen as transformations in the networking of social practices, which include transformations in orders of discourse, and transformations in the chaining and networking of texts, and in ‘genre chains’.” (FAIRCLOUGH, 2003:30)

3.3. Ferramentas de análise

Como mencionado, nesta pesquisa sob o viés teórico-metodológico da ADC (FAIRCLOUGH, 1989, 1992, 1995, 1999, 2001, 2003), utilizaremos, na análise dos dados, categorias advindas dos estudos da Gramática Sistêmico Funcional (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004; VAN LEEUWEN, 1997, 2008; FUZER & CABRAL, 2010), da Teoria da Representação dos Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 1996, 2005), bem como da Teoria da Avaliatividade (WHITE, 2004; VIAN JR. 2009) e com auxílio da ferramenta computacional *Wordsmith Tools* (SCOTT, 2004).

3.4. Procedimentos analíticos

Para a análise linguístico-discursiva, baseamos-nos no percurso metodológico da ADTO (FAIRCLOUGH, 2001, 2003) e na abordagem teórico-metodológica proposta por Chouliaraki & Fairclough (1999). Consideramos, desse modo, a organização do discurso como momentos de práticas sociais inerentes aos significados acional, representacional e identificacional, operacionalizadas a partir da articulação entre gênero, discurso e estilo na constituição da ordem do discurso. Segundo Fairclough (2003), esses elementos devem ser analisados tendo em vista uma perspectiva dialética entre sociedade e discurso. Assim,

Quando analisamos textos, como partimos de eventos sociais específicos, nós realizamos dois movimentos interconectados: [a] observamos-lhes em termos de três significados, ação, representação e identificação, e como são realizados nos vários aspectos dos textos (seus vocabulários, sua gramática); [b] desempenhando uma conexão entre o evento social concreto e a instância mais abstrata da prática social, questionando-se, quais gêneros, discursos e estilos são articulados aqui, e como são configurados juntos nos textos? (FAIRCLOUGH, 2003:28, tradução nossa)³⁸

Tendo em vista a dinâmica que baliza o sistema teórico-metodológico proposto por Fairclough (2001, 2003) e Chouliaraki & Fairclough (1999), o nosso procedimento

³⁸ “When we analyse specific texts as part of specific events, we are doing two interconnected things: [a] looking at them in terms of the three aspects of meaning, Action, Representation and Identification, and how these are realized in the various features of texts (their vocabulary, their grammar, and so forth); [b] making a connection between the concrete social event and more abstract social practice by asking, which genres, discourses, and styles are drawn upon here, and how are the different genres, discourses and styles articulated together in the text?” (FAIRCLOUGH, 2003:28)

de análise se estrutura com base nos processos de *descrição, interpretação e explicação*. Assim, a análise dos dados seguiu os seguintes passos:

1. Configuração e análise da conjuntura;
2. Levantamento dos temas recorrentes e das seções nas quais os textos circulam;
3. Análise e discussão das representações sociais da Laerte e das *trans*, com base nas categorias propostas em Fairclough (2001, 2003) e Chouliaraki & Fairclough (1999);
4. Análise e discussão das construções identitárias da Laerte e das *trans*;
5. Análise da recorrência dos tipos de Processos realizados pelos Participantes, quais as formas de representação dos atores sociais percebidas a partir da descrição da estrutura de transitividade;
6. Análise das avaliações e perspectivas (WHITE, 2004; MARTIN & WHITE, 2005) mais recorrentes nos textos analisados.

A análise linguístico-discursiva deu-se com base nas seguintes categorias e subcategorias:

Tipo de análise	Categorias	Subcategorias/subsistemas
Análise linguístico-discursiva, segundo as categorias da ADC (FAIRCLOUGH, 2001b, 2003; CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999), em concordância com categorias da GSF (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004)	<i>Significado Representacional</i>	Interdiscursividade Sistema de transitividade Metáforas
	<i>Significado Identificacional</i>	Avaliação Modalidade
Análise semiótico-discursiva da representação dos Atores Sociais, segundo as categorias da RAS (VAN LEEUWEN, 1997; 2008)	<i>Inclusão</i>	Ativação Apassivação Participação Circunstancialização Possessivação Personalização Impersonalização

Análise linguístico-discursiva, segundo as categorias da teoria da Avaliatividade/ Valoração (WHITE, 2004; VIAN JR., 2009)	<i>Atitude</i>	Afeto Julgamento Apreciação
	<i>Avaliação</i>	

Quadro 6 – Categorias e subcategorias analíticas

Ao longo do estudo, tendo em vista os procedimentos, categorias e subcategorias analíticas utilizadas, foi possível observar ocorrências significativas³⁹ quanto às representações sócio-discursivas e as construções identitárias da Laerte e das *trans*. No capítulo a seguir, detalhamos as análises efetuadas em relação às representações sócio-discursivas e às construções identitárias, bem como algumas reflexões e considerações acerca do nosso estudo, tendo em vista o *corpo diferente*.



³⁹ A análise das categorias e subcategorias analíticas utilizadas foi feita a partir das palavras-chave: Laerte; travesti; transgênero; crossdresser; sexo; sexualidade; cartunista; mulher; gênero; corpo.

Capítulo 4

ANÁLISE DOS DADOS

4.1. Transpondo barreiras e matrizes

Em setembro de 2010, em uma entrevista para a revista *Bravo*, Laerte falou pela primeira vez publicamente sobre a sua ‘nova aparência/roupagem’, o que a princípio era caracterizado como *crossdressing*. Em seguida, outras matérias, reportagens, polêmicas e participações em programas da rede de televisão brasileira se sucederam, e assim, o *crossdressing* se tornou popular e discutido por diversos veículos midiáticos. Todos queriam saber o que estava acontecendo com a genial cartunista Laerte, que passou a se pronunciar mais sobre essa prática do que sobre suas famosas criações em quadrinhos.

Jornalistas pareciam estar curiosos/curiosas e especulativos/especulativas em relação ao(s) porquê(s) da Laerte se depilar, se maquiar, usar roupas e acessórios ditos femininos, ‘assumir ser bissexual’, mudar seu estilo, suas criações (passou a produzir, basicamente, em um ‘tom mais filosófico’, as histórias sobre Hugo/Muriel), ser militante em favor de uma ‘minoria’ (participando ativamente em movimentos como a ABRAT - Associação Brasileira de Transgêner@s), sua aparência estar tão ‘perturbadora’, o ato de referir a si no feminino, enfim, explicações sobre as mudanças na concepção de si, em suas identidades. Todavia, o que poderá significar identidade ou até mesmo identidade sexual em um momento transitório/fluído no qual a própria noção de identidade é questionada/debatida/reformulada? Momento em que há um grande repensar sobre quem somos, quem estamos nos tornando, ou sobre quem podemos ser (MOITA LOPES, 2006, 2010).

Somos parte de uma sociedade na qual o que foge ao padrão hegemônico/binário de ‘homem/macho’ e ‘mulher/fêmea’ é concebido como ‘diferente’, é taxado como travesti, *drag queen/ drag king*, transexual, transgênero, gay, *crossdresser*, portador do Transtorno da Identidade de Gênero etc. Desse modo, por não se enquadrarem na matriz heteronormativa, os ‘diferentes’ são marginalizados, renegados, são constantemente ameaçados socialmente, suas vidas se tornam fragilizadas e precárias, são considerados inferiores, aberrações, transgressores que ameaçam a sociedade e a ‘normalidade’, considerados ‘modelos’ do que não devemos ser.

Partindo do fato de que a mídia exerce grande influência no repensar das construções identitárias e das representações sociais, percebemos um gradativo e

significativo aumento de matérias, reportagens e entrevistas publicadas nos portais de notícias brasileiros que buscam retratar questões referentes a gênero e que tenham como personagem principal uma *trans*.⁴⁰ Há o esforço por parte dos veículos midiáticos, ainda que seja mais frequente no âmbito acadêmico e especializado, em tratar questões em relação ao gênero, tais como o *crossdressing*, *Transtorno da Identidade de Gênero*, *Disforia de Gênero*, *Transexualidade*, *Travestilidade* etc. Mas perguntamo-nos: o que é ser *trans*? O que é ser travesti? O que é ser *crossdresser*? O que é Disforia de Gênero? O que é Transtorno da Identidade de Gênero? Ao utilizar um desses termos, quais são as implicações? Por que preferir um termo a outro? Essas classificações são necessárias? Em que medida? Elas excluem, incluem, marginalizam, estigmatizam, fortalecem indivíduos dentro de uma dada comunidade?

Segundo a Associação Americana de Psiquiatria (2013)⁴¹, temos:

- ▣ Identidade de gênero = categoria de identidade social e se refere à identificação de um indivíduo como masculino, feminino, ou ocasionalmente, algumas categorias além dessas.
- ▣ Disforia de gênero = termo descritivo geral/amplamente para se referir a um descontentamento afetivo/cognitivo de um indivíduo com o seu alinhamento de gênero, mas é mais especificamente definido quando é utilizado como uma categoria de diagnóstico; descontentamento acompanhado pela incongruência entre o gênero experienciado ou expresso e o gênero atribuído.
- ▣ Transgênero = refere-se a um espectro amplo de indivíduos que transitoriamente ou permanentemente se identificam com um gênero diferente do seu original.
- ▣ Transexual = denota o indivíduo que passa, ou passou, por uma transição social de homem para mulher, ou de mulher para homem, que em alguns, não em todos, casos também envolve uma transição somática por um tratamento hormonal e cirurgia genital (cirurgia de realinhamento de sexo)

⁴⁰ <http://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2014/07/pela-primeira-vez-prefeitura-de-sao-paulo-registra-funcionaria-travesti-com-nome-social.html>. Acesso em 23 jul. 2014.
<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2013/05/criancas-transgeneros-desafiam-leis-e-politicas-escolares-nos-eua.html>. Acesso em 23 jul. 2014.
<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2012/05/27/apos-lei-que-permite-mudanca-de-nome-transgeneros-lutam-contr-homofobia-na-argentina.htm>. Acesso em 23 jul. 2014.
<http://entretenimento.r7.com/blogs/tudo-miss-e-tudo-mais/2013/10/22/fotos-eleita-a-mais-bela-transgenero-do-brasil/>. Acesso em 23 jul. 2014.
<http://www.cartanaescola.com.br/single/show/262/no-corpo-errado>. Acesso em 23 jul. 2014.
<http://sapatomica.com/blog/2014/02/19/ativista-transgenero-italiano-e-a-primeira-vitima-da-lei-antigay-em-sochi/>. Acesso em 23 jul. 2014.

⁴¹ Cf. American Psychiatric Association. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders*. Arlington, VA: American Psychiatric Publishing, 5th ed.2013.

Já o termo *crossdressing*, de acordo com o BCC (Brazilian Crossdresser Club), foi importado para o Brasil em 1997 e diz respeito ao ato de ‘vestir-se ao contrário’. Ressaltam ainda que, nos Estados Unidos e Europa, este termo é comumente utilizado e ajudaria na ‘diferenciação’ entre ‘fantasiar’/usar roupas e acessórios ditos do sexo oposto, da orientação sexual de cada um.

Em uma carta enviada por Alexandre Costa Val e Ana Paula Souto Melo, do Instituto Raul Soares, Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG), Belo Horizonte-MG, aos editores da Revista Brasileira de Psiquiatria, vol.32, n.2 de junho de 2010, temos uma explanação relativamente simples e objetiva sobre o *Transtorno da Identidade de Gênero*. No corpo da carta tentam elucidar os/as leitores/leitoras o que caracterizaria este transtorno, algumas implicações de seu ‘diagnóstico’ e como se dá a aceitação (ou não) por parte da população em geral dos indivíduos com este transtorno. A seguir, expomos trechos da carta⁴² que julgamos serem bem elucidativos para nossa discussão.

Caro Editor,

O Transtorno da Identidade de Gênero (TIG) - ou transexualismo - caracteriza-se por uma forte identificação com o gênero oposto, por um desconforto persistente com o próprio sexo e por um sentimento de inadequação no papel social deste sexo. Trata-se de uma condição que causa um sofrimento psicológico clinicamente significativo e prejuízos no funcionamento social, ocupacional ou em outras áreas importantes da vida de um indivíduo.

Desde a última metade do século XX, os avanços científicos têm favorecido o estudo deste transtorno, a maior aceitação social e a possibilidade de um tratamento integral orientado a redesignação sexual. Apesar disso, continua sendo pouco conhecido pela maior parte da sociedade, incluindo os profissionais da saúde mental.

Para realizar o diagnóstico, é preciso diferenciar os termos *identidade de gênero* e *orientação sexual* (grifo do autor). A identidade de gênero refere-se à consciência de um indivíduo de ser homem ou mulher. A orientação sexual relaciona-se com a atração erótica, podendo ser homossexual, heterossexual, bissexual ou assexual. Os transexuais podem apresentar qualquer uma destas orientações.

No entanto, também há a veiculação de discursos equivocados quanto à concepção e uso de algumas ‘categorias que dizem respeito ao sexo e ao gênero’, o que além de gerar a construção errônea de conhecimento em relação a tais temas, acaba por

⁴² Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462010000200016. Acesso em 23 jul. 2014.

fortalecer e propagar práticas discriminatórias. A começar por alguns dicionários, para os quais termos como *transexualismo*, *travesti* e *transgênero* são:

Transexualismo - “desejo de viver e de ser aceito como uma pessoa do sexo oposto.” (OMS); “transtorno de identidade de gênero, transtorno psicológico caracterizado por um desconforto persistente com o próprio sexo e por um sentimento de inadequação no papel social deste sexo”.

Travesti - “se veste como no sexo oposto e se identifica com a sua identidade de gênero; não há desejo de se submeter à cirurgia, construção o feminino.” (*sic.*)

Transgênero - “possui uma identidade de gênero diferente do gênero do nascimento; não desejam viver e ser aceito como no sexo oposto; pois eles estão constantemente em trânsito de um gênero para o outro; o transgênero se veste de sexo oposto por prazer e/ou profissão.”

Quadro 7 – Definições do *Wikipédia*. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Transg%C3%A9nero>. Acesso em: 23 jul. 2014.

Transexualismo- /cs/ s.m. condição de transexual ETIM *transexual* + *ismo*; ver *sex* (*i/o*)-

Travesti- s.2g. (sXX cf. AGC) **1.** Artista que, em espetáculos, se veste com roupas do sexo oposto **2.** homossexual que se veste e que se conduz como se fosse do sexo oposto. ETIM fr. *Travesti* (1543) disfarçado; como substantivo (1831) homem vestido de mulher ou vice-versa; part.pas. de *travestir* (1543) vestir-se de modo a disfarçar sua condição, seu sexo, sua idade etc., emprt; ao it.*travestire* (1512) disfraçar(-se); ver *vest-*

Transgênero- não há definição deste termo.

Quadro 8 – Definições dicionário Houaiss. Fonte: HOUAISS, A. & VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

No portal de notícias *GI*, na seção: *Ciência e saúde*, por exemplo, encontramos o texto intitulado “*Transexual pode se descobrir já na primeira infância, dizem especialistas*”, no qual o gênero social é tratado por meio da ‘voz de uma autoridade’, o psicólogo clínico e psicanalista Rafael Cossi, autor do livro “*Corpo em obra*”, lançado em 2011 após análise de seis biografias de transexuais, a fim de desenvolver suas próprias conclusões sobre o assunto, ainda que de maneira não explícita, ao menos para o/a leitora/leitor leiga/leigo. Há a tentativa de uma correspondência entre fatores biológicos e a ‘tendência’ a apresentar tal transtorno, assim como uma possível ‘brincadeira’, algo próprio da idade em se identificar ou agir como alguém do sexo oposto. Não há a

apresentação de outras opiniões que levem em conta outros fatores além do biológico, como o social, por exemplo, o que poderia ampliar e enriquecer as discussões.

Por outro lado, observamos agência por parte de associações, tais como ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), a ABRAT (Associação Brasileira de Transgêner@s), o BBC (Brazilian Crossdresser Club), que visam à promoção de ações que garantam a cidadania e os direitos humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, que coíbam quaisquer formas de discriminação, coerção e violência, em razão de suas orientações sexuais e identidades de gênero; bem como de organizações, como o Ambulatório de Transtorno de Identidade de Gênero e Orientação Sexual (AMTIGOS) do NUFOR - Instituto de Psiquiatria das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e o Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais do Centro de Referência e Treinamento DST/Aids-SP ligado à Secretaria de Saúde do Governo de São Paulo que, entre outras coisas, oferecem acolhimento, assistência, avaliações médica, endocrinológica, proctológica, fonoaudiológica e de saúde mental, além da produção e divulgação de conhecimento científico.⁴³

Vale ressaltar também que, desde o início do ano 2000, importantes acontecimentos e conquistas que contemplam as *trans* vêm ocorrendo, tais como:

- ▣ Realização do 1º Encontro Nacional de Transexuais em novembro de 2005;
- ▣ Formação da primeira rede de articulação nacional de pessoas que vivenciam a Transexualidade: o Coletivo Nacional de Transexuais (CNT) em novembro de 2005;
- ▣ Assento no Comitê Técnico em Saúde da População GLBT do Ministério da Saúde em novembro de 2005;
- ▣ Pactuação do “Processo Transexualizador do SUS”, junto ao Ministério da Saúde;
- ▣ Inclusão do segmento de mulheres que vivenciam a Transexualidade no Plano Estratégico de Enfrentamento da Feminização do HIV/AIDS e outras DSTs;
- ▣ Projeto de lei para alteração de pré-nome e sexo no assentamento jurídico, independente de realização da cirurgia de transgenitalização;
- ▣ Problematização da Transexualidade e sua real significação na constituição identitária do indivíduo;

⁴³ <http://www.abgl.org.br/port/index.php>. Acesso em 23 jul. 2014.

<http://www.saude.sp.gov.br/ses/centro-de-referencia-e-treinamento-crtddst-aids/ambulatorio-de-saude-integral-para-travestis-transexuais>. Acesso em 23 jul. 2014.

http://ipqhc.org.br/pag_detalhe.php?categ=Hospital&id=261. Acesso em 23 jul. 2014.

<http://www.bccclub.com.br/teste/>. Acesso em 23 jul. 2014.

- ▣ Aprovação da Lei 10948/01 | Lei n.º 10.948, de 5 de novembro de 2001, a qual dispõe sobre as penalidades a serem aplicadas à prática de discriminação em razão de orientação sexual;
- ▣ Criação e cumprimento da Lei n.º. 11.340/06 - Lei Maria da Penha;⁴⁴
- ▣ Iniciativas municipais em criar medidas e leis que possam contribuir para a vivência das *trans*, tais como a Lei n.º 4.172, de 12 de dezembro de 2.007 na cidade de São João Del Rey-MG;⁴⁵
- ▣ Proposição de leis, como a lei João W Nery - lei de Identidade de Gênero, que assegurem os direitos das *trans*;
- ▣ Produção de uma cartilha das Eleições 2014, produzida pela LGBT Brasil, onde são disponibilizadas informações acerca das posições, opiniões e ações dos candidatos em relação às demandas, às necessidades e aos direitos LGBT;⁴⁶

A cartunista Laerte Coutinho, também, de modo particular, enriquece muito as discussões sobre o gênero e suas ‘complexidades’, ainda que por meio da espetacularização indevida de direitos básicos que a cartunista, assim como as *trans* em geral, deveria ter, mas que não são cumpridos. Reinvidicar o direito de frequentar um banheiro feminino em um restaurante que frequenta⁴⁷ se torna o ‘motivo ideal’ para a visibilidade e questionamento sobre a ‘nova identidade’ da Laerte e seu comportamento ‘descabido’. O desejo em se dedicar à produção de histórias com teor mais filosófico sobre uma personagem⁴⁸ que, supostamente, seria o *alter ego* da criadora, se torna alvo de críticas duras (chamado de *nonsense*) e infundadas. Polêmicas envolvendo a comissão de Direitos Humanos, em especial, Marco Feliciano, deputado que presidia a comissão no ano de 2013, se tornam o mote para uma mobilização por parte de internautas, artistas diversos e militantes ‘pró *trans*’.⁴⁹ Ser capa de uma revista de grande circulação, notoriedade e premiada nacionalmente, dedicada à música, política e cultura popular, se torna ao mesmo tempo libertador e insano.⁵⁰ Produção pioneira e

⁴⁴ A Lei Maria da Penha almeja prevenir, punir e erradicar a violência doméstica e familiar contra a mulher, não por razão do sexo, mas em virtude do gênero. Assim, a Lei busca mais do que proteger o sexo biológico mulher’, mas resguardar todos que se identificam como mulheres.

⁴⁵ Há outros exemplos de leis e regulamentações que já estão vigentes. Cf. <http://www.abglt.org.br/port/nomesocial.php>. Acesso em 16 out. 2014.

⁴⁶ <http://www.lgbtbrasil.com.br/Eleicoes>. Acesso em 23 jul. 2014.

⁴⁷ <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1040192-cartunista-vai-a-justica-para-ter-direito-de-usar-banheiro-feminino.shtml>. Acesso em 23 jul. 2014.

⁴⁸ <http://murieltotal.zip.net/>. Acesso em 23 jul. 2014.

⁴⁹ <https://www.facebook.com/BeijacoNoLaerte>. Acesso em 23 jul. 2014.

⁵⁰ <http://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-86/livre-leve-e-solta>. Acesso em 23 jul. 2014.

inovadora de uma resenha de um livro sobre a Teoria *Queer*⁵¹ a reafirma como genial, além de possibilitar que informações sobre identidade e gênero possam ser acessíveis aos mais variados públicos e discutidas de modo mais amplo e enriquecedor nos mais diversos contextos e propósitos.

Em vista disso, ao analisarmos os textos que evidenciavam, de alguma maneira, a ‘travesti’ Laerte Coutinho, e não mais ou apenas, o famoso e genial cartunista Laerte, militante político nos anos da Ditadura Militar no Brasil e precursor da inovação na forma e conteúdo dos quadrinhos brasileiros, sentimos necessidade de refletir acerca de algumas questões, tais como: Quais regimes de verdade (FOUCAULT, 1979) a mídia está fazendo circular? Quais são as possibilidades de ser homem/ser mulher que certos grupos sociais têm acesso, levando em consideração os discursos aos quais estão ‘expostos’? Como a ordem discursiva midiática (FAIRCLOUGH, 1995) opera com essa finalidade? Como os discursos sobre as *trans* são moldados por ideologias e relações de poder, e quais os efeitos que estes exercem na construção das identidades sociais e crenças dos indivíduos?

Ademais, sabemos que a mídia produz discursos aparentemente imparciais ou neutros, de modo a naturalizar significados (FOWLER, 1991), o que nos leva à proposta de análise da mídia de Fairclough (1995:5): Como o mundo (eventos, relações etc.) é representado? Quais identidades são estabelecidas para aqueles que estão envolvidos no programa ou história (repórteres, público, ‘terceiros’ que são mencionados ou entrevistados)? Quais relações são estabelecidas entre os envolvidos (repórter-público, especialista- público ou político- público)?

A mídia, segundo Fairclough (1995), tem um grande poder/potencial de influenciar conhecimento, crenças, valores, relações sociais, identidades sociais, além de influenciar a formação de governos e partidos políticos. Quanto à prática social da imprensa, Gomes (2011) retomando Fairclough (1993) pontua que:

[...] a notícia jornalística, como prática social da imprensa, é um tipo de prática recontextualizada, em que os participantes ali posicionados transformam e/ou recontextualizam os eventos de forma a representá-los a seus leitores. Ao produzir tal processo, os participantes dessa prática social podem rearranjar as relações sociais, reposicionar os papéis sociais de forma a atender aos interesses e propósitos socioculturais. (GOMES, 2011:314)

⁵¹ <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/1210553-laerte-faz-resenha-em-quadrinhos-de-livro-sobre-questoes-de-genero-veja.shtml>. Acesso em 23 jul. 2014.

Neste sentido, as práticas discursivas podem contribuir para a produção ou a reprodução de relações de poder, assim como para a inclusão ou exclusão de atores sociais, por meio das representações e identidades construídas no/pelo discurso.

Woodward (2009:17) afirma que “é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos”. Logo, de algum modo, um dado aspecto do mundo pode ser representado de distintas formas em um discurso produzido por uma ou mais instituições, sejam elas semelhantes ou diferentes, uma vez que as distintas formas de representação estão sujeitas a escolhas linguísticas que serão realizadas em construções discursivas, instanciadas nas mais diversas práticas sociais.

As próximas seções trazem a análise e discussão de algumas recorrências observadas no *corpus* quanto às representações sociais e às construções identitárias da Laerte e das *trans*.





4.2. RAS e o diferente/queer

Para a utilização dos programas computacionais *Worlist* e *Concordance* (SCOTT, 2004) na análise dos textos, tendo em vista os objetivos e a temática do estudo, foram selecionados os seguintes itens: *Laerte*, *travesti*, *transexual*, *transgênero*, *crossdresser*, *mulher*, *sexo*, *gênero*, *cartunista*. Nessa etapa, verificamos, como ocorrências mais significativas para o nosso estudo, os seguintes itens lexicais por ordem de frequência:

WORDLIST	
Léxico	Ocorrência
Laerte	196
Mulher	40
Travesti	40
Cartunista	34
Gênero	30
Crossdressers	25
Corpo	24
Sexo	14
Sexualidade	8
Transgênero	3

Quadro 9 – Recorte dos dados gerados na *Wordlist* (SCOTT, 2004)

Esses resultados gerados pela *Wordlist* (SCOTT, 2004) são relevantes para a pesquisa, pois, se a princípio, os veículos midiáticos se propuseram a representar o processo de *travestilidade* da Laerte, por que os léxicos *sexo* e *sexualidade* aparecem mais vezes que *transgênero*? Já que este léxico está intrinsecamente ligado às questões de gênero e identidade de gênero? Por que *gênero* aparece apenas 30 vezes, tendo em vista que analisamos 8 textos? E como é abordado? Vale ressaltar que esse conceito, essencial para a discussão do processo de *travestilidade*, não esteve presente em todos os textos analisados, e, as poucas vezes que foi utilizado e discutido, foi pela própria Laerte.

Quanto ao modo como os itens lexicais que dizem respeito ao sexo, gênero e sexualidade eram cotextualizados, isto é, o que os precedia e sucedia, observamos uma significativa ocorrência de circunstâncias, principalmente de modo; dos processos material, relacional e mental (afirmando, atribuindo e/ou negando transformações, designações e experiências); avaliações (julgamentos, feito pela Laerte e pelos veículos midiáticos acerca do ‘comportamento’/processo de travestilidade e apreciações sobre a produção artística reconhecida e aclamada publicamente da cartunista) (Vide Quadros 13 e 14 nos Anexos).

Interessante constatar que não há, por parte dos veículos analisados, uma abordagem do que seriam as identidades de gêneros, uma discussão do que seria sexo, sexualidade e gênero, bem como a performatividade desse último. Se por um lado os veículos ressaltam muito a ‘excentricidade da aparência e atitude’ da Laerte, por meio de julgamentos (sanção social) e apreciações, por outro há o evidenciamento de agência (processo material), emoção (afeto) ou julgamento (estima e sanção social) da Laerte quanto ao seu processo de travestilidade em contraposição às outras pessoas *trans* (eu x outros), bem como a problematização das definições/nomeações (*travestis* x *crossdresser*) e identidades (ser homem x ser mulher).

Como dito anteriormente, compreendemos a importância da análise dos gêneros discursivos, mas em virtude da proposta desta pesquisa atemo-nos à importância da seção na qual os textos analisados estavam inseridos. Desse modo, constatamos uma variedade de temas, campos lexicais e informações relevantes para o estudo, dentre os quais destacamos:

Veículo midiático	Seção/Ano	Temas relevantes
<i>Bravo online</i>	Literatura/ set. 2010	Ênfase na competência artística e na carreira de 40 anos do Laerte = cartunista genial; personagem Djalma como <i>alter ego</i> do Laerte; <i>crossdressing</i> como reflexo de uma crise pessoal e profissional; foco na aparência (unhas, cabelo, roupas e acessórios) e nos novos quadrinhos (tema, personagens, meio onde são publicados) = rompimento e inovação; Laerte insatisfeito e desnordeado.
<i>Último segundo IG</i>	Cultura/ out. 2010	Ênfase na competência e produção artística do Laerte = cartunista genial; abandono de personagens consagrados (<i>Overman</i> , <i>Piratas do Tietê</i>); homossexualidade e <i>crossdressing</i> = desafio para a sociedade, crise; BCC - Brazilian Crossdresser Club; personagem Hugo e o processo de travestilidade do Laerte; inquietações artísticas e pessoais.
<i>Moda IG</i>	Moda > Notícias/ out. 2010	Laerte = cartunista genial e interessado em romper as barreiras que limitam os gêneros; despesas do Laerte com manicure, depilação, lingerie e sapato; Laerte antes x Laerte depois do <i>crossdressing</i> = vestir-se de mulher, “montar-se”, aparência de uma senhora do interior, vivência que cria problemas de convívio e hostilidades; foco na relação entre Laerte e a namorada = empréstimo de roupas; moda = sugestão, não é uma ordem, padrão a ser seguido; roupas femininas = abre portas para possibilidades, desperta a vontade de avaliar cor, estampa, tecido; guarda-roupa masculino = restrito e restritivo; uso de lingerie x gaveta de cuecas escassa; circuito <i>crossdressing</i> = informa, troca de dicas de bazares, de lojas, vendas especiais; mercado da moda para “corpos especiais” (<i>trans</i> e <i>plus size</i>); rompimento da fronteira feminino x masculino = vestir-se, postura, “modos”, contenção corporal das mulheres (imposição sócio-cultural); gênero x virar mulher.
<i>Revista Trip</i>	Entrevistas/ dez. 2010	Laerte = cartunista genial, paradoxo de salto alto, militante; Laerte vestido de mulher; processo de travestilidade = emoção como saltar de paraquedas, atitude que confunde, embaralha a percepção dos papéis de homens e mulheres, desejo de vestir-se de mulher, atitude com certa dose política, questão teórica no corpo e na cabeça, “se montar”, caminho no escuro, sem

		guias, crise; Laerte com novo visual/nova aparência = fruto de um processo desencadeado pela morte trágica do filho Diogo; ‘esclarecimento’ do porquê Laerte gosta de esmaltes, sapatos femininos e lingerie; Judith Butler = importante crítica do feminismo tradicional e autora do respeitado livro <i>Gender Trouble</i> ; Hugo = ajuda a refletir, levantar algumas bolas, pessoa que conduziu Laerte para esse mundo (travestilidade); depilar-se = compreender o corpo sem a roupa do pelo, sensação da roupa sobre a pele, do corpo sozinho, visão de outro corpo; tipos de gênero = quase uma impressão digital; gênero = convenção muito forte; travestis e prostitutas = preconceitos, equívocos, generalizações; papel da mídia na construção de gênero = conservador, cristalizações, procura tranquilizar o leitor; sexualidade e sociedade = repressão, vivência; bissexualidade; masculinidade tradicional = opressiva; <i>crossdresser</i> = espécie de moda, tribo; rótulos; sexo x gênero; gênero e corpo; inquietações artísticas e pessoais.
<i>Suplemento Pernambuco</i>	Perfil/ jan. 2011	Laerte = cartunista, sempre mutante, um dos mais respeitados nomes dos quadrinhos brasileiros; imprensa = dar espaço a celebridades ou artistas envolvidos em uma polêmica; revelação do Laerte = gostar de usar roupas e adereços do guarda-roupa feminino; <i>Muchacha</i> (coletânea de quadrinhos) = temática principal de entrevistas, matérias e resenhas dos livros do Laerte; Djalma; travestismo = Laerte e sua obra vão muito além dessa temática; experiência pessoal e obras = influência mútua; inquietações políticas, artísticas, culturais e pessoais; interesse da mídia em dois pólos = imagem de artista em crise, em transformação, blog <i>Manual do Minotauro</i> e aparência do Laerte; morte trágica do filho Diogo; “montar-se” = exposição da dúvida e da liberdade; travesti-se = não é uma forma de expor uma mulher que está dentro do corpo de um homem, não está relacionado à sexualidade, problemática de gênero, busca de se comunicar artisticamente a partir da “linguagem do vestuário”, despir-se da prisão que podem ser as próprias normas da masculinidade; Laerte e suas obras = não há diferença e dissociação.
<i>FFW</i>	Notícias>Cultura/ jul. 2012	Flip 2012; Laerte = cartunista e ilustrador, idealizador das aventuras dos <i>Piratas do Tietê</i> ; <i>Los Tres Amigos</i> (Laerte, Glauco e Angeli) = “santíssima trindade” do cartoonismo brasileiro; inquietações artísticas e pessoais; identidade

		feminina = “condição que devo entender”; passeio para o leitor = fora das referências clichês da linguagem de tiras, viagem poética; compra de roupas e adereços femininos; moda = expressão de criação estética; corpo = masculino; roupas = vestidos floridos e soltos.
<i>Revista Época</i>	Meu erro/ nov. 2012	Laerte = cartunista; campanha eleitoral homofóbica (sindicato nos anos 80) = vergonha e remorso, gigante gay no banner; travestilidade = vestir-se de mulher; homofobia = tabu, hoje toca Laerte; bissexualidade; transgeneridade = inadequação do gênero ao comportamento social da pessoa, vivência; travesti; autocrítica.
<i>Ignoransky-tumblr</i>	Edição 79 – “Questões de gênero” adaptado para o <i>Tumblr</i> / mai. 2013	Laerte = um dos mais importantes cartunistas do país, advogada do diabo, figura do universo transgênero de maior visibilidade no país, militante político nos anos 70, gênio, celebridade, figura anti-heróica, monge; travestilidade = ser mulher em caráter experimental, “montar-se”, dupla cidadania; narrativa de um episódio sobre Laerte em um restaurante – admiração, reconhecimento, contestação, processo judicial, polêmica; transformação = aparência e obra artística; sexualidade x gênero x sexo; descrição da aparência do Laerte (roupas, acessórios, cabelo, unha); travestis x Laerte = desconforto, aproximação e distanciamento; rótulos = incômodo; cabeça do Laerte = bumerangue; travestis e sacrifícios; Laerte e BCC = vivência, experiências, impressões, identidade feminina (Sônia), ruptura com o clube; amigas da Laerte (Letícia Lanz, Maitê Schneider, Márcia Rocha e Dudda Nandez); travestis x <i>crossdresser</i> x travesti = classe social; semiclandestinidad e superexposição = politização progressiva da atitude; protestos e lutas políticas; projeto Purpurina; nova proposta de transgeneridade; ABRAT – Associação Brasileira de Transgêner@s; banheiro público = objeto antropológico, construção de gênero; Muriel/Hugo = <i>alter ego</i> do Laerte; família do Laerte = aceitação ou não do processo de travestilidade; Laerte e seus relacionamentos amorosos; morte trágica do filho Diogo; militância do Laerte nos anos 70 = depoimentos de amigos de luta e familiares quanto à importância da Laerte e suas produções.

Quadro 10 - Recorrência dos temas e itens lexicais do *corpus*

Alguns veículos midiáticos se atêm mais à exaltação (julgamento – estima social) da Laerte como cartunista genial, reconhecida e aclamada publicamente por seus quadrinhos sempre inovadores, o que é próprio das seções *Literatura*, *Entrevista*, *Cultura*, *Perfil*, por exemplo. Outras seções, como *Moda*, têm o foco na descrição (apreciação) da aparência ‘exótica e experimental’ da Laerte. Já outros veículos parecem se preocupar em ‘delinear’ (julgamento - estima e sanção social, processos material, relacional e mental) o processo de travestilidade da Laerte em contraposição às outras pessoas (eu - Laerte x outros - travestis, gays, transexuais etc.), como na edição 79 da revista Piauí adaptada para o *Tumblr*.

O passo analítico seguinte tomou por base o sistema de *Inclusão* (VAN LEEUWEN, 1996, 2005).⁵² A análise do *corpus* evidenciou os seguintes subsistemas, selecionados pelos veículos midiáticos digitais, a fim de representar a Laerte Coutinho e as *trans*, e os subsistemas, selecionados pela Laerte, a fim de representar a si e as *trans*:

- *Ativação*: atribuição de papéis ativos aos atores sociais. O ator social é representado como um agente, uma construção dinâmica e ativa, cuja realização pode ocorrer por meio das categorias de *participação*, *circunstancialização* e *possessivação*.
- *Passivação*: o ator social é o paciente, submetido a uma ação. A realização se dá pela *sujeição* e *beneficiação*.
- *Personalização*: o ator social pode ser incluído/representado no texto de forma personalizada, isto é, por meio de pronomes pessoais, possessivos adjetivos, nomes próprios ou substantivos. A ocorrência pode ser por meio das categorias de *determinação*, *indeterminação*, *generalização* e *especificação*.
- *Impersonalização*: o ator social é representado por meio de uma qualidade que lhe é atribuída, ou por meio de uma realização metonímica. Ocorre por meio da *abstração* e *objetivação*.

Sabemos que esses subsistemas são binômios que se entrecruzam (ativação e passivação; personalização e impersonalização); mas, a fim de facilitar a compreensão

⁵² Não trataremos do sistema de *Exclusão* porque objetivávamos saber como os veículos midiáticos incluíam a Laerte e as *trans* em seus textos, assim como analisar o modo como Laerte efetuava a inclusão de si e das *trans*.

de como a análise de dados foi feita, optamos por separá-los e focar na predominância de um subsistema em detrimento do outro em um dado excerto analisado.

A seguir, expomos a análise e discussão das recorrências mais ilustrativas dos dados do *corpus* observados quanto às representações sócio-discursivas e as construções identitárias da Laerte e das *trans*.

4.3. Laerte

Nessa seção, nos ateremos à análise da representação da Laerte, com base na RAS (VAN LEEUWEN, 1996, 2005) e nas categorias analíticas propostas por Fairclough (2001, 2003, 2012) sobre a representação discursiva, atentando-nos para as estratégias utilizadas nos textos analisados, bem como os subsistemas propostos por Martin e White (2005) - Atitude, Engajamento e Gradação; avaliações - Afeto, Julgamento e Apreciação - e as metáforas - conceituais, ontológicas e orientacionais (FAIRCLOUGH, 2001, 2003).

Buscamos responder às seguintes perguntas de pesquisa: i) Como Laerte se representa? ii) Como os veículos midiáticos representam Laerte?

4.3.1. Ativação

Como dito anteriormente, as representações podem atribuir papéis ativos e passivos aos atores sociais, além de proporcionarem/promoverem realocações das regras e um novo reordenamento das relações sociais entre os participantes (VAN LEEUWEN, 2008), pois, por meio da representação, a identidade e a diferença se ligam a sistemas de poder, isto é, “quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar”, nomear, ativar, apassivar, categorizar e classificar atores e atividades sociais (SILVA, 1996:91). Assim, ao ser ativado, o ator social pode ser representado como um agente, uma construção dinâmica e ativa, cuja realização pode ser por meio das subcategorias *participação*, *circunstancialização* e *possessivação*.

Na maioria das ocorrências verificadas, é atribuído à Laerte, tanto pela própria Laerte quanto pelos veículos midiáticos, um papel social ativo, por meio de representação dinâmica, gerando ações sociais, majoritariamente, por meio da participação.

(1) *“Fiz a minha primeira montagem em 2009. De 2004 a 2009 foi um período de confusão, preocupação, busca, dúvida; processos. No final de 2008 decidi que era isso o que eu queria. Busquei na rede uma saída, uma possibilidade concreta e achei o estúdio da Dudda Nandez [...] Depilar foi a primeira revelação, é compreender seu corpo sem a roupa do pelo.”* (Trip, 2010)

No fragmento (1), encontrado na seção *Entrevista*, por meio dos processos materiais, Laerte se representa como alguém que busca possibilidades, uma agente no processo de se travestir, que é descrito/caracterizado por ela, por meio do afeto e do processo relacional, basicamente como um “período de confusão, preocupação, busca, dúvida”, mas também de revelação, de libertação. Observe que na fala da Laerte há uma espécie de mescla entre os processos material e mental, o que delinea os seus sentimentos, emoções e percepções acerca do processo de travestilidade. Ademais, constatamos a importância do corpo no desvelar do processo da construção identitária de gênero, o corpo como um dos elementos que contribuem para o delineamento de quem a Laerte é para si mesma no processo de travestilidade, descrito metaforicamente como um desvestir-se, revelar-se, despir-se. Esse fragmento sugere-nos a construção de uma Laerte “estrangeira diante de si”⁵³, isto é, descobre-se “habitante de um novo corpo, temporariamente ou não, parcialmente ou não”, o corpo reinventado, resignificado.

No fragmento (2), retirado da seção *Literatura* da Revista Bravo, Laerte é representada pelo veículo midiático, primeiramente, por meio do processo material, como agente no lançamento da coletânea de quadrinhos, tendo ressaltada, ainda, a sua capacidade enquanto artista. Tal construção era esperada por tratar-se de um fragmento que encontra-se na seção literatura que, a princípio, focaliza informações quanto à produção artística e carreira da cartunista Laerte. Desse modo, o seu comportamento/processo de travestilidade é julgado - estima social - pelo veículo em questão como “reflexo de uma crise pessoal e profissional”, explicitada nas histórias que envolvem o protagonista/ator (Djalma) do seu novo trabalho como ilustrador.

(2) *“O cartunista, com 40 anos de carreira e 59 de idade, lança Muchacha, coletânea de quadrinhos sobre os bastidores de uma série televisiva. No livro, um dos personagens, Djalma, se veste de mulher — comportamento que o próprio ilustrador vem adotando desde 2009 como reflexo de uma crise pessoal e profissional.”* (Bravo, 2010)

É interessante ainda ressaltarmos o fato de o referido veículo utilizar-se da idéia de crise para ‘compactar e explicar’ o que estaria ocorrendo. Parafraseando Gomes

⁵³ Cf. MORAES, N. A. *Corpo deficiente - Corpo diferente : Estrangeiros, territorialidades e simulacros*. Disponível em: <http://www.nilsonmoraes.pro.br/nm/NM-2pdf.pdf>. Acesso em 23 nov. 2014.

(2003), as mídias, ao relatarem acontecimentos e fatos que se referem às violências, fazem uso constante de campos lexicais específicos, tais como os de surto, onda, epidemia e crise, que nos levariam à compreensão das ocorrências como exceções ou desregulamentos. Descartando, ainda, o aprofundamento no trato e, conseqüentemente, um entendimento mais amplo do problema, uma reflexão sobre as hipotéticas condições reais de produção da violência/não aceitação e respeito à identidade de gênero.

Já no fragmento (3), também encontrado na seção *Literatura*, Hugo/Muriel é representada/identificada pela Laerte como ator, como a *persona* que age discursivamente e assume, metaforicamente, nos quadrinhos, “grilos e desejos, ambições” do sujeito Laerte, que aparenta estar em um conflito interno, e que enseja “imitar” o visual das mulheres, mas que boicota a si mesma, se negando a viver o processo plenamente e sem maiores preocupações e neuras. O que é interessante, na medida em que o personagem, Hugo, se personifica e age ativamente no processo de travestilidade pelo qual a sua criadora, Laerte, está passando.

(3) *“Ele costuma assumir nos quadrinhos grilos e desejos que se confundem com os meus. O fato de imitar o visual das mulheres certamente denunciava algo sobre mim - sobre ambições que eu me negava a explorar às claras.”* (Bravo, 2010).

No fragmento (4), extraído da adaptação da versão online da *edição 79 da Revista Piauí* publicada no *Tumblr*, há, primeiramente, uma apreciação das vestimentas da Laerte feita pelo veículo midiático, assim como o aparente apagamento da identidade de gênero, pois o veículo sempre utiliza regência masculina para se referir à Laerte, semelhantemente à ocorrência do excerto (2). Em seguida, Laerte se posiciona enquanto ator, por meio do processo material, na busca pelo “guarda-roupa adequado à pessoa e ao sentimento”, dando-nos a impressão de se tratar apenas de vontade, predileção, desejo e não de identidade de gênero. A agente/experienciadora Laerte representa-se ainda como alguém que se ocupa em explorar os limites do próprio corpo, mas que também se sente cansada, sem energia, fatigada pelo/com o processo de travestilidade.

(4) *“De vestido longo com alças azul-marinho (‘Minha roupa de ir à tevê’) e o leque preto de sempre nas mãos, ele prosseguiu: ‘Do mesmo modo que estou buscando o guarda-roupa adequado à minha pessoa e ao meu sentimento de hoje, poderia estar construindo a minha casa. Mas não tenho móvel, não tenho bosta nenhuma. Tudo é meia-boca. Acho que estou gastando toda a energia com a expressão, com os limites do meu corpo’.”* (Ignorantsky-tumblr, 2013)

No fragmento (5), Laerte se representa, por meio do processo material e mental, como agente e experienciadora nos planos em realizar implante de silicone para seios,

como alguém que deseja “investigar melhor, saber toda a dimensão” dessa intervenção cirúrgica, uma adequação corporal, para que assim, talvez, o seu corpo se assemelhe mais ao que é concebido hegemonicamente como corpo feminino, pois Laerte assevera que em virtude da sua idade, o processo pela via hormonal não obteria sucesso (“Na minha idade não dá mais para fazer pela via hormonal. É jogar hormônio fora, não funciona”).

(5) “*Mas Laerte planeja fazer implante de seios. ‘Eu vou pôr peito. Quero investigar melhor, saber toda a dimensão do que é fazer isso. É uma intervenção cirúrgica. Na minha idade não dá mais para fazer pela via hormonal. É jogar hormônio fora, não funciona.’*” (Ignorantsky-tumblr, 2013)

Nos excertos (6) e (7), observamos a predominância da representação da personagem Hugo/Muriel como agente essencial no processo de travestilidade vivido pela Laerte. No exemplo (6), o veículo midiático representa/identifica metaforicamente Hugo como *alter ego* dos ‘ensejos’/necessidades do Laerte, utilizando a referenciação “masculina”. Já no exemplo (7), inicialmente, Laerte se representa, por meio do processo material, como agente na criação das histórias protagonizadas pela personagem Hugo. Em seguida, Hugo é novamente personificado e representado/identificado por Laerte como alguém que estaria ajudando-a/dando suporte na compreensão da vivência do seu processo de travestilidade, identificado metaforicamente por Laerte como “um caminho no escuro sem guias.”

(6) “*Desde que nasceu, o Hugo se porta como um alter ego do Laerte.*” (Bravo, 2010)

(7) “*Mantenho o Hugo pela questão de eu me travestir. É um personagem que me ajuda refletir, levantar algumas bolas. Como ele foi a pessoa que me conduziu para esse mundo, eu soltei isso como reconhecimento. Às vezes saem tiras meio bobas, mas também saem coisas que me ajudam a pensar e me fazem pensar. Esse processo de travestilidade é um caminho no escuro, não tem guias.*” (Trip, 2010)

Nesses fragmentos analisados quanto à subcategoria *ativação*, constatamos um processo de travestilidade que parece se configurar como conturbado, conflituoso, mas também libertador, revelador das problemáticas de gênero e corporeidade. É interessante observarmos a representação da Laerte ora como ator - que realiza, executa, faz acontecer, constrói o próprio processo - ora como sujeito - que sofre a execução/construção do processo realizado por outras pessoas - no processo de travestilidade. Este processo é descrito pela Laerte, principalmente, por meio do afeto, construções metafóricas e avaliações, e pelos veículos midiáticos, superficialmente e equivocadamente, por meio do julgamento de estima social - quanto à normalidade do

‘comportamento’ do cartunista - caracterizando-o como comportamento, crise, algo passageiro e que deve ser deixado em segundo plano em razão da importância e expressividade artística do Laerte.

Observamos também a importância da produção/personagem Hugo/Muriel para a Laerte na ‘descoberta’/reconhecimento da identidade de gênero, na vivência e ‘compreensão’ do processo de travestilidade como um todo. Já para os veículos midiáticos, Hugo é identificado somente como um *alter ego* do cartunista. Nesses fragmentos analisados há o frequente e significativo uso dos processos material e mental, tanto pela Laerte quanto pelos veículos midiáticos, na descrição do processo de travestilidade, da experienciação, da mudança física e artística da Laerte. No entanto, a ‘mudança’ não pode ser reduzida somente à aparência, ao uso de roupas e acessórios ‘femininos’, à nova temática dos quadrinhos, como é sugerido pelos veículos midiáticos, e por possíveis leituras das falas da Laerte. Há ‘transformação’ na cabeça, nos sentimentos, nas emoções, na percepção e experienciação do corpo e da identidade de gênero. Dessa forma, a pergunta que fica é: por que apagam essa transformação? Por que reduzem isso à crise? Afinal, trata-se de um processo de travestilidade, uma reconstrução identitária, e não apenas um desejo de se vestir de mulher.

4.3.2. Passivação

Segundo Theo van Leeuwen (1997), os atores sociais podem ser dotados de papéis ativos ou passivos. Na passivação, o ator social é o paciente, o que é/está submetido à ação, cuja realização se dá pela *beneficiação* e *sujeição*.

Na sujeição, o ator social é sujeito/paciente/vítima da ação, já na beneficiação, o beneficiado/beneficiário é aquele a quem os bens são dados, ou o cliente, para quem os serviços são prestados. O participante pode se afetar de forma positiva ou negativa de algum objeto.

Na beneficiação, o ator social é favorecido ou desfavorecido em relação a alguma ação ou atividade. O beneficiário, em geral, é animado, beneficiado ou prejudicado por algum bem ou serviço e, por isso, é uma ação que resulta de algum proveito ou prejuízo, em que o participante recebe desvantagens, que podem ser, inclusive, um objeto.

No excerto (8), retirado da seção *Literatura*, observamos a ocorrência da representação da Laerte de si enquanto beneficiária, alguém que recebeu um e-mail,

enviado por uma arquiteta fã do Hugo/Muriel” que, aparentemente, a ajudou a ‘despertar’ para o reconhecimento do processo de travestilidade, da própria identidade de gênero nos quadrinhos protagonizados por Hugo/Muriel:

(8) *“Foi quando recebi o e-mail de uma arquiteta, fã do Hugo. Na época, não dei muita bola.” (Bravo, 2010)*

No fragmento (9), observamos a ocorrência da representação da Laerte, especificado como “ele” (talvez por ser uma figura reconhecidamente famosa antes do processo de travestilidade) pelo veículo midiático, enquanto sujeito, alguém que não irá submeter-se à cirurgia de transgenitalização, descrita, erroneamente, como cirurgia para mudar de sexo (“Ele não cogita se submeter à cirurgia para mudar de sexo”). A experienciadora Laerte, por sua vez, descreve, por meio do processo mental, da avaliação, do julgamento de si e da modalidade negativa, a travestilidade e a identidade de gênero como desvinculadas do anatômico, do biológico, da genitália (“não estou exatamente em conflito com a minha genitália”). É muito interessante a construção da fala atribuída à Laerte por meio da pressuposição (talvez mais por parte da mídia e da população em geral) de que o processo de travestilidade (que diz respeito à identidade de gênero) estaria diretamente ligado ao conflito com a genitália (sexo).

(9) *“Ele não cogita se submeter à cirurgia para mudar de sexo. Não penso, não. Muita mão de obra, muita mexida, me dá medo. Fora que não estou exatamente em conflito com a minha genitália.” (Ignorantsky-tumblr, 2013)*

Por outro lado, nos fragmentos (10) e (11), Laerte é passivada como beneficiária quanto ao reconhecimento público como artista genial e inigualável, merecedora dos inúmeros prêmios por sua “originalidade e experimentalismo”, principalmente em suas produções diárias na Folha de S. Paulo. Mas é repetidamente referida por desinências e construções “masculinas”:

(10) *“Sinto vergonha de quase tudo o que produzi em 40 anos de carreira. Gostaria de consertar a maioria das coisas. Vergonha? A palavra me soa forte demais, entre outras razões, porque você ganhou inúmeros prêmios e porque diversos cartunistas, incluindo os jovens, frequentemente o classificam de genial.” (Bravo, 2010)*

(11) *“Foi o que aconteceu com Laerte. Celebrado por quadrinistas e jornalistas pelo experimentalismo e pela originalidade da sua produção diária na Folha de S. Paulo, durante 2010, o autor não só revelou gostar de usar roupas e adereços associados ao guarda-roupa feminino como passou a dar entrevistas vestido com eles.” (Suplemento Pernambuco, 2011)*

No fragmento (10), também extraído da seção *Literatura*, primeiramente, o veículo midiático *Bravo* realiza avaliação quanto ao que Laerte estaria sentindo em relação à sua produção anterior ao processo de travestilidade (vergonha), e julgamento - estima social - quanto à sua capacidade como artista. Em seguida, Laerte é passivada, representada pelo veículo midiático como beneficiada por ter recebido “inúmeros prêmios” e por ser aclamada por diversos cartunistas como genial. No fragmento (11), extraído da seção *Perfil*, além da representação positiva da Laerte como cartunista genial, o veículo midiático *Suplemento Pernambuco* representa a beneficiada Laerte como alguém que “era um celebrado cartunista por seu experimentalismo e originalidade” e que, por algum motivo, “passou a gostar de usar roupas e adereços femininos” e a (com)portar-se/agir de modo transviado. Observe que há uma construção, pelo veículo midiático, por meio da gradação, quanto ao processo de travestilidade da Laerte como o simples ato de ‘gostar’/ter predileção/fetiche de usar determinadas roupas e acessórios (“o autor não só revelou gostar de usar roupas e adereços associados ao guarda-roupa feminino” > “como passou a dar entrevistas vestido com eles.”).

A construção da representação sócio-discursiva da Laerte nos exemplos (8), (9), (10) e (11), enquanto beneficiada (favorecida) e sujeito, parece sugerir-nos que devemos relevar o comportamento experimental momentâneo e original do cartunista em vestir-se com roupas e adereços femininos, em virtude da sua importância no cenário dos quadrinhos brasileiros. Parece ser um pedido ao/à leitor/leitora para que entenda o que seria apenas um período de crise e confusão existencial do cartunista como algo passageiro, como se, em um futuro próximo, tudo se normalizasse, voltasse ao que era antes, e o Laerte de antes ressurgisse como uma fênix das cinzas. Assim, por um lado, há uma exaltação do artista inigualável e expressivo Laerte, próprio de seções (*Literatura* e *Perfil*) que objetivam focar a genial produção artística e carreira importantíssima, mas por outro lado há o apagamento e desrespeito à identidade de gênero da Laerte.

4.3.3. Personalização

As escolhas lexicogramaticais podem revelar também a forma como os atores sociais podem ser incluídos nos textos. Desse modo, atores sociais podem ser representados de modo personalizado, por meio de pronomes pessoais, possessivos

adjetivos, nomes próprios ou substantivos com características humanas. A personalização foi um tipo de representação recorrente neste assunto. Laerte foi, na grande maioria dos textos analisados, referida pela nomeação (Laerte, Laerte Coutinho), especificação (ele, você, o) e categorização (funcionalização - cartunista, ilustrador, artista).

No excerto (12), Laerte é especificada, pelo veículo midiático, por meio da expressiva recorrência dos pronomes *ele* e *o* - não respeitando a identidade de gênero da Laerte; da nomeação Laerte; da sua identificação como adepto do *crossdressing*, e da funcionalização (*o* cartunista). Curiosamente, o processo de travestilidade, que não é ator social, mas é importante na construção das representações da Laerte, é identificado/abordado e julgado (estima social), tanto pela Laerte quanto pelos veículos midiáticos, como *crossdressing*- “ato de se vestir de mulher”, do processo verbal revelar, que confere a ideia/compreensão de confidência e exclusividade, e do julgamento reducionista acerca da ‘visibilidade midiática’ da Laerte (“apenas a tratar sobre o guarda-roupa de peças femininas do cartunista”):

(12)“*Mas só em setembro, na Bravo!, ele se revelou de fato como adepto do crossdressing – prática de usar roupas ou acessórios vinculados ao sexo oposto – e deu as primeiras declarações sobre o assunto. A partir daí, diversas matérias se dedicaram a falar do Laerte vestido de mulher, incluindo abordagens que se dedicavam, por exemplo, apenas a tratar sobre o guarda-roupa de peças femininas do cartunista.*” (Suplemento Pernambuco, 2011)

Assim, em contraposição à identificação do processo de travestilidade como assunto, *Laerte vestido de mulher* e *abordagens*, feita pelo veículo midiático no excerto (12), no (13), temos a compreensão da Laerte do processo como *prazer indescritível, prática, transposição de limites, necessidade imperiosa de perscrutar e vivenciar os códigos femininos, viagem insondável pelo planeta das mulheres*. Assim, primeiramente há a especulação e indução da manifestação significativa do que seria o sentimento da Laerte quanto ao processo de travestilidade, por meio da pergunta formulada pelo veículo midiático utilizando, para isso, o processo mental emotivo:

(13)“*O que você sente quando se traveste? Um prazer indescritível, que nunca cogitei sentir. Recorrendo à prática, não planejo mudar de gênero definitivamente nem colocar em xeque a minha bissexualidade. O crossdressing, no meu caso, se refere menos à atividade sexual e mais à transposição de limites. É uma necessidade imperiosa de perscrutar e vivenciar os códigos femininos. Há ocidentais que se deleitam em investigar o Oriente. Experimentam comidas exóticas, fazem ioga, visitam a China. Da mesma maneira, por que um homem não pode empreender uma viagem radical pelo planeta insondável das mulheres?*” (Bravo, 2010)

Em sua resposta, a experienciadora Laerte, interpelada diretamente pelo veículo (“você”), descreve o fenômeno/processo da travestilidade, antes inimaginável, hoje, latente, por meio de processos mentais que sugerem a ideia de experimentar, experimentar (“não planejo mudar de gênero definitivamente”), vivenciar a identidade de gênero; da identificação como *crossdressing*, avaliada como “transposição de limites”; de metáforas, que também se configuram como clichês sobre o comportamento ‘feminino’, que fazem alusão ao discurso hegemônico de um suposto mundo particular que pertenceria somente às ‘mulheres’, um universo estritamente ‘feminino’, que seria inatingível sendo ‘homem’ (“necessidade imperiosa de perscrutar e vivenciar os códigos femininos”); e da sequência de negação (“não planejo”, “nunca cogitei”) e contraposições entre a identidade de gênero e a sua (bi)sexualidade. Há, assim, uma aparente construção do ‘eu feminino’ em contraposição ao ‘eu masculino’, em um processo de travestilidade, por ora, descrito como *crossdressing*.

No excerto (14), novamente, Laerte é questionada, de forma direta (“você”), acerca do ‘seu lugar/posicionamento’ quanto ao processo de travestilidade. Note que há a expressão dos sentimentos da Laerte e explicitação, na fala do veículo midiático, em relação à suposta necessidade de um ‘enquadramento sócio-comportamental’ baseado no binarismo macho x fêmea, nas pretensas classificações (gay, travesti, transexual, *crossdresser* etc) e nos discursos hegemônicos de normalidade e heteronormatividade (normal/hétero = aceito x anormal/não hétero = excluído):

(14)“O pessoal não sabe muito o que perguntar para você. Onde é que você se enquadra nisso? É uma tentativa de fechar esse pequeno furacão dentro de alguns compartimentos: sexualidade, parafilias. É muito grande. Vamos baixar esse balão. Por quê? Porque ele está numa área que ninguém entende, gênero. Existe, é a grande lição que a gente explica para as crianças; Você é menino, portanto seu caminho é esse, você é menina, seu caminho é aquele. Não é só questão de vestimenta, mas de uso do corpo.” (Bravo, 2010)

Neste exemplo, verificamos, primeiramente, a generalização/distanciamento do veículo midiático quanto ao que estaria acontecendo com Laerte, onde *ele* se ‘enquadraria’ (se identificando como *crossdresser*, travesti, transexual, etc). Em resposta, Laerte, até em tom irônico, identifica o processo (travestilidade) como uma busca, experimentação, metaforicamente como um “pequeno furacão dentro de alguns compartimentos”, como uma “grande lição” e algo que “ninguém entende” por se tratar de questões de identidade de gênero e de uso do corpo, enquanto construto social.

Segundo Woodward (2009), o corpo é um dos locais possíveis envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definiriam quem nós somos. Laerte faz uma importante crítica quanto ao discurso hegemônico que privilegiaria o binarismo determinista, para o qual: “[se] Você é menino, portanto seu caminho é esse, você é menina, seu caminho é aquele”. Percebemos, assim, por meio deste exemplo, a influência do discurso e postulações do âmbito biológico que, por tantas vezes, se sobrepõem ao social e que são, por tantas vezes, reforçados e propagados pelos veículos midiáticos.

Resgata-nos, assim, a compreensão da ideologia discutida por Fairclough (2001:117) como significações/ construções da realidade construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas, que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação, estando, pois, intrinsecamente ligada às relações sociais, como expressão de tomada de determinada posição, reproduzida por indivíduos posicionados sócio-historicamente. Retomando Thompson (1990), Fairclough (2001:117) acrescenta ainda que “determinados usos da linguagem e de outras ‘formas simbólicas’ são ideológicos, isto é, servem, em circunstâncias específicas, para estabelecer ou manter relações de dominação.”

É interessante notarmos também o uso de construções metafóricas, pela Laerte, na representação do seu processo de travestilidade, tais como *transposição de limites*, *necessidade imperiosa de perscrutar e vivenciar os códigos femininos*, *viagem insondável pelo planeta das mulheres*, *pequeno furacão*, *balão*, *emoção como saltar de paraquedas*, uma vez que quando significamos algo por meio de uma metáfora em detrimento de outra, estamos construindo nossa realidade de um modo e não de outro. Ademais, as metáforas estruturam o modo como pensamos e agimos, e nossos sistemas de conhecimento e crença, de uma forma penetrante e fundamental. Corroborando com Fairclough (2001:241) as metáforas penetram em todos os tipos de linguagem e em todos os tipos de discurso, não sendo apenas adornos estilísticos superficiais do discurso.

Na análise dos exemplos quanto à subcategoria de personalização, verificamos ainda a predominância da representação da Laerte por meio da determinação - categorização por funcionalização (cartunista) e nomeação (Laerte), como no exemplo (15):

(15) “O cartunista Laerte, sobre se vestir de mulher: ‘É uma emoção como saltar de paraquedas’” (Trip, 2010)

No excerto (15), Laerte ainda identifica/avalia o processo de travestilidade fazendo um paralelo com a emoção em “saltar de paraquedas”, algo novo, uma aventura que envolve adrenalina, experimentação, sensações novas etc., que no início pode até provocar medo, mas que depois causa emoções únicas e marcantes. A identificação da travestilidade, pelos veículos midiáticos, por sua vez, é feita de modo muito reducionista e equivocado como o simples ato de “vestir-se com roupas femininas”, como ocorre do mesmo modo no excerto (16):

(16) “Apesar de ter lançado recentemente a HQ ‘Muchacha’ (Companhia das Letras), história sobre uma série dos anos 1950 e suas reviravoltas que foi definida pelo autor como um ‘graphic-folhetim’, Laerte tem chamado a atenção da mídia nos últimos anos pelo abandono de seus personagens e pela prática do crossdressing, que em resumo consiste em vestir-se com roupas femininas.” (Último segundo, 2010)

Novamente, constatamos a exaltação da capacidade da Laerte enquanto artista/cartunista no passado, mas que no presente estaria se dedicando à produção de novos personagens e à nova proposta de quadrinhos (*graphic-folhetim*), e que, atualmente, estaria chamando mais a atenção dos veículos midiáticos pela sua aparência/roupas do que por sua reconhecida genialidade e inovação artística, já consagrados pelo público (leitores/leitoras e fãs) e por especialistas (cartunistas e críticos). Contudo, há ainda a construção de ‘um Laerte louco’, insano, fora de si, que abandonou personagens que o consagraram para se dedicar à satisfação de um desejo em ‘vestir-se de mulher’. Não há, por parte dos veículos midiáticos, o reconhecimento da identidade de gênero da Laerte nem da sua nova produção artística “com teor mais filosófico”, assim definido pela própria Laerte.

No excerto (17), constatamos a representação, feita pelo *Suplemento Pernambuco*, dos órgãos que entrevistaram a Laerte e deram visibilidade à ‘transformação’, ao processo de travestilidade.

(17) “O interesse da mídia em relação ao quadrinista tem se baseado em dois polos, ambos relacionados à imagem de artista em crise, de artista em transformação que Laerte tem mantida. O primeiro deles é, naturalmente, o trabalho do autor, que, com a criação do blog Manual do Minotauro, passou a ser alvo de elogios. O site, na verdade, serviu apenas para ampliar a visibilidade e dar uma visão geral da mudança que havia começado já em 2004 e foi intensificada em 2005, com a morte do seu filho Diogo, aos 22 anos, em um acidente de carro.” (Suplemento Pernambuco, 2011)

O veículo em questão representa Laerte funcionalmente (quadrinista), e concebe/julga - estima social - o reconhecimento nacional/artístico/ midiático como uma consequência natural/direta da sua capacidade como artista. Percebemos, ainda, por meio da voz do veículo midiático, a avaliação quanto à representação da mídia, em

geral, como interessada na ‘imagem de artista em crise, em transformação’ (devido à criação dos quadrinhos com teor mais filosófico e o abandono de personagens consagrados) e na visibilidade da mudança/travestilidade associada à morte do filho da Laerte (Diogo) em um acidente de carro. Há, aqui, novamente, uma sugestiva implicação de que a ‘mudança’, ‘a crise’ e a ‘transformação’ (pessoal e profissional), estariam intimamente atreladas ao drama provocado pela perda de um ente muito querido.

Segundo Fairclough (2003), tal implicação se configura como presunção valorativa, isto é, há uma tentativa de naturalizar certas causas e efeitos. Assim, a nominalização ‘transformação/crise’ momentânea da Laerte se justificaria devido à morte traumática do seu filho. Além disso, ao utilizar o item lexical *crise*, há a sugestão da compreensão do ‘comportamento’ do Laerte como exceção, desregulamento, algo esporádico em uma sociedade ordeira, boa, dispensando, assim, o aprofundamento do problema, a reflexão acerca das condições reais do processo de travestilidade.

Este excerto parece exemplificar as ocorrências mais significativas verificadas quanto à representação da Laerte, por si e pelos veículos midiáticos, ora sendo tendo as suas novas vestimentas e criações artísticas apreciadas, ora sendo julgada como genial e/ou artista em profunda ‘crise existencial’. Além do recorrente desrespeito à construção sócio-discursiva da Laerte, sendo sempre representada pelos veículos midiáticos por meio de regências e construções ‘masculinas’ (o, ele), e um ‘saudosismo’ ‘do Laerte do passado’, do ‘Laerte do PCdoB e do Pasquim’, do ‘Laerte macho e pai de família’.

Observamos também um preocupante e aparente desconhecimento quanto à problemática de gênero, mais especificamente à identidade de gênero. Se por um lado Laerte se posiciona como agente, consciente e esclarecido quanto à sua identidade de gênero, apesar dos conflitos sentimentais e emocionais, e dos estranhamentos sociais que enfrentou/enfrenta, os veículos midiáticos parecem se ater, somente, à exaltação do Laerte do passado, do Laerte consagrado por sua genialidade e inovação na criação de personagens e histórias que marca(ra)m a história dos quadrinhos brasileiros, como os *Piratas do Tietê*, *Overman*, etc. Os veículos midiáticos analisados estão muito mais (pre)ocupados em explorar o espetáculo, vender textos, do que respeitar e compreender a identidade de gênero e a corporeidade em sua totalidade.

Nesses fragmentos, Laerte é categorizada - funcionalizada (cartunista), exaltada/julgada - estima social (“um dos cartunistas e ilustradores mais conhecidos do Brasil”), e personalizada por meio dos pronomes/regência masculina (“o cartunista Laerte”,

“ele”) - não tendo a sua identidade de gênero respeitada. Há também uma interessante construção avaliativa quanto ao processo de travestilidade/*crossdressing* em uma analogia com a emoção em saltar de paraquedas, por meio da expressividade dos sentimentos da Laerte, bem como do uso dos processos mentais e avaliativos.

Notamos, infelizmente, a grande reincidência do total desrespeito quanto à identidade de gênero da Laerte, assim como um desconhecimento significativo quanto às questões de gênero por parte dos veículos analisados. A representação sócio-discursiva da Laerte, nos veículos midiáticos, até então, parece estar muito centrada na sua competência como cartunista genial, criador de personagens e quadrinhos muito importantes e famosos, como o *Overman* e *Piratas do Tietê*. Por outro lado, os exemplos aqui analisados parecem nos levar a refletir também acerca dos discursos hegemônicos sobre/do binarismo biológico e as práticas de “um homem [poder ou não] empreender uma viagem radical pelo planeta insondável das mulheres.”

4.3.4. Impersonalização

Os atores sociais podem ser representados por meio de substantivos abstratos cujo significado não inclui a característica semântica humana, o que pode gerar/contribuir para efeitos como o de encobrir as construções identitárias e/ou a função do ator social; fornecer autoridade impessoal ou força a uma atividade ou qualidade de um ator social; acrescentar conotações negativas ou positivas a uma atividade ou enunciado de um ator social. No entanto, não foi verificada a ocorrência dessa subcategoria na representação da Laerte.

4.4. *Trans*

Nessa seção nos ateremos à análise quanto à representação das *trans* com base na Teoria da Representação dos Atores Sociais (VAN LEEUWEN, 1996, 2005) e nas categorias analíticas propostas por Fairclough (2001, 2003, 2012) sobre a representação discursiva, atentando-nos para as estratégias utilizadas nos textos analisados, bem como os subsistemas propostos por Martin e White (2005) - Atitude, Engajamento e Gradação; avaliações - Afeto, Julgamento e Apreciação - e as metáforas - conceituais, ontológicas e orientacionais (FAIRCLOUGH, 2001, 2003).

Buscamos responder às seguintes perguntas de pesquisa: i) Como Laerte representa as *trans*? ii) Como os veículos midiáticos representam as *trans*?

4.4.1. Ativação

Ao atribuir papel ativo às *trans*, os veículos midiáticos analisados as representaram, por vezes, como agentes, construções dinâmicas e ativas, por meio das subcategorias *participação*, *circunstancialização* e *possessivação*.

Assim, os excertos (18), (19) e (20) ilustram bem a ocorrência constante da ativação das *trans* como agentes por meio da subcategoria participação:

(18) “Ela também promove encontros entre os *crossdressers*. Costumam acontecer uma vez por mês. ‘As meninas se reúnem, mas não tem nada de pegação, é bem familiar. Elas se produzem, a gente come, bebe, conversa, tira fotos.’ Na média, participam de dez a quinze pessoas por encontro, mas já chegaram a ser trinta numa única tarde de sábado.” (Ignorantsky-tumblr, 2013)

No fragmento (18), há a mescla das vozes do veículo midiático e da Dudda Nandez, identificada como “uma jovem que se especializou em produzir *homens* com trajés *femininos*”. Desse modo, primeiramente, por meio do processo material e da especificação, há a ativação, efetuada pelo veículo midiático, da Dudda enquanto agente na promoção de encontros de pessoas identificadas como *crossdressers*. Em seguida, as pessoas/“meninas”/*trans* que frequentam essas reuniões, também por meio do processo material, são representadas como agentes na “produção”. A agente Dudda ainda tenta desconstruir o discurso hegemônico da promiscuidade e exclusão que, comumente, é vinculado à vivência das *trans*, elencando, por meio do processo material, o que geralmente acontece nos encontros promovidos por ela (“Elas se produzem, a gente come, bebe, conversa, tira fotos”).

No exemplo (19), extraído da seção *Entrevistas* da revista *Trip*, por meio do processo relacional, Laerte identifica a travestilidade e a identidade de gênero fazendo uso de uma analogia entre as várias possibilidades de construções identitárias de gênero (“tipo de gênero”, expressão de gênero”) e o binarismo macho x fêmea. Laerte utiliza ainda uma construção muito interessante para reforçar a compreensão da identidade de gênero como algo único, particular, que não deve ser reduzido a simples matrizes binárias, utilizando, para isso, a assertiva, por meio do processo relacional em “a quantidade de tipos de expressão de gênero é quase uma impressão digital”, não existindo o feminino, mas vários femininos.

(19) “*Cada pessoa é representativa de um tipo de gênero. A quantidade de tipos de expressão de gênero é quase uma impressão digital. Embora exista uma linguagem de frequentar o mundo feminino, cada um tem jeito de fazer isso. Resolvi deixar o Hugo me ajudar, mesmo com o desenho de narigão, essas coisas.*” (Trip, 2010)

No excerto (20), há a problematização das nomeações, julgamentos e vivências das *trans*:

(20) “*Essas pessoas que, muito jovens, enfrentam essa barra, são expulsas de casa, são violentadas, brutalizadas, viram-se na prostituição por falta de escolhas, mas tem uma coragem muito grande de viver sua travestilidade plenamente e abertamente. O que não se passa com os crossdressers. Sem querer colocar um juízo de valor pessoal, [falar em] coragem, covardia, eu acho que as crossdressers são travestis que não tem essa existência pública. Algumas pessoas argumentam que a travesti vive 24 horas, a crossdresser só quando quer. Não é bem verdade. Se houvesse esse trânsito livre, muito provavelmente as travestis não se vestiriam o tempo todo ou as crossdressers se vestiriam muito mais, não ficariam reduzidas a sessões privadas. Se existe algum trabalho político nessa área, é quebrar códigos de gênero, fazer as pessoas refletirem e debater esse tipo de coisa.*” (Trip, 2010)

Neste exemplo, constatamos a representação das *trans*, pela voz da Laerte, inicialmente, como agentes, por meio do processo material, e metaforicamente – aludindo à guerra, ao combate – como sujeitos que, por vários motivos (crenças, preconceitos, exclusão), foram/são expulsos de casa, geralmente por seus familiares e entes mais próximos; sofrem inúmeros tipos de violência e, muitas vezes por falta de opção e pela exclusão social, em todos os sentidos, têm de recorrer à prostituição a fim de que tenham o mínimo de recursos financeiros para a sobrevivência. Em seguida, Laerte reforça/avalia o contraponto, ainda que de modo generalizado, entre ela e as *trans*, ressaltando, por meio do processo mental e relacional, as diferenças na (não)aceitação social da “vivência plena e aberta da travestilidade” (Laerte = artista excêntrico, genial, inovador e em crise x *trans* = prostitutas, travestis, excluídos).

Por meio do engajamento (“não é bem verdade”), Laerte contra argumenta ao discurso que opõe *crossdresser* x travesti, à concepção/avaliação do *crossdresser* como alguém que apenas gosta de utilizar/experimentar roupas e acessórios ditos femininos, e às travestis como indivíduos que não deveriam ter existência pública, uma vez que representariam o que deve ser deixado à margem (prostituição, promiscuidade, fuga ao padrão heteronormativo). Laerte continua sua percepção/avaliação quanto à presunção avaliativa/possibilidade (modalizada) de tal concepção ser verdadeira, “muito provavelmente as travestis não se vestiriam o tempo todo ou as crossdressers se vestiriam muito mais, não ficariam reduzidas a sessões privadas”, isto é, há uma presunção valorativa de que a sociedade não aceita, ‘não vê com bons olhos’.

Segundo van Leeuwen (2008), o modo de representar seres, coisas e entidades encontra-se na representação de aspectos do mundo físico ou mental, através das crenças, dos sentimentos e valores realizados por meio de escolhas linguísticas instanciadas nos mais variados contextos situacionais. Assim, as escolhas de nomeações (travesti ou *crossdresser*), por exemplo, contribuiriam para a manutenção, produção ou transformação das representações sócio-discursivas das *trans*.

Observe que, nesses excertos, a problemática de gênero é representada metaforicamente como “impressão digital”, “uma linguagem de frequentar o mundo feminino” de modo particular, “travestilidade” e como tentativa de “quebrar códigos de gênero”; além da ocorrência de uma contraposição entre travestis x *crossdressers*. Laerte, por meio do julgamento - sanção social e estima social - afirma que a diferença na ‘definição/nomenclatura’ entre os dois ‘grupos’ seria, essencialmente, de ordem social, relacionada à ‘existência pública’, e não ao desejo/identificação (“a travesti vive 24 horas, a *crossdresser* só quando quer”), pois, como bem afirma, “se houvesse esse trânsito livre [que não acontece porque a sociedade não compreende, pelo fato do binarismo biológico macho x fêmea ainda imperar e se sobrepor à identidade de gênero], muito provavelmente as travestis não se vestiriam o tempo todo ou as *crossdressers* se vestiriam muito mais, não ficariam reduzidas a sessões privadas”, o que, provavelmente, implicaria em uma mudança na compreensão e respeito às travestis, às pessoas que vivem sua “travestilidade plenamente e abertamente”, mas que são julgadas e vinculadas rotineiramente à tríade pobreza/violência, drogas e sexo/prostituição.

4.4.2. Passivação

Os veículos midiáticos também representaram as *trans* de modo passivado, por meio da sujeição e da beneficiação.

Na sujeição, as *trans* e as mulheres foram representadas enquanto sujeito/paciente/vítima da ação, como podemos observar nos excertos a seguir:

(21) “*As mulheres são educadas para ter uma contenção corporal, isso é cultural. Elas são condenadas a um tipo de vida.*” (Moda 1G, 2010)

No exemplo (21), extraído da seção *Moda*, Laerte resgata interdiscursivamente a luta do feminismo e suas conquistas notórias. Cabe ressaltar que a teoria *Queer* teve

origem nos Estados Unidos na década de 1980 após o desenvolvimento de estudos sobre gays e lésbicas, impulsionados pelo movimento feminista, e se ocupa, essencialmente, do estudo sobre gênero, e para qual a orientação sexual, a identidade sexual ou de gênero dos indivíduos são resultado de um construto social, refutando, assim, a existência de papéis sexuais essenciais ou biologicamente determinados, afastando-se completamente de uma pretensa origem biológica e do discurso da patologização do gênero.

As mulheres são identificadas, pela Laerte, no excerto (21), por meio do processo relacional, como “condenadas a um tipo de vida”, talvez devido ao seu gênero, como vítimas de um “constrangimento dos seus corpos”, como uma “questão cultural”, algo que seria recorrente e hegemônico, que não deve ser problematizado, questionado ou revogado, simplesmente seguido/fortalecido/perpetuado. O que retoma as proposições feitas por Laqueur (2001:18) acerca da visão vigente no século XVIII, na qual existiriam dois sexos estáveis (homem e mulher), “incomensuráveis e opostos, e que a vida política, econômica e cultural dos homens e das mulheres, seus papéis no gênero, são de certa forma baseados nesses fatos.” Ademais, novamente constatamos a explicitação da importância e a contribuição do corpo na construção das identidades, das possibilidades de ser (ou não ser).

No excerto (22), as *trans* são identificadas, pela Laerte, por meio do processo relacional, nomeadas (travestis, transgêneros) e representadas, metaforicamente, como sujeitos que por inúmeros motivos (preconceito, exclusão, violência) tiveram suas vidas transformadas, “afuniladas”, e como vítimas, forçadas a recorrer à prostituição, um “tipo de seviol”, a fim de sobreviverem:

(22) “São travestis, transgêneros, e tiveram suas vidas afuniladas para esse tipo de ‘seviol’. [...] São pessoas que foram mergulhadas numa barra mais pesada por causa do contexto social onde elas vivem.” (Trip, 2010)

Nesse exemplo, podemos observar a representação da experiência das pessoas julgadas socialmente como marginais, anormais, grotescas e condicionadas, mais uma vez, à tríade: pobreza/violência, sexo/prostituição e drogas; como se não houvesse outras possibilidades de (sobre)vivência e não tivessem o direito de viverem e serem reconhecidas socialmente como cidadãs.

No fragmento (23), há a problematização da “questão de status social envolvida na identidade do clube” dos *crossdressers*:

(23)“Existe uma questão de status social envolvida na identidade do clube: ‘O crossdresser é um travesti. Só que de classe média. **Se lhe aplicarem a pecha de travesti, ele morre. Eu? Sou fina. Sou educada, não faço barraco na rua!**’, disse Laerte, imitando uma personagem de voz afetadinha.” (Ignorantsky-tumblr, 2013)

Nesse exemplo, temos a avaliação e identificação, feita pela Laerte, quanto à dinâmica/funcionamento do clube BCC (Brazilian Crossdresser Club) e à problemática das nomeações (crossdresser é travesti + explicação), uma vez que a “pecha de travesti” não é admitida/adotada em hipótese alguma por quem frequenta o referido clube, pois somente “pessoas finas, educadas”, que não fazem “barraco na rua” poderiam frequentar o BCC. Em contrapartida, a baixaria seria própria/comum ao comportamento das travestis, por se tratarem de pessoas “baixas”, “sem classe”. Ambas as perspectivas parecem ser reflexo de como a sociedade hegemonicamente enxerga as pessoas que fogem ao padrão vigente, neste caso, a heteronormatividade. No entanto, essa concepção parece não ser compartilhada pela Laerte (pelo menos pelo o que é possível depreender da fala atribuída à Laerte), a qual busca combater, por meio da fala afirmativa e avaliativa, esses processos relacionais e dualistas - travestis x crossdresser, ricos x pobres, escolarizados x não-escolarizados, realizando, então, a identificação por meio da ironia (“O crossdresser é um travesti. Só que de classe média.”), e crítica social (pobre não é aceito, rico sim!), o que não parece se aplicar muito, pois se fossem realmente aceitos, não precisariam se ‘esconder’ no clube privado.

Já na subcategoria beneficiação, as *trans* seriam representadas enquanto beneficiada/beneficiária de forma positiva ou negativa. Todavia, essa ocorrência não foi observada no nosso *corpus*.

4.4.3. Personalização

Semelhante ao que ocorreu na representação da Laerte, na construção da representação das *trans*, também foi recorrente a personalização por meio dos pronomes pessoais, possessivos adjetivos, nomes próprios ou substantivos com características humanas, como constata-se dos excertos (24) a (29). Nesses fragmentos, podemos observar a ocorrência, principalmente, da subcategoria determinação - nomeação, identificação, funcionalização, associação.

No excerto (24), o veículo midiático nomeia Maitê Schneider, e a identifica, por meio do processo relacional, como uma das fundadoras da ABRAT (Associação Brasileira de Transgêner@s), juntamente com Letícia Lanz, Laerte Coutinho e Márcia

Rocha. Ademais, Maitê também é identificada/nomeada como a única transexual no grupo fundador da ABRAT, ao passo que, por meio do processo material, é representada como ator gramatical (“alguém que construiu uma vagina no lugar do pênis”), em um processo que é descrito/avaliado, pelo veículo midiático (utilizando linguagem informal e a força/ênfase - “num processo cheio de lances dramáticos”), apenas pelo viés biológico/anatômico, como um processo traumático, dramático e longo que lhe causa transtornos (talvez dores, traumas, cicatrizes - indefinição utilizada como estratégia argumentativa) até hoje.

(24) “Maitê é a caçula da ONG. Tem 40 anos e trabalha como depiladora e atriz de teatro. De todas as fundadoras da Abrat, é a única transexual – construiu uma vagina no lugar do pênis, num processo cheio de lances dramáticos, que levou décadas para ser consumado e até hoje lhe causa transtornos.” (Ignorantsky-tumblr, 2013)

No excerto (25), observamos a ocorrência da nomeação (Laerte Coutinho, Márcia Rocha, Letícia Lanz, Maitê Schneider), identificação (“trans da capital paranaense”), da funcionalização (empresária) e da associação (entre Laerte e Márcia), pelo veículo midiático, na narração acerca de um congresso significativo promovido pela ABRAT - Expressões Transgêneras. Constatamos também uma confusão na referenciação feita pelo veículo midiático, pois ora Laerte Coutinho, Márcia Rocha, Letícia Lanz e Maitê Schneider têm suas identidades de gênero respeitadas (“as quatro”, “empresária”), ora são referidas por meio da referência ‘masculina’ (“juntos”). Todavia, há a preocupação, do veículo midiático, em esclarecer aos/às leitores/leitoras o tipo e razão do congresso para o qual Laerte e Márcia estavam indo (Congresso de ‘Expressões Transgêneras’), assim como a associação que estava promovendo tal evento (ABRAT) e quem a criou e a administrava, até então (Laerte, Márcia, Maitê e Letícia).

(25) “No início de novembro, quase um mês antes de participarem do Projeto Purpurina, Laerte e Márcia viajaram juntos para Curitiba. Foram no carro da empresária para o congresso de ‘Expressões Transgêneras’. Era o primeiro evento público promovido pela Abrat, a Associação Brasileira deTransgêner@s – assim mesmo, com @. A ONG foi criada no final de 2011 e desde o início é dirigida por Laerte e Márcia, junto com mais duas trans da capital paranaense, Letícia e Maitê Schneider. As quatro haviam se conhecido no BCC.” (Ignorantsky-tumblr, 2013)

No fragmento (26), há, pelo veículo midiático, a nomeação da Márcia, a descrição de parte da vida da empresária bem sucedida e bem resolvida junto à sua filha, por meio do processo material. Há também a apreciação da aparência da “morena dona de um corpanzil e seios bem evidentes”:

(26) “*Márcia se separou da mulher quando a filha, hoje com 18 anos, tinha 9 meses. A jovem e o pai travesti moram juntos em Alphaville, condomínio luxuoso na Grande São Paulo. Márcia é uma morena de 1,80 metro de altura, cabelos negros lisos e compridos, cuja presença não passa despercebida. Aos 48 anos, é dona de um corpanzil e tem seios bem evidentes.*” (Ignorantsky-tumblr, 2013)

Nesse exemplo, constatamos uma quebra da ‘normalidade’, do padrão do que é concebido socialmente (hegemonicamente) como ‘ser homem’, uma vez que, ao ser nomeada e ter sua aparência apreciada, Márcia também é identificada como travesti, pai, empresária, elementos que, pelo padrão heteronormativo, hegemônico e institucional (família e casamento) não são aceitos/compatíveis, gerando ‘conflitos’ na compreensão hegemônica da identidade pai/macho/provedor e travesti/prostituta/marginal. Esse fragmento ilustra bem a fragmentação e a fluidez da identidade da Márcia.

Segundo Hall (2005), o sujeito que, antes era visto como detentor de uma identidade unificada e estável, com as mudanças constantes, rápidas e permanentes nas sociedades, se tornou fragmentado, possuindo não uma, mas várias identidades, por vezes vistas como contraditórias e não resolvidas, pois a identidade é formada na interação entre a sociedade e o indivíduo. Percebemos ainda, por meio da vivência da Márcia, explicitada no exemplo (26), que a ordem compulsória que exigiria uma suposta coerência total entre um sexo, um gênero e um desejo/prática heterossexual (macho - pai - provedor - heterossexual) não se sustenta. Butler (2008), ao discutir sobre a produção disciplinar do gênero, assevera que essa leva a uma falsa estabilização do gênero, ocultando as suas descontinuidades e contribuindo para a construção e regulação heterossexuais da sexualidade no domínio da reprodução. Além disso, chamamos a atenção o fato de que assim como o gênero não decorre necessariamente do sexo, o desejo/sexualidade parece não decorrer do gênero.

Ainda no exemplo (26) há o resgate ao padrão hegemônico de beleza quanto ao corpo feminino (“Márcia é uma morena de 1,80 metros de altura, cabelos negros lisos e compridos” [...] “dona de um corpanzil e tem seios evidentes”), assim como o reforço/ a necessidade de legitimar sócio-economicamente o indivíduo (“A jovem e o pai moram juntos em *Alphaville*, condomínio luxuoso na Grande São Paulo”) a fim de, possivelmente, ‘justificar’ a sua aceitação pela sociedade e, conseqüentemente, sua representação diferenciada pelas mídias (presunção valorativa - Márcia não é pobre, não é prostituta).

É curioso notar que, assim como no fragmento (26), no (27), há o aparente respeito à identidade de gênero da Márcia, por parte do veículo midiático, por meio do

pronome pessoal (“ela”), ainda que ocorram presunção valorativa e equívocos quanto ao corpo e identidade de gênero (“ela contou que, apesar de sua transformação – e apesar de ser rica [‘Dinheiro, para mim, não é problema’] –, nunca teve intenção de fazer cirurgia para trocar de sexo). A dizente/identificada/experenciadora Márcia elucida questões pertinentes em relação ao gênero (“me sentir mulher”), sexo (“Eu adoro o meu peru”) e sexualidade (“sente atração por homens e mulheres”), além de explicitar, por meio do processo material e mental, a sensação de se sentir mulher e despertar olhares/desejos de “homens, mulheres, lésbicas”:

(27) *“Com a fala desimpedida, ela contou que, apesar de sua transformação – e apesar de ser rica (‘Dinheiro, para mim, não é problema’) –, nunca teve intenção de fazer cirurgia para trocar de sexo. ‘Eu adoro o meu peru. Amo ele de paixão. Se eu tivesse que escolher entre tirar o pinto e tirar o peito, eu tirava o peito, sem piscar.’ Acrescentou que sente atração por homens e por mulheres, mas costuma ter mais relacionamentos com o sexo feminino: ‘As lésbicas me olham com desejo. Uma das coisas que eu mais gosto é me sentir desejada, me sentir mulher, perceber que estou agradando’.” (Ignorantsky-tumblr, 2013)*

No fragmento (28), retirado da adaptação da edição 79 da revista *Piauí* no *tumblr*, há a ocorrência da nomeação e identificação profissional da Letícia (economista com pós-graduação em Administração e Psicologia Social), caracterização/identificação da Letícia (“um travesti de 60 anos”) em posição temática e por meio da presunção valorativa (não é pobre, não é prostituta), conferindo *status* à travesti, bem como a apreciação e comparação, ainda que em tom pejorativo, da sua aparência (“uma versão feminina de Erasmo Carlos”, “usa piercing entre o queixo e o lábio inferior”, “ostenta seios discretos”). Essa ‘insistência’ na descrição física das *trans* parece reforçar, de alguma maneira, os estereótipos heteronormativos de feminilidade e do ser feminino.

(28) *“Formada em economia e pós-graduada em administração e psicologia social, Letícia é um travesti de 60 anos. Tem os cabelos brancos e cacheados, meio revoltos, o que faz lembrar uma versão feminina de Erasmo Carlos. Usa um piercing entre o queixo e o lábio inferior e ostenta seios discretos.” (Ignorantsky-tumblr, 2013)*

Por fim, no fragmento (29), retirado da seção *Cultura*, o veículo midiático, efetua a nomeação (*crossdressing*) e o julgamento - estima social - acompanhado pela força (“mais desafiador”) sobre o processo, que envolve a problemática de gênero, identificando-o, em contraposição à sexualidade, como “mais desafiador diante da sociedade do que um homossexual ou um travesti”, pois segundo a avaliação do veículo midiático, a sociedade tem “uma enorme dificuldade de entendê-lo”, impressão/avaliação compartilhada, ainda que de modo modalizado negativamente (“não tenho certeza absoluta”) pela experienciadora Laerte, uma vez que a cartunista,

por meio do julgamento - sanção social - e do processo mental, afirma que “os homossexuais também acham estranho que um travesti não seja necessariamente homossexual”, compreensão errônea (confusão/equívoco entre sexo, sexualidade e gênero), aparentemente comum à população geral.

(29)“iG: *Tenho a impressão de que o crossdressing é mais desafiador diante da sociedade do que um homossexual ou um travesti - me parece que as pessoas têm uma enorme dificuldade de entendê-lo. Laerte: Eu tenho essa impressão também. Não tenho certeza absoluta, mas também tenho essa impressão. Os homossexuais também acham estranho que um travesti não seja necessariamente homossexual. O crossdressing é uma designação completamente social, uma convenção de um preconceito.*” (Último segundo, 2010)

Notamos ainda que a experienciadora Laerte ainda identifica o *crossdressing* como “uma designação completamente social, uma convenção de um preconceito”. Por outro lado, o veículo midiático se atém à identificação do *crossdressing* (gênero) em contraposição à homossexualidade (sexualidade), julgando a compreensão daquele ser mais problemática à sociedade em detrimento ao desejo sexual. Novamente, por meio desses fragmentos, podemos observar construções ideológicas, hegemônicas e reducionistas acerca da sexualidade e do gênero, bem como a naturalização de sentidos e interpretações equivocadas a serviço da manutenção de relações de dominação com base na matriz heteronormativa.

Segundo Butler (2008), na concepção normativa, o gênero seria o responsável por produzir a falsa noção de estabilidade, na qual a matriz heterossexual estaria assegurada por dois sexos fixos e coerentes, que se oporiam em contraposições binárias macho x fêmea, homem x mulher, masculino x feminino. Ainda de acordo com a filósofa, em nossa sociedade, estamos diante de uma espécie de ordem compulsória, a qual exige a coerência total entre um sexo, um gênero e um desejo/prática que são obrigatoriamente heterossexuais. Desse modo, um indivíduo que nasce com anatomia “masculina”, deveria ser “masculino”, desejar “mulheres” e manter relações sexuais ativas com elas.

4.4.4. Impersonalização

Na representação das *trans*, à semelhança da representação da Laerte, também não observamos a ocorrência da subcategoria impersonalização. Observou-se, no *corpus*, somente a ocorrência da impersonalização da mídia (como designação genérica dos meios, veículos e canais de comunicação), por generalização, e da moda (como

regulador do modo de se vestir, se comportar etc), por meio da objetivação, pelo uso de substantivos abstratos, significados que não incluem a característica semântica humana, principalmente nas falas da Laerte, como podemos verificar nos excertos (30) e (31):

(30) *“Laerte: Acho que o setor de moda poderia olhar mais para esse mercado, deveria produzir para corpos especiais. Não estou falando só de crossdresser. Eu tenho várias amigas, que são grandes, e não encontram roupa. A gente precisa descobrir a melhor roupa, a que cai bem e não só as que estão dentro das ideias de moda. A moda não é uma ordem; é uma sugestão.”* (Moda IG, 2010)

(31) *“A mídia é meio apavorante. Conduzir uma conversa, um debate como a gente está fazendo agora, não é uma coisa comum. Normalmente, as pessoas são apresentadas em programas, jornais, reportagens, como uma curiosidade: ‘Veja só! Ele é homem, mas ele sai por aí, na loja ele vai no provador de mulher e experimenta um vestido. Vejam! Olhem!’. Pode ter um sentido positivo nisso, mas, na essência, o que aquele órgão de imprensa está fazendo é uma manutenção do status quo. Ele não está agindo no sentido de transformar nada, ele é conservador.”* (Trip, 2010)

Observe que no fragmento (30) ocorre a generalização do setor da moda, na fala da Laerte, por meio do processo mental e dos modalizadores deônticos *poderia* e *deveria*, acerca do papel do setor de moda na produção de roupas que pudessem atender satisfatoriamente público/corpos que não se enquadram no padrão estético hegemônico (corpos “grandes”). Ao utilizar esse léxico, Laerte está se referindo, possivelmente, às mulheres *plus size* e às *trans*. No entanto, ao atribuir esse léxico, Laerte atenua a diferença (normal x anormal) dos corpos, o que pode gerar o reforço de uma compreensão excludente e reducionista do que seria o ‘corpo perfeito/ideal’, ainda que Laerte julgue – sanção social - a moda como “uma sugestão e não uma ordem”.

Já no fragmento (31), Laerte impersonaliza, por objetivação, os órgãos que a entrevistaram e parte da imprensa que insiste em representar as *trans* como aberrações, anormais, julgando-os (sanção social) como um “meio apavorante”, onde não seria possível conduzir uma conversa ou um debate de modo “lúcido e democrático”, pois segundo a avaliação da Laerte, “aquele órgão de imprensa” se configura como meio conservador, mantenedor do “*status quo*”, isto é, reforça, acentua as diferenças, não age/ajuda na transformação/superação dos obstáculos, dos discursos preconceituosos e excludentes. Desse modo, as pessoas que não se enquadram na matriz hegemônica, nesse caso em específico, a matriz heteronormativa, ou seja, os ‘diferentes’, são alocados à margem, são renegados (BUTLER, 2008), são apresentadas nos meios midiáticos como aberrações, grotescos, curiosidades, exceções (“Veja só! Ele é homem mas ele sai por aí, na loja ele vai no provador de mulher e experimenta um vestido. Vejam! Olhem!”).

Em Foucault (2002), o filósofo mostra a gradação que vai do normal ao anormal, no exame médico legal, conformando a anomalia ao sabor dos acontecimentos sociais e históricos: o indivíduo anormal se transforma com o tempo, ou seja, como cada época forja seu tipo característico de sujeito anormal, nesse estudo, em específico, os que fogem ao padrão heteronormativo, ao binarismo biológico. Courtine (2008), por sua vez, em *O corpo anormal: história e antropologia culturais da deformidade*, discorre sobre os modos de fazer ver o corpo anormal e como os regimes de visibilidade permitiram sua exposição para o público. Segundo o autor, já nas primeiras “formas da indústria moderna de diversão de massa” (COURTINE, 2008:256), há lugar para a exposição das “diferenças, estranhezas, deformidades, enfermidades, mutilações, monstruosidades do corpo humano” (COURTINE, 2008:256).

Para Le Breton (2003), a modificação do corpo remeteria, no imaginário ocidental, a uma alteração no moral do ser humano e que esta acarretaria a fantasia de que seu corpo não é apropriado, sendo necessário endireitá-lo, colocá-lo dentro dos padrões vigentes. Desse modo, a alteração notável da aparência do corpo pode gerar transtornos, incômodos e perturbações estéticas.

Na seção a seguir, discutiremos as ocorrências mais expressivas quanto às construções identitárias do *corpo diferente* verificadas nos veículos midiáticos analisados.



4.5. (Trans)construções identitárias

Neste trabalho, compreendemos que as identidades são construídas reflexivamente por meio de processos de negociação, do diálogo nas esferas públicas e privada (FAIRCLOUGH, 2001), enquanto as representações sociais são construções discursivas.

Woodward (2009), acerca da identidade, afirma ser o corpo um dos possíveis locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definiriam quem nós somos, ao passo que se apresenta de fundamento para a identidade. Acrescenta ainda que a identidade é marcada pela diferença (eu x outro), e que “se um grupo é simbolicamente marcado como o inimigo ou como tabu, isso terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais” (WOODWARD, 2009:14).

Partimos do princípio de que os textos têm efeitos causais, assim, acarretam mudanças em nossos conhecimentos, crenças, atitudes e valores, e reconstruem identidades e relações sociais. Alguns aspectos discursivos, em práticas sociais contextualizadas, podem implicar a legitimação de ações particulares e determinar modos de conduta e atitudes. Segundo Fairclough (2003:8), isso ocorre pelo fato de podermos, por meio do texto, construir, representar e/ou imaginar o mundo social em perspectivas específicas, particulares, o que para o autor se configura como o processo de “meaning-making”, que interferirá nos efeitos sociais dos textos.

Desse modo, ao analisarmos as recorrências quanto às representações discursivas da Laerte e das *trans* com base na RAS (VAN LEEUWEN, 1996, 2005), observamos o delineamento das construções identitárias mais significativas, a saber:

- (1) **Laerte – cartunista** = ênfase na carreira e produções da artista Laerte
- (2) **Laerte – ativista político** = ênfase na criação e participação da Laerte em grupos e associações que contemplem as *trans*
- (3) **Laerte – transviado** = ênfase na ‘excentricidade’ e fuga dos padrões hegemônicos
- (4) **Laerte – a Laerte** = ênfase na contraposição entre o Laerte (‘antes’) e a Laerte (‘depois’)
- 5) **Gênero x sexualidade** = abordagem, por vezes equivocada, desses conceitos distintos
- (6) **Problemática das definições e práticas** = ênfase nas dificuldades e obstáculos enfrentados por Laerte e as *trans*
- (7) **Vozes “legitimadoras”** = ênfase na participação de ‘especialistas/experts’ no assunto abordado
- (8) **Transição e necessidade de mudanças** = ênfase no período transitório e de mudanças significativas na vida e na própria Laerte

Quadro 11 - Recorrências quanto às construções identitárias

A seguir, analisamos e discutimos alguns exemplos das recorrências das construções identitárias observadas no *corpus* tendo em vista os seguintes questionamentos: i) Como os veículos midiáticos representam a Laerte? ii) Como os veículos midiáticos representam as *trans*? iii) Como a Laerte representa as *trans*? iv) Como a Laerte representa a si?

4.5.1. Laerte - cartunista

No excerto (32), observamos a ocorrência, na voz do veículo midiático, da nomeação da agente/beneficiária Laerte, por meio do processo material, e o julgamento - estima social - acerca do novo momento profissional da cartunista (“Laerte deixou de lado os personagens que o consagraram”), bem como as suas novas aspirações (“Eu já não busco provocar uma risada”), e as primeiras consequências da ‘mudança’ profissionais e pessoais (“A atitude, ainda no começo do processo, levou dois jornais que o republicavam a cancelarem as tiras”).

(32)“Nesse tempo, **Laerte deixou de lado os personagens que o consagraram**, como *Piratas do Tietê, Gato e Gata, Overman e Deus*, e passou a construir suas tiras diárias na *Folha fora da obrigação humorística*, buscando levar ao limite as possibilidades do espaço. **‘Eu já não busco provocar uma risada’**. Acho que é possível, sim, rir com as **minhas tiras**, mas elas não são de humor. São espécies de contos’, indica. Não é o seu interesse, portanto, simplesmente superar a crise, mas **se manter questionando as próprias fórmulas e premissas do seu trabalho**. A **atitude, ainda no começo do processo, levou dois jornais que o republicavam a cancelarem as tiras.**” (Suplemento Pernambuco, 2011)

Observe que nesse exemplo há novamente a ocorrência da presunção valorativa, pelo veículo midiático, quanto à criação/dedicação aos novos personagens e à nova proposta/temática da Laerte. O processo de travestilidade/transformação artística é descrita/nomeada como atitude/processo/crise desencadeador de uma série de acontecimentos significativos, como o cancelamento da publicação das tiras em jornais. Ademais, o veículo ainda estabelece uma representação da Laerte como vítima/sujeito, por meio do julgamento - estima e sanção social - de uma crise que não é capaz de superar (“Não é o seu interesse, portanto, simplesmente superar a crise”). Em contraponto, a agente/dizente Laerte busca esclarecer que, com o seu novo trabalho, “Eu já não busco provocar uma risada.”, mas, talvez, por meio dos novos personagens (Hugo/Muriel, Djalma) e novas criações, propor novas reflexões sobre um assunto importante, mas desconhecido pela maioria, a identidade de gênero.

No fragmento (33), há a intercalação das vozes do veículo midiático, do amigo da Laerte, Serjão, e do filho Rafael quanto à representação da Laerte na fase atual, em comparação ao Laerte da década de 1970:

(33)“*Serjão agia como se acreditasse que daqueles papéis antigos iria emergir o Laerte que realmente importa e ninguém valoriza, a começar pelo próprio. ‘Ele diminui tudo o que fez. Não é demagogia. Acha de verdade que não fez nada de importante. Se fosse possível, teria eliminado a própria biografia’, falou. Suas palavras ecoavam o que o filho Rafael havia dito dias antes, com orgulho nos olhos: ‘Meu pai não celebra a própria história. Ele é uma figura anti-heroica.’ Serjão mirou em mim e perguntou: ‘Você conhece a casa do Laerte? A casa dele não tem nada. O Laerte é um monge’.*” (Ignorantsky-tumblr, 2013)

Primeiramente, o veículo midiático avalia a opinião/fala do nomeado/agente/experienciador Serjão quanto ao processo de travestilidade da Laerte em contraposição ao Laerte genial e único da época das lutas sindicalistas nos anos 1970, afirmando que “Serjão agia como se acreditasse que daqueles papéis antigos iria emergir o Laerte que realmente importa e ninguém valoriza, a começar pelo próprio”, acrescentando ainda que Laerte, sem razão aparente, “diminui tudo o que fez”. Já para o dizente orgulhoso do pai, Rafael, segundo o veículo midiático, Laerte é identificado, por meio do processo relacional, como alguém que não se orgulha/celebra/reconhece a própria genialidade e importância, alguém que se destaca muito dos demais, mas que prefere se manter no anonimato. É interessante notarmos que Serjão, Rafael e o próprio veículo midiático parecem construir a representação da Laerte como uma espécie de ‘monge’, alguém totalmente desapegado do materialismo, da fama, do sucesso, da aclamação pública, identificando/representando Laerte como uma “figura anti-heroica”.

No excerto (34), o veículo midiático novamente exalta a importância artística e política da Laerte no passado, reforçando um comparativo entre Laerte antes x Laerte depois do processo de travestilidade:

(34)“*Bem antes de se tornar a figura do universo transgênero de maior visibilidade no país, Laerte esteve na linha de frente de uma geração que mudou a cara dos quadrinhos, em meados dos anos 80.*” (Ignorantsky-tumblr, 2013)

Nesse exemplo, o veículo midiático, ao representar a Laerte, se utiliza de construções que remetem ao âmbito do combate, da guerra (“linha de frente de uma geração”), o que seria a Laerte antes do processo de travestilidade, por meio de uma construção de raciocínio (presunção valorativa) que desconsidera, significativamente, o fato que Laerte ainda é uma combatente do conservadorismo, das normas excludentes e massificadoras, alguém que luta pela democracia e pelos direitos das minorias, neste

caso, as *trans* e que, conseqüentemente, busca uma compreensão e reconhecimento mais amplos e satisfatórios da identidade de gênero. Mas por que estariam desprezando a nova luta da Laerte? Por que não reconhecem na Laerte de hoje uma importante e ativa combatente? No exemplo (34) observamos, ainda, o uso de clichês na referência ao processo de travestilidade e suas questões pertinentes, retratando-os como algo limitado, impenetrável, particular, ambiente de poucos (“universo transgênero”) e Laerte, um dos seus ‘expoentes’, como alguém excêntrico (“figura”), o que seria Laerte após o processo. Desse modo, primeiramente, Laerte é identificada/avaliada como “a figura do universo transgênero de maior visibilidade no país”, ativista da causa da minoria *trans*. Em seguida, retoma-se o passado da agente/combattente Laerte como um dos cartunistas brasileiros pioneiros, alguém que “mudou a cara dos quadrinhos, em meados dos anos 1980”.

Nos exemplos (32), (33), (34), há a presença do enaltecimento e prestígio (efetuados pelo veículo midiático, pelo filho Rafael, e pelo amigo sindicalista Serjão) da Laerte enquanto artista e ativista político ímpar, julgamento positivo quanto à capacidade como cartunista e julgamento negativo quanto ao não reconhecimento da sua própria importância. Mas, em contrapartida, não observamos a abordagem da identidade de gênero de modo lúcido, informativo, abrangente e esclarecido. Os veículos parecem optar em colocar a importância histórica da Laerte como cartunista em primeiro plano, para que, assim, o/a leitor/leitora ‘releve’ o ‘comportamento transviado’, ‘a crise existencial’, a ‘excentricidade’ do Laerte. Os veículos midiáticos parecem desconhecer/desconsiderar a fragmentação identitária da Laerte (Laerte-artista/cartunista genial, Laerte-ativista político na déc. 1970 e anos 2000, Laerte-pai etc.), enfatizando a sua importância no cenário dos quadrinhos e da política brasileira, mas colocando em segundo plano a sua identidade de gênero.

4.5.2. Laerte - ativista político

No excerto (35), o veículo midiático narra uma espécie de palestra proferida pela Laerte em um seminário promovido pela ABRAT (Associação Brasileira de Transgêner@s):

(35)“*Trajando um vestido de brim cor de champanhe, Laerte caminhava com o microfone na mão, absorto em si, sem fixar os olhos na plateia. Começou dizendo que o discurso humorístico tem uma particularidade: ‘É quase ‘inagarrável’, só existe como a areia que escorre numa ampulheta: se você*

tentar pegá-lo, ele se desfaz.’ E continuou: ‘Daí o risco de usar o humor como ferramenta ideológica. Toda vez em que procurei fazer isso, seja quando militei no PCdoB, nos anos 70, seja agora, na minha militância das questões transgêneras, sempre tive problema. É um momento em que a linguagem do humor perde o rebolado.’” (Ignorantsky-tumblr, 2013)

Nesse exemplo o veículo midiático aprecia as vestimentas da Laerte (“Trajando um vestido de brim cor de champanhe”), a personaliza, por meio da nomeação (“Laerte), e a representa como agente-ativista da causa *trans* (“Laerte contou que havia participado na véspera, pela primeira vez, de um encontro no Projeto Purpurina, grupo que auxilia pais de homossexuais a conviver com a opção de seus filhos”). Já a agente/dizente Laerte, principalmente por meio do processo material, explicita parte dos obstáculos enfrentados em suas militâncias políticas (“Toda vez em que procurei fazer isso, seja quando militei no PCdoB, nos anos 70, seja agora, na minha militância das questões transgêneras, sempre tive problema”). Observamos ainda uma apreciação metafórica de liquidez (“É quase ‘inagarrável’, só existe como a areia que escorre numa ampulheta: se você tentar pegá-lo, ele se desfaz”) e julgamento - sanção social (“Daí o risco de usar o humor como ferramenta ideológica”) acerca do uso do humor para fins ideológicos excludentes e propagadores de preconceitos.

No fragmento (36), o veículo midiático, ao relatar sobre um encontro promovido pelo Projeto Purpurina, caracteriza/identifica tal projeto somente como um suporte/auxílio aos pais de homossexuais, excluindo, assim, as pessoas que se identificam como *trans*, além de julgar a homossexualidade como uma simples opção sexual. Já Laerte constrói, de modo bem peculiar, por meio dos processos relacional e material, o novo ‘panorama’, a nova vivência dos *diferentes/das trans* (os que não se enquadram no padrão heteronormativo e binarismo biológico), citando o caso do identificado/nomeado/apreciado Henrique (“Ele estava linda. Uma menina linda, uma maquiagem incrível. Mas ele se apresenta como Henrique. Não é travesti *old school*, que precisa de nome, de carteirinha. É uma nova proposta de transgenereidade”), isto é, reconhece-se um leque de possibilidades de vivências e compreensão quanto à identidade de gênero (observe que o operador argumentativo *mas* nesse caso funciona positivamente, introduz uma ideia positiva).

No entanto, Laerte também acaba por reforçar, por meio do foco (repetição do atributo linda), a necessidade da legitimação do Henrique, bem como das *trans*, com base nos estereótipos de beleza, do que é considerado hegemonicamente como belo/bela. Ademais, Laerte é representada/ identificada, pelo veículo midiático, como de

fundamental importância, por meio do julgamento - sanção social - e da força (“importantíssimo”) para o Henrique no reconhecimento de sua identidade de gênero.

(36) “[...] Laerte contou que havia participado na véspera, pela primeira vez, de um encontro no **Projeto Purpurina, grupo que auxilia pais de homossexuais a conviver com a opção de seus filhos**. ‘Um menino de 17 anos veio falar comigo. Disse que eu fui importantíssimo para o passo que ele deu. **Ele estava linda. Uma menina linda, uma maquiagem incrível. Mas ele se apresenta como Henrique. Não é travesti old school, que precisa de nome, de carteirinha. É uma nova proposta de transgêneridade**.’” (Ignorantsky-tumblr, 2013)

O exemplo (37) nos remete a um episódio, ocorrido em 2012, no qual, uma mulher, acompanhada da filha, sentiu-se constrangida ao reconhecer Laerte no banheiro feminino de um estabelecimento. Houve confusão entre a mulher, Laerte e o proprietário da pizzaria, pois foi pedido à cartunista que usasse o banheiro dos homens. Houve grande repercussão nos principais veículos nacionais de notícias e a Laerte foi convidada para conceder várias entrevistas sobre ‘a polêmica’ e sobre o fato de ter entrado na justiça para requerer o seu direito de utilizar o banheiro mais adequado à sua identidade de gênero.

(37) “[...] anunciou que iria ‘conhecer o banheiro masculino, para comparar’. Voltou com questões: *Por que o banheiro masculino é invariavelmente mais sujo que o feminino? Será apenas uma decorrência da anatomia de cada sexo? Por que o fraldário, ali como em todos os lugares, fica dentro do banheiro feminino? Por que é tão natural a ideia de que são as mulheres que devem trocar as crianças? ‘Banheiro público também é construção de gênero. Nessa minha vida com dupla cidadania, eles se tornaram um objeto antropológico’, ele explicou.*” (Ignorantsky-tumblr, 2013)

Observe que, nesse fragmento, há a presença significativa de elementos do discurso biológico (“decorrência da anatomia de cada sexo”) e do social (“conhecer o banheiro masculino, para comparar”). Constatamos a predominância da ativação da agente Laerte, desrespeitosamente referida pelo pronome *ele*, mas também a importante ocorrência da impersonalização, por objetivação, de um elemento significativo no processo de travestilidade, ou metaforicamente nomeado pela Laerte como “dupla cidadania”: o banheiro público. Este é descrito, pelo processo material transformativo e em alusão aos estudos antropológicos (estudo do homem/humanidade em sua totalidade), como elemento importante na “construção de gênero”, uma vez que, para Laerte, os banheiros “se tornaram objeto antropológico”. Laerte ainda nos leva a refletir acerca da construção hegemônica do que é ser homem ou ser mulher, citando a configuração e funcionamento dos banheiros públicos: “Por que o fraldário, ali como em todos os lugares, fica dentro do banheiro feminino? Por que é tão natural a ideia de que são as mulheres que devem trocar as crianças?”

De acordo com Thompson (2002) *apud* Ramalho & Resende (2011:28), a reificação, um dos cinco modos de operação da ideologia, consiste na “representação de situações transitórias, sociais e históricas, como se fossem permanentes, naturais e atemporais”, sendo materializadas por meio das seguintes estratégias: naturalização (criação social e histórica tratada como acontecimento natural), eternalização (fenômenos sócio-históricos apresentados como permanentes) e nominalização/passivação (concentração da atenção em certos temas em prejuízo de outros, com apagamento de atores e ações). No exemplo anteriormente discutido, há questionamento da naturalização quanto aos “papeis de homens e mulheres”, o que seria função obrigatória e pré-estabelecida de ambos, assim como da configuração e funcionamento dos banheiros públicos com base na matriz patriarcal e binária.

Tais questionamentos se fazem cada vez mais imprescindíveis no repensar dos corpos, na problemática de gênero e identidades. Butler (2008) compreende o gênero como ato performativo, podendo se manifestar em qualquer corpo, o que resulta no entendimento de uma não vinculação obrigatória entre corpo e gênero, o corpo como uma “superfície politicamente regulada” e não natural. Discute que não há identidades precedendo o exercício das normas de gênero, pois o próprio exercício acaba por criar as normas, chamando-nos a atenção, ainda, para o fato que a repetição dessas normas como performáticas criam possibilidades para burlá-las.

4.5.3. Laerte - transviado

Nos excertos (38) e (39), observamos a ocorrência da subcategoria ativação a fim de funcionalizar a agente Laerte que, por simples vontade e desejo, teria passado a ‘se vestir de mulher’. Assim, segundo os veículos midiáticos, Laerte é representada como “o cartunista que decidiu ser mulher em caráter experimental”, e se representa, de modo clichê, como alguém que tem “Vontade de frequentar a área cultural do outro gênero, o reservado das mulheres”:

(38) “*Como vive, o que pensa e com quem anda o cartunista que decidiu ser mulher em caráter experimental*” (Ignorantsky-tumblr, 2013)

(39) “*Foi em 2004 que eu percebi que essa ideia estava desvinculada de qualquer fantasia, era uma vontade mesmo. Vontade de frequentar a área cultural do outro gênero, o reservado das mulheres.*” (Trip, 2010)

Nesses excertos, percebemos construções interessantes que levam a entendimentos distintos. Por exemplo, o excerto (38) pode ser compreendido como um entrelaçamento de interdiscursos biológicos na construção da compreensão da identidade de gênero como algo atrelado à vontade, desejo, escolha, necessidade biológica, por meio de avaliações aparentemente irônicas (“o cartunista que decidiu ser mulher em caráter experimental”). Laerte é novamente referenciada por meio de desinências, identificações e atribuições hegemônicas ‘masculinas’. Entretanto, esse mesmo exemplo, pode ser visto como uma fala irônica do veículo midiático ao tentar fazer uma alusão à concepção de gênero discutida por Judith Butler. Pois Butler compreende o gênero como um construto social, uma ficção cultural e como efeito performativo de atos discursivos reiterativos; onde a identidade de gênero seria naturalizada por meio da citação e da repetição discursiva das normas de gênero.

Já no fragmento (39) temos um recorte dúbio das falas da experienciadora Laerte (“Foi em 2004 que eu percebi que essa ideia estava desvinculada de qualquer fantasia, era uma vontade mesmo”), no qual há atribuição de um caráter desiderativo feito pela própria Laerte quanto ao seu processo de travestilidade. No entanto, esse mesmo fragmento pode contribuir para a discussão da performatividade do gênero, a fluidez das identidades, a importância do corpo na construção do indivíduo/na compreensão de si. Nesse sentido, o posicionamento da agente/ experienciadora Laerte se coadunaria com as discussões propostas por Judith Butler, uma vez que, para a filósofa feminista, a concepção de gênero cristalizado, de uma identidade masculina ou feminina definida e definível, não é plausível, por conceber o gênero como algo em permanente movimento, instável, movediço e no limite indefinível.

No excerto (40), a experienciadora Laerte avalia o que inicialmente teria motivado o processo de travestilidade (“O que eu queria era poder usar roupas ditas ‘femininas’”) fazendo uso da presunção valorativa (por ser “homem”, não lhe cabe[ria] tal uso; alguém [as normas sociais] diz que não pode). Em seguida, o veículo midiático a aprecia (“sereno”), não contemplando, aparentemente, a identidade de gênero, o modo como Laerte lida com as reações públicas à sua travestilidade, erroneamente identificada como “travestismo” (o que imprime uma ideia de patologização). Já Laerte faz o julgamento - normalidade - do modo como as outras pessoas lidam/reagem/compreendem o seu processo de travestilidade.

(40)“*O que eu queria era poder usar roupas ditas ‘femininas’. Na verdade, eu já descobri que posso’, avalia Laerte. Sereno, comenta as reações ao anúncio do seu travestismo: ‘Algumas pessoas até manifestam vontade de se vestir assim, se travestir. Têm também olhares mais atônitos, mas, em geral, tem sido algo benéfico’, aponta.*” (Suplemento Pernambuco, 2011)

No exemplo (41), o veículo midiático estabelece, por meio da avaliação e da força (“vai bem além”), a ativação de um paralelo entre a obra (*graphic-folhetim*), a nomeada Laerte, referenciado pela desinência ‘masculina’ (“o próprio Laerte”), e o processo de travestilidade (“Como o próprio Laerte, a obra vai bem além da temática do travestilidade”).

(41)“*Como o próprio Laerte, a obra vai bem além da temática do travestilidade. Para defini-la, Laerte cunhou a expressão ‘graphic-folhetim’, apropriada porque descreve com perfeição o formato da narrativa, dividida em pequenos capítulos de apenas quatro quadros.*” (Suplemento Pernambuco, 2011)

Por meio desses exemplos, observamos repetidamente a apreciação do trabalho da Laerte como genial e inovador. Todavia, constatamos também a recorrência significativa da abordagem equivocada, pelos veículos midiáticos, acerca dos grupos (associações, clubes etc.) que buscam dar suporte às pessoas que se identificam como *trans*, e ao representarem Laerte como alguém que transgredir as normas/padrões binários por modismo/anseio/fantasia e ao esboçar uma caracterização da identidade de gênero como um simples desejo/vontade, deixam em segundo plano a noção de gênero performativo e de identidades fluidas, inacabadas.

4.5.4. Laerte - a Laerte

No excerto (42), retirado da seção *Perfil*, verificamos a voz avaliativa da identificada/agente Laerte quanto a si e ao processo de travestilidade, por meio dos processos relacional e material, mesclada a do veículo midiático, por meio da especificação no ‘masculino’ e da funcionalização (“no quadrinista”):

(42)“*O questionamento dessa linguagem, no entanto, não gerou grandes mudanças no quadrinista. ‘Continuo a mesma pessoa, ou quase a mesma’, afirma. ‘O fato de usar salto-alto modifica meu modo de andar, mas eu sou o mesmo. Também não aprendi nada. Estou explorando a questão do gênero para conhecer a minha feminilidade - que já não era uma completa desconhecida minha, é bom ressaltar.’*” (Suplemento Pernambuco, 2011)

Interessante notarmos que este fragmento exemplifica a imbricação dos interdiscursos que geralmente circundam a representação do processo de travestilidade, ao vincularem, por exemplo, a ‘transformação’/reconhecimento/fluidez das identidades

das *trans* a uma suposta mudança também nos valores, na ética e nas crenças das pessoas que se identificam/‘passam a se identificar’ como *trans*. No entanto, como bem pontua a identificada Laerte, ainda que ocorram ‘oscilações’ (referencia-se a si ora usando desinência ‘feminina’ ora ‘masculina’), há sim modificações no modo como se veste, como se comporta, como se identifica; a agente se posiciona no meio de um processo de (auto) conhecimento da própria feminilidade, que não apresenta-se como ‘novidade’, como um desejo momentâneo. Depreendemos da sua fala que a “construção da sua identidade feminina” deu-se ao longo das suas experiências e experiencições, o que acaba por aludir-nos à compreensão do gênero enquanto artefato sócio-cultural/ato performativo que pode se manifestar em qualquer corpo, ao fato dos gêneros não serem nem verdadeiros nem falsos, mas produções dadas como efeitos de verdade de um discurso sobre identidade(s).

No fragmento (43), extraído da seção *Moda*, observamos que os veículos midiáticos, ao representarem/identificarem a Laerte como *crossdresser*, colocam o foco na apreciação e julgamento - estima social - da aparência e comportamento, na especificação e identificação equivocadas, na nomeação, funcionalização e comparações do que julgam ser a Laerte antes x depois do processo de travestilidade, e a figuras caricatas, como a representação estereotipada de uma senhora de meia idade do interior, levando-nos a entender que tal ‘figura/corpo’ é feio, não é aceito socialmente em virtude dos padrões hegemônicos de beleza e estética ditados pela moda.

Já o processo de travestilidade é identificado pelo veículo midiático como “uma fase peculiar na vida do artista”, algo passageiro, resultado de uma crise, ressaltando, novamente, o suposto caráter transgressivo e esporádico da ‘mudança na aparência’ da Laerte que deve ser relevado pelo/pela(s) leitor(es)/leitor(as) tendo em vista a sua reconhecida e ímpar carreira artística. Ademais, o veículo atribui à Laerte a identificação do processo de travestilidade como “forma de expressão”, algo que estaria localizado somente na exploração “do guarda-roupa feminino”, ao uso, ainda que inapropriado, de roupas e acessórios ditos ‘femininos’, não reconhecendo, mais uma vez, a travestilidade como algo que tange à identidade de gênero:

(43) “Morador de uma ruazinha bucólica no bairro do Butantã, em São Paulo, o cartunista Laerte que nos recebe à porta em nada lembra o cartunista Laerte. Mais parece uma senhora do interior. Cabelos grisalhos com franja, pouco abaixo das orelhas, de onde pendem brincos de brilho discreto, camisa com estampa indiana, unhas vermelhas, nas mãos e nos pés, que calçam um par de Havaianas brancas, e com uma ousada minissaia jeans para seus 60 anos de idade, a imagem revela uma fase peculiar na vida do artista. Laerte é *crossdresser*, e vem, segundo afirma, explorando o guarda-roupa feminino como forma de expressão.” (Moda IG, 2010)

No exemplo (44), verificamos o foco no ativismo e na nova produção artística da cartunista:

(44) *“Entre a condição semiclandestina experimentada por Laerte no BCC e a sua superexposição atual há uma distância que também pode ser medida nos termos da politização progressiva de sua atitude. No mês passado, por exemplo, na onda dos protestos contra o deputado-pastor Marco Feliciano, circulou freneticamente pelas redes sociais uma foto do cartunista com o arco-íris ao fundo e os dizeres ‘Laerte para presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara’. A boutade é sintomática do lugar que ele passou a ocupar.”* (Ignorantsky-tumblr, 2013)

Nesse excerto, há a identificação e o julgamento - estima social - pelos veículos midiáticos, do processo de travestilidade da Laerte (ainda que a representem/reduzam-na a uma simples atitude e posicionamento político ‘contra o hegemônico’), da nova luta da Laerte em favor de si e das *trans* frente a polêmicas envolvendo representatividade e questões políticas no cenário político brasileiro. Há a avaliação e a identificação, feita também pelos veículos midiáticos sobre a importância da Laerte enquanto ativista pelos direitos/questões *trans*, como uma expressiva combatente, ainda que se utilize, para tal, de termos irônicos (*boutade*) e desinências masculinas (“ele”).

No exemplo (45), retirado da seção *Perfil*, observe os interdiscursos e imbricações utilizados na(s) construção(s) identitária(s) da dizente/identificada/experienciadora/agente Laerte pelo veículo midiático:

(45) *“O que parece, na verdade, é que Laerte não vê diferença entre falar sobre si ou sobre sua obra porque, para ele, não há diferença. Para o quadrinista, refletir sobre a linguagem do vestuário e sobre os gêneros é o mesmo que refletir sobre a linguagem dos quadrinhos e sobre o papel das tiras em quadrinhos. Laerte fala de si porque se transformou, também, em uma obra em construção, e a sua obra, falando de aspectos da sua vida pessoal, também se converteu no autor.”* (Suplemento Pernambuco, 2011)

Observe que nesse excerto há predominância da funcionalização, nomeação, identificação e dos processos materiais, mentais e relacionais, na construção do que parece ser a Laerte para o veículo midiático (quadrinista) em questão, ao passo que a obra da cartunista é apreciada/representada como uma simbiose, como parte indissociável dela. Assim, o veículo midiático utiliza-se da imbricação dos interdiscursos: competência artística + Laerte/indivíduo + vestuário + gênero = competência artística + quadrinhos + papel dos quadrinhos, estabelecendo, assim, uma presunção valorativa, na qual o processo de travestilidade da Laerte influi e é influenciado por sua obra, em uma relação quase de causa-efeito/consequência direta, fundindo as identidades *o* Laerte artista + *a* Laerte *trans* + quadrinhos/obra que reflete a vida da artista.

4.5.5. Gênero x sexualidade

Nos excertos (46) e (47), o foco está na dicotomia sexualidade x gênero, pela voz do veículo midiático e da Laerte. Esses excertos ilustram bem a enorme dificuldade que a sociedade em geral tem em lidar com as questões de gênero, tentando enquadrar as *trans* em nomeações/categorias excludentes e preconceituosas, bem como as classificando, de modo perturbador. Observamos a predominância, principalmente, da subcategoria personalização (nomeação) na representação da Laerte e da namorada da adolescência, da ativação da Laerte como agente nos relacionamentos com ‘homens e mulheres’, como agente/experienciador quanto às práticas da sua sexualidade, e identificações e julgamentos quanto à Laerte e suas experiências:

(46)“Laerte contava 18 anos quando teve a primeira namorada. *‘Começamos a namorar porque pensei que ela fosse um menino. Era uma mulher linda. Na época, tinha 14 anos e parecia um menino lindo.’* Casou-se com ela, depois de dez anos de relacionamento. Durou apenas três meses.” (Ignorantsky-tumblr, 2013)

(47)“Desde então Laerte mora sozinho. *Quando jovem, ainda adolescente, ele achou que fosse ‘100% gay’.* ‘Comecei minha vida sexual com homens e continuei durante um tempo com homens. Foi muito perturbador para mim’, diz ele, alongando o u de muito. *‘Vendo a minha trajetória, eu penso em trajetórias clássicas de gay reprimido. Todas as minhas relações homossexuais foram clandestinas. Por outro lado, também curti as mulheres e os relacionamentos heterossexuais que eu tive’.*” (Ignorantsky-tumblr, 2013)

No exemplo (46), a agente/nomeada Laerte relata que, aos 18 anos, apenas namorou, e posteriormente, casou-se com uma ‘menina/mulher’ por julgar/identificá-la, ao menos na aparência, como semelhante a um ‘menino/homem’ (“Começamos a namorar porque pensei que ela fosse um menino.”). Observe a força da apreciação, feita pela Laerte, da então namorada da adolescência (“Era uma mulher linda. Na época, tinha 14 anos e parecia um menino lindo”), e na ênfase dada, pelo veículo midiático, na duração/dinâmica do relacionamento entre elas (“Casou-se com ela, depois de dez anos de relacionamento. Durou apenas três meses”).

No exemplo (47), a experienciadora/agente/identificada Laerte, por meio dos processos material, relacional e mental, segundo o veículo midiático, expõe que na adolescência enfrentou um conflito interno sobre sua sexualidade por achar que era “100% gay” (o que seria 50% gay?), faz avaliações negativas intensificadas quanto aos relacionamentos afetivos que manteve com ‘homens’, classificando-os como clandestinos e muito perturbadores. A dizente Laerte ainda caracteriza essa fase, de modo hegemônico/determinista/preconceituoso, como similar ao que julga - sanção

social - ser uma típica experiencição dos gays reprimidos, como se houvesse um modelo, uma receita a ser seguida (“Vendo a minha trajetória, eu penso em trajetórias clássicas de gay reprimido”), e, por meio do processo relacional e mental, avalia/caracteriza as suas relações e relacionamentos (“Todas as minhas relações homossexuais foram clandestinas. Por outro lado, também curti as mulheres e os relacionamentos heterossexuais que eu tive”).

Interessante notarmos que esse recorte da fala da Laerte pode funcionar de duas formas distintas: reforçar a ideia hegemônica da associação entre sexo, sexualidade e gênero, ou o contrário, ajudar no esclarecimento da inexistência de relação direta entre eles. Dessa forma, torna-se clara a importância de considerarmos que “determinados usos da linguagem e de outras ‘formas simbólicas’ são ideológicos, isto é, servem, em circunstâncias específicas, para estabelecer ou manter relações de dominação” (FAIRCLOUGH, 2001:117), e que “os sentidos são produzidos por meio de interpretações dos textos e os textos estão abertos a diversas interpretações que podem diferir em sua importância ideológica” (FAIRCLOUGH, 2001:119).

Observamos também a ocorrência de construções identitárias que focalizam os *outros*, pessoas relacionadas à Laerte que contribuíram muito para a discussão e reflexão acerca do gênero x sexualidade no *corpus*.

(48)“A certa altura da conversa, Márcia fez questão de esclarecer um ponto de maneira didática: **não confunda identidade de gênero (masculino e feminino) com orientação sexual (heterossexual, homossexual, bissexual, assexuado)**. ‘São coisas distintas’, ela explicou, citando-se como exemplo. **Não há relação necessária entre o corpo biológico de alguém e seu gênero. Não há relação necessária entre o gênero da pessoa e seu desejo sexual.** Falava como se estivesse revelando a mim a Primeira Emenda da Constituição dos transgêneros.” (Ignorantsky-tumblr, 2013)

No exemplo (48), observamos a expressiva presença da nomeada/dizente Márcia Rocha (uma das fundadoras da ABRAT - Associação Brasileira de Transgêner@s), na elucidação de questões, de ‘maneira didática’, segundo o veículo midiático, fundamentais no tocante à compreensão e ao respeito à identidade de gênero, e que são avaliadas ironicamente pelo veículo midiático como uma espécie de “Primeira Emenda da Constituição dos transgêneros”, uma espécie de regimento da vivência e do grupo que engloba as *trans* (“não confunda identidade de gênero [masculino e feminino] com orientação sexual [heterossexual, homossexual, bissexual, assexuado]. São coisas distintas. Não há relação necessária entre o corpo biológico de alguém e seu gênero. Não há relação necessária entre o gênero da pessoa e seu desejo sexual.”). Essa fala da Márcia se torna ainda mais importante se considerarmos que, usualmente, gênero e

sexualidade, equivocadamente, são (re)tratados, no discurso hegemônico, como imbricados, em um processo contínuo de simbiose. Notamos, assim, uma tentativa de contestar e transformar os discursos hegemônicos reducionistas que tentam produzir, reforçar e propagar o binarismo biológico e a pretensa ordem compulsória.

Segundo Fairclough (2001), o conceito de hegemonia nos possibilita analisar como as relações de poder, por meio dos discursos, reproduzem, reestruturam ou desafiam as hegemonias e os discursos hegemônicos existentes. Uma vez que as hegemonias são produzidas, reproduzidas, contestadas e transformadas no e pelo discurso, e a relativa permanência de articulações entre elementos sociais cria uma possibilidade intrínseca de desarticulação e rearticulação desses elementos sociais. Ademais, “as origens e as motivações imediatas da mudança no evento discursivo repousam na problematização das convenções para os produtores ou intérpretes, que pode ocorrer de várias formas” (FAIRCLOUGH, 2001:127). Compreendemos que a mudança discursiva envolve transgressão, rompimento de barreiras, e assim, a fala da Márcia para o veículo midiático *Ignorantsky-Tumblr* contribui muito para o início de tal mudança.

A discussão acerca da sexualidade, do gênero e do binarismo (macho x fêmea), também está exemplificada no fragmento (49):

(49) “Uma vez uma travesti chamada Carla Melo desenvolveu uma teoria comprida pra cacete. Em resumo, ela se declara uma travesti quântica, ou *crossdresser* quântica, porque a possibilidade de migrar de uma coisa para a outra, de vestir-se ‘masculinamente’, ter uma existência masculina ou vestir-se totalmente ‘femininamente’, ter uma existência feminina, é o que interessa a ela. Por isso, ela defende a distinção entre *crossdresser* e travesti. Ela diz que chamar *crossdresser* de travesti, enquanto ponto de vista de luta política, é válido, mas no ponto de vista dela, ela se considera quântica [risos].” (Trip, 2010)

No exemplo (49), extraído da seção *Entrevistas*, observamos, pela fala e julgamento da Laerte, a problemática das definições/nomeações atribuídas às *trans*, das lutas políticas nos grupos que lutam pelos direitos e reconhecimento das *trans*, assim como discussões pertinentes quanto à performatividade (BUTLER, 2008). Inicialmente, Laerte, por meio do processo material e relacional, remete às ideias/discussões propostas pela nomeada/identificada travesti Carla Melo acerca de uma teoria que contempla a identidade de gênero. Interessante notarmos como Carla Melo identifica e julga a si (travesti quântica e/ou *crossdresser* quântica) uma vez que há o uso do

interdiscurso que remete à Teoria Quântica⁵⁴, levando-nos à compreensão de um inacabamento do gênero, de possibilidades quanto ao ‘ser’ (ser homem e mulher), de identidades fragmentadas, de fluidez, de um processo em construção (construção identitária e representação sócio-discursiva), quebra do padrão, algo complexo, experimental, remetendo, ainda, à compreensão do gênero performativo e da identidade de gênero como algo em movimento, inacabado, como constructo social.

Ademais, Laerte problematiza, novamente, a pretensa distinção entre travestis x *crossdressers*, por meio da fala da Carla Melo (“chamar *crossdresser* de travesti, enquanto ponto de vista de luta política, é válido, mas no ponto de vista dela, ela se considera quântica”), isto é, chama-nos novamente a atenção para a problemática das definições normativas e excludentes, bem como para práticas sócio-discursivas que normalmente lhes são atribuídas. Como discutido anteriormente, as travestis são identificadas e julgadas tendo em vista a tríade: pobreza, sexo/prostituição e drogas, as *crossdressers*, por sua vez, são aludidas em referência à moda/modismo, fetiche, desejo de ‘se vestir de homem/mulher’, clube restrito, pessoas bem sucedidas. Desse modo, ao discutir o uso/preferência por um ‘termo’ em detrimento do outro, de identificar-se/julgar-se como travesti quântica e/ou *crossdresser* quântica, Carla, além de considerar a legitimidade da luta política que circunda ‘o universo transgênero’, acaba por lembrar-nos da performatividade e inacabamento do gênero.

⁵⁴ A Mecânica Quântica/Física Quântica/Teoria Quântica é a teoria Física que obtém sucesso no estudo dos sistemas físicos cujas dimensões são próximas ou abaixo da escala atômica, tais como moléculas, átomos, elétrons, prótons e de outras partículas subatômicas, muito embora também possa descrever fenômenos macroscópicos em diversos casos. A Mecânica Quântica é um ramo fundamental da Física com vasta aplicação. A teoria quântica fornece descrições precisas para muitos fenômenos previamente inexplicados tais como a radiação de corpo negro e as órbitas estáveis do elétron. Apesar de na maioria dos casos a Mecânica Quântica ser relevante para descrever sistemas microscópicos, os seus efeitos específicos não são somente perceptíveis em tal escala. Por exemplo, a explicação de fenômenos macroscópicos como a super fluidez e a supercondutividade só é possível se considerarmos que o comportamento microscópico da matéria é quântico. A quantidade característica da teoria, que determina quando ela é necessária para a descrição de um fenômeno, é a chamada constante de Planck, que tem dimensão de momento angular ou, equivalentemente, de ação. A Mecânica Quântica recebe esse nome por prever um fenômeno bastante conhecido dos físicos: a quantização. No caso dos estados ligados (por exemplo, um elétron orbitando em torno de um núcleo positivo) a Mecânica Quântica prevê que a energia (do elétron) deve ser quantizada. Este fenômeno é completamente alheio ao que prevê a teoria clássica. Disponível em: <http://www.fisica.net/mecanica-quantica/>. Acesso em 12 jan 2015. A conexão da Mecânica Quântica com conceitos como a não-localidade e a causalidade, levou esta disciplina a uma ligação mais profunda com conceitos filosóficos, psicológicos e espirituais. Hoje há uma forte tendência em unir os conceitos quânticos às teorias sobre a Consciência. Disponível em: <http://www.infoescola.com/fisica/quantica/>. Acesso em 12 jan 2015.

4.5.6. Problemática das definições e práticas

No excerto (50), da seção Entrevistas, o veículo midiático representa, ironicamente e de modo reducionista, o processo de travestilidade da Laerte como uma “atitude”, algo confuso, um “rebuliço”, reduzido ao “visual” e à predileção por “esmaltes, sapatos femininos, lingerie”, algo que “embaralha a percepção dos papéis de homens e mulheres”. Há especulação e engajamento do veículo midiático acerca do que estaria motivando a transformação (processo de travestilidade) e as novas predileções da Laerte, identificada e julgada pelo veículo como “fruto de um processo” e “paradoxo de salto alto”, isto é, um “homem”/artista genial e excêntrico que apresenta inclinações atribuídas hegemonicamente às mulheres. Há uma aparente tentativa em justificar o que estaria ocorrendo com Laerte:

(50) “Laerte Coutinho está vestido de mulher e todo mundo sabe disso. Sabemos também que ele compra suas roupas em brechós na rua Teodoro Sampaio. Que gosta de fazer as unhas e de salto médio nos pés. E que ele, sim, tem uma namorada. O que ainda não ficou claro, apesar de todo o rebuliço causado por suas aparições com o novo visual, é o porquê de gostar de esmaltes, sapatos femininos, lingerie. Fruto de um processo que começou em 2004 e só foi se realizar plenamente em 2009, a atitude de Laerte confunde porque embaralha a percepção dos papéis de homens e mulheres. Laerte é um paradoxo de salto alto.” (Trip, 2010)

Primeiramente, a nomeada/agente Laerte Coutinho é representada e julgada - estima social -, pelo veículo midiático, como alguém que compra roupas femininas em brechós, que gosta de fazer as unhas e usar salto médio, novamente construção estereotipada das predileções e ações rotineiras imputadas ao ‘ser mulher’, mas que, segundo a avaliação do veículo midiático, por mais incrível que pareça, em virtude do seu comportamento/crise/processo de travestilidade, Laerte tem uma namorada. Mais uma vez, o veículo, por meio da presunção valorativa, procura avaliar o processo de travestilidade da Laerte baseando-se em uma pretensa ordem compulsória (Laerte - macho - heterossexual - roupas ‘masculinas’- comportamento/práticas ‘masculinas’), desconsiderando totalmente a performatividade do gênero, o entendimento que o gênero, e quiçá a sexualidade, é um construto social (BUTLER, 2008). Além disso, é bom lembrar que, assim como o gênero não decorre necessariamente do sexo, o desejo/sexualidade não decorre do gênero (BUTLER, 2008).

O veículo midiático, por meio do julgamento - estima social - e da ironia, ao representar a agente Laerte como causadora de um “rebuliço”, por causa do seu novo visual, e das predileções por roupas, acessórios e comportamento ‘femininos’, apaga a

identidade de gênero da Laerte que ainda é representada, por meio do julgamento - sanção social, do processo material e da presunção valorativa, como “fruto de um processo”/crise desencadeada pela morte do seu filho Diogo.

Já o processo de travestilidade da Laerte é identificado, pelo veículo midiático, como algo que “confunde porque embaralha a percepção dos papéis de homens e mulheres”, e a identificação da Laerte como “um paradoxo de salto alto”, leva-nos a questionar: Afinal, quais são os papéis de ‘homens’ e ‘mulheres’? O que é ser ‘homem’ ou ‘mulher’? O que é ‘feminino’ ou ‘masculino’? Por que Laerte é avaliada/identificada como um paradoxo de salto alto?

No excerto (51), há a apreciação do “visual”/processo de travestilidade da Laerte por um fã, para a qual a cartunista faz questão de esclarecer não reduzir-se somente às roupas e acessórios ditos ‘femininos’ (“Não é só a vestimenta, você sabe disso, né?”). No exemplo (52), da seção *Notícias*, notamos que, mais uma vez, o veículo midiático representa a travestilidade como uma opção (“alguns episódios decorrentes da sua opção”), ainda que a portadora Laerte (re)afirme sua identidade de gênero (“Tenho uma identidade feminina”).

(51)“**‘Genial isso da sua vestimenta.’ ‘Não é só a vestimenta, você sabe disso, né?’**, respondeu Laerte, provocando sorrisos e deixando no ar uma ponta de interrogação.” (Ignorantsky-tumblr, 2013)

(52)“Depois de contar **alguns episódios decorrentes da sua opção**, afirmou também que hoje em dia ela não atrapalha em nada a sua vida: **‘Tenho uma identidade feminina. É uma condição que devo entender’**, disse.” (FFW, 2012)

No exemplo (53), da seção *Entrevistas*, temos a impersonalização, por objetivação, dos órgãos que entrevistaram a Laerte e parte da imprensa que insistem em tratar, de modo diferenciado, talvez em virtude da sua importância no cenário nacional dos quadrinhos, o processo de travestilidade da Laerte como uma moda, uma crise momentânea, uma excentricidade (“a palavra ‘travesti’ é afastada assim que possível. Em segundo lugar, a palavra ‘crossdresser’ é transformada numa espécie de moda”). Laerte, por meio do julgamento - sanção social -, afirma que tal prática, de não reconhecer/compreender a identidade de gênero é comum/própria do estado atual dos fatos, do modo como a mídia em geral trata a problemática de gênero.

(53)“Os jornais que me entrevistaram, o modo como a imprensa pauta este assunto, acho que é **típico do status quo cultural**. Em primeiro lugar, a **palavra ‘travesti’ é afastada assim que possível**. Em segundo lugar, a **palavra ‘crossdresser’ é transformada numa espécie de moda**.” (Trip, 2010)

Segundo Ramalho & Resende (2011:28), retomando Thompson (2002), a fragmentação, um dos cinco modos gerais de operação da ideologia (formas simbólicas que servem para estabelecer e sustentar relações sistematicamente assimétricas de poder) caracteriza-se por se tratar de uma “segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante”, por meio da *diferenciação* (ênfase em características que desunem e impedem a constituição de desafio efetivo) e o *expurgo do outro* (construção simbólica de um inimigo, um obstáculo ao poder hegemônico). O excerto (53) exemplifica esta última estratégia uma vez que se constrói uma dualidade entre *crossdresser* x travesti (eu/nós x eles), na qual “eles” = inimigo a ser combatido e expurgado por meio da união do conjunto “eu/nós”. Resende (2012:449) afirma que a classificação “influencia os modos como as pessoas agem e pensam sobre uma dada situação, por isso a preocupação com a questão da representação de atores sociais e contextos de desigualdade e precariedade social é essencial”. Acrescenta ainda que “por meio de classificações que legitimam a diferença, a injustiça social é naturalizada e deixa de ser questionada como injustiça, passando a ser compreendida como um estado natural de coisas”.

No fragmento (54), da seção *Entrevistas*, temos o posicionamento afirmativo da Laerte, que faz questão de esclarecer, por meio do processo material, que não “virou outra pessoa”, frente aos discursos hegemônicos quanto ao gênero (“é uma convenção muito forte. Muito mais forte do que eu pensava. Eu vejo que é um pensamento que também frequenta a minha cabeça”). A agente Laerte, metaforicamente, se representa como uma figura/ativista importante nas questões de gênero em detrimento (ora se aproximando ora se afastando) às outras pessoas *trans* que não são públicas, famosas, mas que também estão na luta, no processo de travestilidade, na busca pelo respeito e reconhecimento da identidade de gênero.

(54) “Essa é uma convenção muito forte. Muito mais forte do que eu pensava. Eu vejo que é um pensamento que também frequenta a minha cabeça. Não que eu estou chegando em Marte e resolvi me vestir de um jeito e está todo mundo estranhando. Eu sou igual àquelas pessoas. Estou entrando num caminho no qual elas não estão, mas estamos vivendo o mesmo problema. O problema em relação à política de gênero, códigos, tabus, eu também faço parte disso. Até hoje essa coisa passa pela minha cabeça. Preconceitos. Não virei outra pessoa” (Trip, 2010)

O posicionamento da Laerte em relação ao processo de travestilidade, estabelecendo uma contraposição entre eu-Laerte x *outros-trans*, dialoga com as discussões propostas por Woodward (2009), para quem a identidade é “marcada pela diferença” e “sustentada pela exclusão”, isto é, a identidade se constrói a partir da

percepção do outro e de si mesmo, e pela exclusão do outro em nome da valorização do “eu”. Ressalta ainda que, apesar de a identidade ser marcada pela diferença, algumas diferenças são mais ressaltadas que outras, principalmente em lugares e momentos particulares, em um jogo de exclusão e sobreposição.

Dessa forma, a identidade determina quem é incluído ou excluído de um determinado grupo por meio da diferenciação social. O que observamos claramente na distinção da representação da Laerte (cartunista, genial, aclamada nacionalmente, legitimada) frente às *trans* (travestis, transexuais, transgêneros que não são famosos/famosas, legitimados/legitimadas), pois depreendemos que talvez Laerte sofra menos exclusão por ser uma cartunista famosa, com histórico de vida inicialmente ‘masculino’ e com ações de luta. Ao se incluir no grupo das pessoas excluídas, marginalizadas e massificadas/generalizadas (“Eu sou igual àquelas pessoas”), parece dizer que é sim igual a elas, e que sofrerá sim os mesmos preconceitos. Mas percebemos que, por ser famosa, legitimada pela sociedade e rica, é representada sim de modo distinto, ainda que não esteja livre de preconceitos, ironias, especulações, desrespeito etc. Há, nesse exemplo, a ocorrência da *unificação* (construção simbólica de identidade coletiva) por meio da *simbolização da unidade* (construção de símbolos de unidade e identificação coletiva) - eu-Laerte + eles-*trans*, e da *fragmentação* (segmentação de indivíduos e grupos que possam representar ameaça ao grupo dominante) por meio da *diferenciação* (ênfase em características que desunem e impedem a constituição de desafio efetivo) - eu-Laerte = eles-*trans*.

No fragmento (55), o veículo midiático, por meio da personalização (generalização), representa o posicionamento equivocados e naturalizados, através do reforço e perpetuação de discursos/práticas hegemônicas e excludentes, da população em geral, frente às *trans*, em contraposição à identificação e avaliação afirmativa da Laerte quanto a especulativas distinções de nomenclatura e vivência entre travesti e *crossdresser* (“O *crossdresser* é um travesti de classe média”).

(55)“iG: Talvez porque a população já assimilou que **um travesti é um homem homossexual, muitas vezes se prostituindo.**

Laerte: **O *crossdresser* é um travesti de classe média.**” (Último segundo, 2010)

Nesse fragmento, há a co-ocorrência da *legitimação* (relações de dominação são representadas como legítimas), por meio da *racionalização* (uma cadeia de raciocínio procura justificar um conjunto de relações), bem como da *reificação* (retratação de uma situação transitória como permanente e natural), por meio da *naturalização* (criação

social histórica tratada como acontecimento natural) - “a população já assimilou que um travesti é um homem homossexual, muitas vezes se prostituindo”, a fim de tentar justificar o ‘comportamento’ da sociedade e os discursos hegemônicos equivocados quanto às *trans*.

Já no exemplo (56), verificamos a nomeada/identificada Letícia Lanz, por meio do julgamento, afeto e da nomeação, caracterizar o processo de travestilidade/descompressão como algo que “não alterou sua orientação sexual”, como um processo doloroso, sofrido e de luta. Ainda se reconhece como “uma pessoa hétero. Hoje homo” por sentir “atração por mulheres”, ressaltando ainda que permanece casada com a mãe dos seus três filhos, e não se posiciona favorável à premissa de que “a pessoa, ao assumir sua condição trans, precisa jogar casamento, família, profissão, tudo pelos ares, mandar tudo para a puta que o pariu”. Assim, questiona o modelo heteronormativo de família, de um pretense binarismo biológico (macho x fêmea) e ordem compulsória isto é, uma pífia tentativa de se estabelecer uma relação/ correspondência direta entre sexo - sexualidade - gênero com base na heteronormatividade.

(56)“Letícia tem voz mansa e fala de forma pausada, com sotaque levemente acaipirado. A ‘descompressão’, como ela gosta de dizer, não alterou sua orientação sexual: ‘Eu sempre fui uma pessoa hétero. Hoje eu diria que sou homo. Tenho atração por mulheres.’ Continua casada com a mãe de seus três filhos, todos já adultos. ‘Não aceito a imposição de que a pessoa, ao assumir sua condição trans, precisa jogar casamento, família, profissão, tudo pelos ares, mandar tudo para a puta que o pariu..’ (Ignorantsky-tumblr, 2013)

Nos próximos exemplos, verificamos o foco nas dicotomias eu x *outros*; binarismo biológico x gênero como constructo social.

(57)“‘As pessoas costumam ser muito receptivas comigo’, contou. ‘Mas o que tem sido fácil para mim é difícil para a imensa maioria das travestis. Isso me deixa com certo desconforto, me dá a sensação de que estou anodinizando a atitude travesti’, disse, empregando um de seus inúmeros neologismos. “Não gostaria de transformar essa atitude – que é de desafio à regra, de transgressão – em algo palatável. O papel de ursinho carinhoso me incomoda’.” (Ignorantsky-tumblr, 2013)

No exemplo (57), a beneficiada/dizente Laerte expõe, por meio do processo mental, relacional e material, o desconforto gerado pela distinção de tratamento/compreensão, por parte da mídia, entre a vivência do seu processo de travestilidade em contraposição a de outras *trans* (“Mas o que tem sido fácil para mim é difícil para a imensa maioria das travestis. Isso me deixa com certo desconforto, me dá a sensação de que estou anodinizando a atitude travesti”), caracterizando, assim, o expurgo do outro.

Observe que Laerte demonstra preocupação em, por ventura, estar transformando a luta das *trans* em algo inexpressivo, banal e enfraquecido. Tal inquietação, talvez, se justifique pelo fato de a cartunista estar em evidência como uma espécie de expoente/representante, responsabilidade/título que parece não aceitar, e por ser habitual os veículos midiáticos se utilizarem do processo de travestilidade da cartunista para somente vender polêmicas, e produzir outras, quanto ao que julgam ser diferente/grotesco/excêntrico. Laerte reforça ainda o uso do termo travesti e adiciona que “Não gostaria de transformar essa atitude - que é de desafio à regra, de transgressão - em algo palatável”, pois “o papel de ursinho carinhoso” a incomoda. Essa referência ao desenho *Ursinhos carinhosos*⁵⁵ é relevante, pois parece esboçar uma representação sarcástica de uma Laerte que poderia estar agindo contra a luta pelo (re)conhecimento das questões de gênero, de subversão às regras impostas pelo binarismo biológico, pois alguns veículos midiáticos (re)tratam o processo de travestilidade da cartunista apenas como modismo, uma excentricidade, um momento de crise em decorrência da morte do filho.

No fragmento (58), da seção *Perfil*, há a presença significativa de um aparente embate aos usuais interdiscursos acerca do processo de travestilidade estar atrelada à ideia de ‘transformação visual’, ‘desejo de vestir-se de mulher/homem’, e ao binarismo biológico, a contraposição macho x fêmea. O veículo midiático caracteriza o que seria a travestilidade, por meio do processo relacional e da avaliação, enquanto Laerte novamente faz-nos refletir acerca do ser homem, ser mulher, novamente, tecendo críticas à vigência e sobreposição da matriz binária acima de tudo, à contenção corporal, assim como à interpretação de uma pretensa pré-existência de identidades de gênero. Não havendo verdadeiro ou falso quanto os gêneros, em virtude da sua performatividade, não há como sustentar a hipótese de que há essências quanto o gênero e o corpo.

(58) “*Portanto, travestir-se não é uma forma de expor uma mulher que está dentro do corpo de um homem; a sua motivação não tem nada a ver com a sexualidade. É um questionamento, como são as suas obras, de valores e estéticas preestabelecidos. A repressão faz parte da nossa cultura. Por si só, o fato de existirem duas formas de se vestir para que se escolha é um sinal disso. Você só pode ser homem ou mulher’, explica.*” (Suplemento Pernambuco, 2011)

⁵⁵ O desenho conta a história de uma família de ursinhos que ajudam as pessoas a trocarem bons sentimentos e protegem a Terra das sombras do mal e do vilão Coração Gelado, que tenta a todo custo acabar com o amor. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ursinhos_Carinhosos. Acesso em 07 jan. 2015.

O veículo midiático ainda estabelece um paralelo entre a Laerte, mais especificamente no que tange ao seu processo de travestilidade, e à sua obra aclamada publicamente como única e de grande importância, fazendo uso do recorrente interdiscurso acerca da competência, genialidade e excentricidade da artista.

A problematização do ser travesti e ser *crossdresser*, eu x outros, tão recorrente no *corpus* desse estudo, é novamente exemplificada no excerto (59):

(59) “*Travesti é quem fica o tempo inteiro montada e transforma o corpo; crossdresser não. [...] Se você pinta a unha coma intenção de ficar feminina, você está transformando seu corpo. [...] Fazer uma coluna de regras para travestis e crossdressers, o que é um, o que é o outro, é falso, não se sustenta. Se você raciocinar sobre essas diferenças todas, você vai ver que crossdressers são travestis, uma espécie de subgrupo.*” (Trip, 2010)

Nesse fragmento, Laerte, mais uma vez, por meio do processo relacional, tenta aclarar e caracterizar as hipotéticas distinções entre a atitude/identidade como *crossdresser* e travesti, resgatando, para isso, discussões públicas e discursos naturalizados (“Travesti é quem fica o tempo inteiro montada e transforma o corpo; *crossdresser* não”). Laerte, então, elenca alguns pontos, pelo processo material e avaliação, que contribuem para a discussão sobre o uso do corpo para as [infinitas] possibilidades de experiências e identidade de gênero. Por fim, mais uma vez, a dizente Laerte afirma avaliativamente que “Se você raciocinar sobre essas diferenças todas, você vai ver que *crossdressers* são travestis, uma espécie de subgrupo”, além de ressaltar que não deve haver classificações do tipo você tem que ser x ou y, dialogando com Butler (2008) para quem o gênero, por seu caráter performativo, pode se manifestar em qualquer corpo, desvinculando, portanto, a relação direta entre corpo e gênero, pois o corpo seria uma superfície politicamente regulada, e não apenas algo natural.

4.5.7. Vozes “legitimadoras”

Ao longo das análises dos dados encontramos pouquíssimas, mas importantes, recorrências das construções identitárias que focalizassem/recorresse à voz/ajuda de especialistas na abordagem da identidade de gênero.

Nos excertos (60) e (61), os veículos midiáticos, ao buscarem trazer vozes legitimadoras sobre a problemática de gênero, fazem uma associação entre o processo de travestilidade da Laerte, bem como o seu posicionamento quanto a isso, em diálogo com as discussões propostas pela filósofa Judith Butler acerca do gênero:

(60) “[...] Mas ficou claro que Laerte é mais do que **um** militante de qualquer causa específica. **Ele** vive essa questão teórica no corpo e na cabeça. **A formulação das suas ideias é similar ao que diz a filósofa americana Judith Butler, talvez a mais importante crítica do feminismo tradicional e autora do respeitado livro Gender Trouble.** [...] Como seus quadrinhos transcenderam o humor, Laerte parece optar por fugir de definições exatas de **como um homem deve se comportar, ser e desejar.**” (Trip, 2010)

(61) “Nesse ponto, apesar de repetir que sua vida intelectual se baseia em ‘chutação’ e ‘achismo’, o cartunista se aproximou naturalmente das ideias da teórica feminista Judith Butler, autora de livros que norteiam discussões nessa área, como **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade (publicado originalmente em 1990) e Bodies that Matter (1993).** Butler concebe o gênero como algo em permanente movimento, instável, movediço – e no limite indefinível. A prosa encrespada da autora, que cultiva o mesmo gosto pela obscuridade de certa filosofia pós-estruturalista francesa e da versão francesa da psicanálise, fica mais palatável quando Laerte se põe a traduzi-la em insights para o seu idioma: ‘Sou uma mulher em caráter experimental’.” (Ignorantsky-tumblr, 2013)

No exemplo (60), o veículo midiático, por meio da nomeação (Laerte), especificação (ele - não respeitando a identidade de gênero da Laerte) e julgamento (quanto à capacidade da Judith Butler e do comportamento da Laerte), traçam similaridades entre as duas. Embora tente fazer uma discussão mais adequada, evidenciam-se recorrentes deslizos, principalmente, na referência à Laerte. Isso parece refletir a perceptível dificuldade de se discutir o tema (identidade de gênero) de forma diferenciada, reforçando e acentuando, desse modo, a orientação para a diferença.

Já no exemplo (61), há a ocorrência da funcionalização (o cartunista e teórica feminista), nomeação (Judith Butler e Laerte) e julgamento acerca do modo, peculiar, como Butler e Laerte tecem suas discussões sobre o gênero. Observe que, repetidamente, há ‘deslizos’ em relação à identidade de gênero da cartunista, assim como, em contrapartida, a Laerte, recorrendo à compreensão do gênero como construto social, inacabado e performativo, a fim de (re)afirmar a sua identidade feminina (“Sou uma mulher em caráter experimental”).

Por outro lado, no fragmento (62), há a impersonalização, por objetivação, do veículo midiático, que faz uso da voz/autoridade de pessoas que julgam ser especialistas no assunto (um filósofo e uma antropóloga) para “conversar sobre o que está por trás das roupas femininas” da Laerte, uma tentativa de ‘revelar um segredo’, mostrar algo que está (ou quiçá deve estar) escondido:

(62) “Querendo saber mais sobre isso, a Trip não só convidou Laerte para uma entrevista, como também chamou dois especialistas para conversar sobre que está por trás de suas roupas femininas. **O filósofo José Rodrigo Rodriguez (pesquisador do Centro das Brasileiro de Análise e Planejamento, CEBRAP, e da DIREITO GV, coordenador da pesquisa “Mulheres e Políticas de Reconhecimento do Brasil”, financiada pelo Ministério da Justiça) e a antropóloga Heloísa Buarque de Almeida (pesquisadora da USP, do centro de estudos feministas Pagu, da Unicamp e especialista em questões de gênero na mídia) participaram da entrevista.**” (Trip, 2010)

Laerte e seu processo de travestilidade parecem ser representados pelo prisma do grotesco, da espetacularização quanto à sua aparência (a travestilidade é compreendida como uma ‘transformação visual’ somente, como o ato de ‘vestir-se de mulher’), vista como algo estranho, secreto, que precisasse de explicação por ser surreal. Despreza-se, assim, a identidade de gênero, as emoções, sentimentos e experiências da Laerte.

Apesar de no exemplo (62), o veículo midiático explicitar que convidou dois especialistas para a conversa/(re)tratar o processo de travestilidade da Laerte, não observamos a efetiva participação, vozes e intervenções de tais especialistas ao longo do texto. Não há negociação e muito menos transformação dos discursos quanto à diferença; ocorrendo somente a acentuação, por meio do silenciamento, do ocultamento da diversidade das existências e vivências, da ausência de discussão e reflexão acerca da identidade de gênero. E, por isso, perguntamo-nos: Por que o referido veículo chamou essas duas pessoas para a ‘conversa’? Será que realmente essas foram as melhores escolhas? Questionamos isso, não em razão da especialidade acadêmica e prática do filósofo e da antropóloga, mas em virtude da não abordagem do que seria a identidade de gênero, ou até mesmo o gênero em sua totalidade, ao longo do texto, que poderia ser enriquecido pelas contribuições teóricas e práticas desses especialistas.

Isso é muito preocupante, pois, se um veículo intenciona abordar/tratar uma questão, como a identidade de gênero, por exemplo, esse deveria fazê-lo de modo claro, responsável, informativo e amplo, e não apenas especulativo, jocoso, irônico e reducionista, por meio de perguntas como: “Existe um momento no qual você se deu conta de que queria se vestir de mulher? Qual foi a primeira coisa que você fez a partir do momento em que percebeu que queria se vestir de mulher? Como você se sentiu quando se viu montado pela primeira vez? O que te incomoda no vestuário masculino? O fato de ser mais velho tem a ver com a liberdade de fazer isso? O pessoal não sabe muito o que perguntar para você. Onde é que você se enquadra nisso? A sua identidade quando você se vestia só de homem era tão hétero? Você não se sente à vontade em nenhum dos rótulos?”

4.5. 8. Transição e necessidade de mudanças

Nos próximos excertos, verificamos exemplos de enfoque na representação da Laerte e suas necessidades, sejam elas auto declaradas ou atribuídas pelo veículo para o qual estava falando:

(63)“A expressão *crossdresser*, usada como referência pessoal, **praticamente sumiu do seu vocabulário**, substituída por *travesti*. A frase ‘**Não planejo mudar de gênero definitivamente**’, na *Bravo!*, **também ficou com o prazo de validade vencido**. Primeiro, em termos práticos, porque Laerte desde então só aprofundou sua mudança e só pensa em aprofundá-la.” (*Ignorantsky-tumblr, 2013*)

No excerto (63), temos a mescla de vozes entre o veículo midiático e a Laerte, por meio dos processos material, mental e verbal e do julgamento - estima social, a fim de elucidar a mudança do pensamento/entendimento da agente/experenciadora/identificada Laerte sobre o processo de travestilidade. Percebemos, assim, o julgamento do veículo quanto à aparente mudança da Laerte, uma espécie de amadurecimento do entendimento da Laerte sobre sua própria identidade de gênero, sua identificação (de *crossdresser* para *travesti*), experiência e, conseqüentemente, modificações nas suas falas/representações/ações.

Todavia, constrói-se também, nesse exemplo, uma ideia de que as pessoas são imutáveis, como se não pudessem mudar, não pudessem “alçar novos vãos”, “buscar novos horizontes”, ou ainda, que ao ‘assumirem’ a identidade de gênero, seus valores, crenças, ética, moral, família, relacionamentos devessem ser abandonados. Despreza-se que as identidades são fluídas, que mudanças na vida pessoal e profissional ocorrem sim, mas não necessariamente em virtude de uma crise existencial, parecem desconhecer que a travestilidade tem a ver com a identidade de gênero, e não com o simples desejo/fetice em ‘vestir-se de mulher’.

Letícia Lanz, amiga da Laerte, ao relatar sobre o seu processo de travestilidade nesse mesmo texto (*Ignorantsky-Tumblr, 2013*) diz: “Não aceito a imposição de que a pessoa, ao assumir sua condição trans, precisa jogar casamento, família, profissão, tudo pelos ares, mandar tudo para a puta que o pariu. Não aceito.” A latência da necessidade em reconhecer-se, ou aprofundar-se, no processo de travestilidade, mudar o que a incomoda, como a identificação de si por si e pelos outros, apresenta-se mais uma vez no seguinte fragmento:

(64)“Assim, a busca do *crossdresser* é a de romper esses limites. **‘Eu quero conquistar esse espaço. As mulheres já o conquistaram há muito tempo, usam roupas de homens sem problemas. Para mim, essa fronteira não tem que existir’**. O travestismo de Laerte é, então, uma **problemática de gênero**, é a busca de se comunicar artisticamente a partir do que ele chama de ‘linguagem do vestuário’. ‘Existem tantos gêneros quanto existem pessoas’, diz ele, citando a frase da amiga Letícia Lanz, autora do blog *Arquivos de uma crossdresser*.” (Suplemento Pernambuco, 2011)

Nesse fragmento, a experienciadora/identificada Laerte, por meio dos processos relacionais, mentais, materiais, explicita o ensejo em romper barreiras/limites quanto ao gênero, recorrendo para isso ao interdiscurso acerca de alguns feitos conquistados pelo

movimento feminista, por exemplo, e à Teoria *Queer*, concebendo a travestilidade como problemática quanto ao gênero/identidade de gênero, entendimento aparentemente compartilhado pelo veículo midiático que, por sua vez, julga e identifica o processo que Laerte vivencia, tanto como problemática de gênero quanto o simples e excêntrico ato de vestir-se artisticamente com roupas e acessórios ditos ‘femininos’. Por fim, Laerte recorre à fala da sua amiga Letícia Lanz ao caracterizar a pluralidade/diversidade da vivência da identidade de gênero (“Existem tantos gêneros quanto existem pessoas”), retomando a compreensão do gênero como performativo, podendo manifestar-se em qualquer corpo.

Também foi recorrente a exposição/representação do sentimento da Laerte quanto à exposição e repercussão da sua vivência, do seu processo de travestilidade:

(65)“É meio perturbador, uma sensação estranha’, comentou, tentando descrever como assimila o fato de ter se tornado uma celebridade. ‘**Antes eu era conhecida como autora de quadrinhos’, falou, usando a regência feminina. ‘Mas era algo localizado. Agora virei também uma figura dos *faits divers*. Ah, é o cara que se veste de mulher! É um cartunista. Mas é gay? Não, não é bem assim. Não é? Não sei’,** ele imitava vozes e ria do próprio teatro. (*Ignorantsky-tumblr, 2013*)

No exemplo (65), a experienciadora/identificada Laerte, por meio da avaliação e do processo mental, faz um contraponto entre o antes x depois do processo de travestilidade, explicitando alguns conflitos e incômodos, ao passo que reforça sua identidade de gênero, por meio do uso da regência ‘feminina’, ocorrência evidenciada/exaltada pelo veículo. A experienciadora Laerte julga negativamente como se sente frente à sua visibilidade, à sua identidade, atribuída pela sociedade e pelas mídias, como ‘celebridade expoente do universo *trans*’, explicitando considerável desconforto quanto o modo como as outras pessoas a identificam (posterior ao processo de travestilidade), julgando a si mesma como “figura dos *faits divers*”, em contraposição à sua identidade enquanto artista/cartunista/ilustradora/autora de quadrinhos (anterior ao processo de travestilidade).

Observe que o uso do termo *faits divers* pela Laerte é muito interessante e expressivo, por se tratar de um jargão jornalístico, e, por extensão, um conceito do jornalismo, que designa os assuntos não categorizáveis nas editorias tradicionais dos veículos, tais como política, economia, internacional, etc. Tais excertos se tornam noticiosos por apresentarem casos inexplicáveis e excepcionais, por serem fatos pitorescos, inusitados, desconectados da historicidade jornalística. O uso de tal termo é muito significativo na medida em que os fatos que não se enquadram nos “padrões

editoriais normais” são classificados como anômalos e excepcionais, semelhantemente à Laerte e as *trans* que por não se enquadrarem nos padrões hegemônicos do ‘ser homem’ ou ‘ser mulher’ são caracterizadas como grotescos, anormais.

Já o fragmento (66) traz um exemplo de foco em uma das fundadoras da ABRAT, a Maitê Schneider:

(66)“Maitê enxerga nas três sócias uma coragem que não vê em si. **‘Elas puseram tudo o que haviam construído em risco quando decidiram se assumir:** a Laerte já tinha uma carreira brilhante como artista, um nome consagrado; a Letícia era uma profissional muito bem-sucedida; a Márcia é empresária – e todas têm filhos. **Eu não. Não tinha nada. Ou eu me transformava numa mulher ou me matava.** De certa forma era uma decisão bem mais simples’, disse.” (*Ignorantsky-tumblr, 2013*)

Nesse exemplo, percebe-se que a nomeada/agente/experenciadora Maitê contrasta, por meio de avaliações, nomeações e dos processos mental, material e relacional, a sua experiência, anseios, expectativas e sentimentos enquanto transexual, com as experiências, representatividade e decisões das amigas, Laerte, Letícia e Márcia. A última parte da fala da Maitê (“Eu não. Não tinha nada. Ou eu me transformava numa mulher ou me matava”) é bem representativa das dificuldades, traumas, violências, resistências, e tantas outras questões que as *trans* comuns, que não são socialmente bem-sucedidas/reconhecidas, têm que enfrentar, por exemplo, ao longo do processo de transformação corpórea para criar a identificação com o feminino, a fim de que sejam respeitadas e tenham o direito de viver plenamente a sua identidade de gênero.

Ao longo das análises das construções identitárias, pudemos observar as diferentes representações sócio-discursivas da Laerte (diferença = diversidade) perante as *trans* (diferença = exclusão), percebendo que as maneiras como os atores sociais são representados em textos indicam, em maior ou menor grau, posicionamentos ideológicos em relação a eles e a suas atividades (RESENDE & RAMALHO, 2006:72). Atentamo-nos também para o modo como os atores sociais são incluídos ou excluídos, nomeados ou funcionalizados, avaliados negativa ou positivamente, se a agência/participação é evidenciada ou subjugada.

Constatamos o evidenciamento do valor potencial da linguagem na manutenção, produção (principalmente por parte dos veículos midiáticos), e transformação (pela Laerte e pelas pessoas que ‘rodeiam-na’, como a Márcia Rocha, por exemplo) das representações, através das escolhas linguístico-discursivas e dos investimentos nas construções de significações e nas nomeações utilizadas para se referir às pessoas, ao processo de travestilidade e à identidade de gênero.

Ademais, percebemos que os veículos midiáticos produzem discursos que contribuem significativamente para a naturalização de significados excludentes (FOWLER, 1991), que possuem um grande potencial de influenciar conhecimento, crenças, valores, relações sociais, identidades sociais e representações sócio-discursivas (FAIRCLOUGH, 1995), e que, na aparente tentativa de explicar a identidade de gênero, distancia-se, torna-se ‘objetivo’ (na verdade focaliza outros pontos/questões menos polêmicas), reduz (e por vezes apaga) a problemática do gênero, de modo a naturalizar certos discursos hegemônicos, além de reforçar as contraposições e distinções (equivocadas, desnecessárias e errôneas) entre *crossdressers*, travestis, transexuais, transgêneros, por meio, principalmente do expurgo do outro (travestis, por exemplo, devem ser combatidos por estarem intimamente ligados à promiscuidade, violência e drogas).

Para o filósofo francês Jacques Derrida, a lógica ocidental opera por meio de binarismos, tais como: feio x belo, puro x impuro, normal x anormal. Desse modo, uma nominalização (como a heteronormatividade) seria considerada superior, e o oposto (*trans*) seu subordinado; o indivíduo hétero está no topo (estando o ‘homem’ acima da ‘mulher’) e os que não se encaixam no esquema binário, os ‘diferentes’, estariam à margem (ou em lugar algum).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação visou suscitar reflexões sobre representações sócio-discursivas e construções identitárias da Laerte Coutinho como *travesti/transgênero/trans*, assim como das *trans* (pessoas que não se enquadram no padrão binário macho x fêmea/feminino x masculino), buscando analisar os efeitos potenciais gerados nos textos analisados, bem como promover discussões acerca das *trans*, suas condições de possibilidade, seu lugar na história, bem como a veiculação de tais discursos, suas ações e possíveis consequências em meios midiáticos de grande repercussão como a Internet. Desse modo, expomos a seguir as ocorrências mais significativas, tendo em vista os objetivos da pesquisa.

Ao analisarmos as relações lexicais utilizadas para tematizar a relação entre o gênero, o sexo e a sexualidade com base no Sistema de Transitividade (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004), observamos a grande frequência dos processos materiais - representação da experiência, do processo de travestilidade (ações e eventos), e relacionais - representação das relações (identificação e caracterização) (Vide Gráfico 1 - Anexos p. 142).

No que diz respeito às metáforas, houve a sobreposição das metáforas ontológicas - maneiras de entender os eventos, as atividades, as emoções, as ideias como entidades e substâncias - sobre as conceptuais - conceitos estruturados metaforicamente em termos de outros - e as orientacionais - conceitos remetem uma orientação espacial não-arbitrária, baseada na nossa experiência física e cultural (Vide Gráfico 2 - Anexos p. 142).

Quanto às modalidades, verificamos a ocorrência significativa da modalidade epistêmica - troca de conhecimento/informação, comprometimento do autor com a 'verdade' e comprometimento da Laerte com a 'verdade' - sobre a modalidade deôntica - demandas e ofertas, troca de atividade/bens e serviços, comprometimento com a obrigatoriedade (Vide Gráfico 3 - Anexos p. 142).

No que diz respeito ao sistema de avaliatividade, observamos a predominância do julgamento - visão da aceitabilidade social do comportamento, avaliação com base/sobre as normas sociais e o caráter - da Laerte sobre si, sobre o processo de travestilidade e sobre as *trans*, e dos veículos midiáticos sobre a Laerte e sobre as *trans*; e da força - acentuação/intensificação das informações da Laerte sobre si, sobre o

processo de travestilidade e sobre as *trans*, e dos veículos midiáticos sobre a Laerte e sobre as *trans* (Vide Gráfico 4 - Anexos p. 143).

Em relação à análise do *corpus* quanto às representações sócio-discursivas dos atores sociais (Laerte e as *trans*), a fim de compreendermos como as identidades eram construídas, obtivemos, sinteticamente, os seguintes dados:

<p>1. Como Laerte é representada?</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Ativação; ▪ Passivação; ▪ Personalização; ▪ Impersonalização - objetivação; ▪ Processos material, relacional; ▪ Agente (Laerte e Hugo), sujeito (Laerte - fruto do processo); ▪ Processo de travestilidade = metáforas negativas, crise, confusão, período nebuloso, crossdressing; ▪ Beneficiária - reconhecimento público como artista genial; ▪ Regência masculina + nomeação - o Laerte, o Laerte Coutinho; ▪ Regência masculina + funcionalização - o ilustrador, o cartunista, o artista; ▪ Apreciador do guarda-roupa feminino; ▪ Militante, Artista excêntrico; ▪ Em crise (pessoal e profissional); ▪ Paradoxo de salto alto; ▪ Modalidade negativa - repetição do não ▪ Teoria Queer - Butler 	<p>2. Como Laerte se representa?</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Ativação; ▪ Passivação; ▪ Processo material - ator; ▪ Processo relacional - identificação; ▪ Mescla dos processos material + mental (ator e experienciadora); ▪ Corpo = delineamento de si, reinventado, resignificado; ▪ Processo de travestilidade = metáforas negativas (caminho no escuro/sem guias, período nebuloso, crise gigantesca, sinuca de bico -pessoal e profissional, neuras existenciais, pequeno furacão) e positivas (impressão digital, possibilidades, soltar a franga, descoberta nova, predileção); ▪ Posicionamento: Eu x outros (diferenças e semelhanças); ▪ Identidade = performatividade (BUTLER, 2008);
<p>3. Como as <i>trans</i> são representadas?</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Ativação; ▪ Passivação; ▪ Personalização; ▪ Processo material; ▪ Processo relacional; ▪ Especificação e identificação (a empresária Márcia Rocha, a transexual Maitê, o Laerte); ▪ Agente e sujeito; ▪ Laerte x <i>trans</i>; ▪ Crossdressers x travestis; ▪ Comportamento; ▪ Crise; 	<p>4. Como Laerte representa as <i>trans</i>?</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Ativação; ▪ Passivação; ▪ Personalização; ▪ Impersonalização - objetivação; ▪ Processo material; ▪ Processo relacional; ▪ Processo mental; ▪ Especificação e identificação (a Márcia Rocha, a Maitê); ▪ Processo = (trans)construções identitárias de gênero, tipo de gênero/expressão de gênero,

<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Travestimento;</i> ▪ <i>Questão teórica;</i> ▪ <i>Alguém vestido de mulher/por trás de roupas e adereços (bem) femininos;</i> ▪ <i>Visual;</i> ▪ <i>Processo;</i> ▪ <i>Atitude (que embaralha a percepção dos papéis de homens e mulheres);</i> ▪ <i>Tríade = pobreza/violência, sexo/prostituição e drogas;</i> 	<p><i>impressão digital = possibilidades, singularidades;</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>Presunção avaliativa/valorativa;</i> ▪ <i>Interdiscurso – Luta feminista;</i> ▪ <i>Metáforas (guerra, combate);</i> ▪ <i>Crossdressers x travestis, transgêneros;</i> ▪ <i>Eu x outros;</i> ▪ <i>Aquelas pessoas;</i> ▪ <i>Problema (política de gênero, códigos, tabus);</i> ▪ <i>Algo que ninguém entende (gênero);</i>
---	---

Quadro 12 - Síntese das ocorrências das representações dos atores sociais

Percebemos, ao longo das análises, a importância, na prática, do corpo como “um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade” (WOODWARD, 2009), neste caso, em específico, a identidade de gênero; do mesmo modo, como um vetor semântico (LE BRETON, 2010), meio pelo qual o indivíduo se significa, constrói significados, é incluído e/ou excluído. Neste estudo, observamos que ocorre a inclusão da Laerte, pois ela tenta incluir-se/fazer-se incluída, mas também há a exclusão, uma vez que Laerte (o corpo diferente - identidade de gênero), na maioria das vezes, é excluída pelos veículos midiáticos.

Foi possível, ainda, constatarmos que é por meio dos significados produzidos pelas representações (Laerte-cartunista; Laerte-transviado; Laerte x *trans*, crossdresser, travesti; normal x anormal etc.) que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos, e que os sistemas simbólicos envolvidos nesse processo tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. Ademais, verificamos que alguns significados parecem ser preferidos, principalmente pelos veículos analisados, relativamente a outros (gênero x sexo e sexualidade), e que as práticas de significação envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído ou excluído (WOODWARD, 2009). Ainda segundo essa autora, a representação, compreendida como um processo [sócio-]cultural, estabeleceria identidades individuais e coletivas, e os sistemas simbólicos, nos quais ela se baseia, poderiam fornecer respostas a questões, tais como: Quem é Laerte? Quem são as *trans*? O que elas poderiam ser? Quem elas querem ser? Pois, os “discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2009:17).

ALGUMAS REFLEXÕES

Ao propor-nos desenvolver esse estudo crítico-discursivo, tendo em vista a crítica explanatória, deveríamos, primeiramente, perceber um problema social com aspectos semióticos, realizar a identificação de obstáculos para que o problema possa ser superado, investigar a função do problema na prática, buscar soluções para a superação do problema, neste caso em específico, o modo hegemônico/excludente/binário e, por vezes, nefasto, como as *trans* são representadas sócio-discursivamente, como se dão as construções identitárias desses indivíduos nos veículos midiáticos analisados, e por fim, refletir acerca da análise.

Desse modo, como explicitarei no início desse trabalho, as motivações para pesquisar esse ‘problema’ em específico, deve-se à minha iniciação como pesquisadora nos estudos sobre o corpo diferente, o que não se enquadra na matriz hegemônica vigente, e à minha inquietação/curiosidade sobre as possíveis razões pelas quais Laerte estaria ‘vestindo-se de mulher’ e porque ‘teria abandonado’ personagens famosos para se dedicar à produção de quadrinhos que centrassem no ‘universo *trans*’. Em minhas ‘sondagens’ iniciais percebi a complexidade e fluidez do assunto que me comprometera pesquisar, assim como a importância em tentar desenvolver discussões e reflexões que pudessem contemplar, o máximo possível, a problemática de gênero e corporeidade. Felizmente, deparei-me com a agência significativa, em todos os sentidos, da Laerte e das *trans* no/pelo entendimento do gênero como constructo social e performativo (BUTLER, 2008), assim como pelo reconhecimento pleno da identidade de gênero.

No entanto, como apresentar possíveis maneiras de superar os obstáculos que ainda teimam circundar/fazerem-se presentes, forte e negativamente, nas interações sociais, nas práticas cotidianas, na identificação e representação, com base no binarismo, das pessoas que fogem à matriz heteronormativa nos veículos midiáticos? O que fazer para que a compreensão do gênero seja, finalmente, desvinculada da pretensa coerência socialmente imposta entre sexo - gênero - desejo - práticas? Como romper com a ordem compulsória que exige coerência total entre um sexo, um gênero e um desejo/prática heterossexuais, a qual postula que um ser que nasce com uma anatomia masculina, dever ser masculino, desejar mulheres e manter relações sexuais ativas com elas? O que fazer para que não ocorra a exclusão/marginalização e não mais reneguemos e ameacemos socialmente os corpos dos ‘diferentes/aberrações/anormais/modelos que não devem ser seguidos’? De que modo podemos cessar a acentuação da

diferença/expurgo do outro, a naturalização de discursos hegemônicos que reforçam a diferença? Como diminuir a *outrofobia*? O que seria identidade de gênero em um momento transitório/fluído no qual a própria noção de identidade é questionada/debatida/reformulada? Momento em que há um grande repensar sobre quem somos, quem estamos nos tornando, ou sobre quem podemos ser (MOITA LOPES, 2006, 2010).

Resende (2012), retomando Charaudeau (2010), afirma que uma das funções da mídia é

a regulação do cotidiano social, o que se assegura por meio da dispersão e discursos que ‘determinam o que são e o que devem ser os comportamentos do corpo social’, normatizando as relações sociais em ‘enquadres de experiência’ fundamentados em ‘avaliações éticas, identificações ou recalques de emoções’ que informam o que deve ser compreendido como ordem ou desordem, bom ou ruim, desejável ou indesejável. (RESENDE, 2012)

Em uma entrevista para o *IHU On-line*⁵⁶, a socióloga Berenice Bento afirma que o gênero está relacionado à performatividade, à prática e ao reconhecimento social. Assim, para que alguém seja socialmente reconhecida como mulher, precisa desempenhar um conjunto de práticas, de performances que possibilitem esse reconhecimento. Dessa forma, a roupa que se usa, o jeito que se posiciona a mão, a maneira como se cruza as pernas, seriam os indicadores e visibilidades de gênero que fazem o gênero. Para Bento, não haveria gênero em uma estrutura corpórea, mas sim na prática, pois afirma que “Nós fazemos gênero no dia a dia”, acrescentando ainda que:

O transgênero, a transexualidade, a travestilidade, drag queens, são expressões de gênero que disputam com a concepção hegemônica. Na verdade, o que você tem hegemonicamente é aquela ideia de uma continuidade. Você tem vagina, logo você é mulher, logo você é feminina e é óbvio que você é heterossexual. Você tem pênis, logo é homem, é masculino, e logo é heterossexual. É esta estrutura hegemônica do gênero que é problemática. O tempo inteiro nós estamos vendo expressões de gênero, vivências de gênero que explodem essa coisa retilínea com uma correspondência entre desejo e genitália afetada na heterossexualidade. Tanto as ciências quanto a religião, hegemonicamente falando, ainda trabalham com essa ideia de binarismo e tudo que foge disto é da ordem do anormal, do pecaminoso, do não inteligível, do que não tem nome. (IHU ON-LINE, 2010)

⁵⁶ Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/36605-transexualidade-nos-fazemos-genero-no-dia-a-dia-entrevista-especial-com-berenice-bento>. Acesso em 12 jan 2015.

Quanto às nomeações/identificações e contraposições entre *crossdresser* x travestis, concordamos com a discussão feita pela Laerte nos seguintes quadrinhos:



Sobre as problematizações em relação às identidades de gênero, nos alinhamos ao 'manifesto' produzido pelo perfil do *Facebook Travesti Reflexiva*⁵⁷:

⁵⁷ Disponível em: <http://i.imgur.com/YVDocNI.jpg>. Acesso em 14 nov. 2014.



Acerca dessas questões, Laerte, como podemos depreender do seguinte quadrinho⁵⁸, afirma:



Na versão *online* da edição 86 (Nov. 2013)⁵⁹, no texto intitulado “Livre, Leve e Solta”, Laerte é descrita como “antifeliciano”[...] nomeada presidenta da Comissão Extraordinária de Direitos Humanos e Minorias, iniciativa simbólica lançada por movimentos sociais em resposta à comissão presidida pelo deputado evangélico do PSC em Brasília.”, e acerca do seu ativismo político atual diz: “me vi motivada a retomar a

⁵⁸ Disponível em: <http://biscatesocialclub.com.br/category/biscatagi-e-cultura/page/4/>. Acesso em 8 jan. 2015.

⁵⁹ Disponível em: <http://rollingstone.uol.com.br/edicao/edicao-86/livre-leve-e-solta>. Acesso em 13 jan. 2014.

militância por causa de algo muito íntimo – o sentimento transgênero –, que me levou de novo a entender a ação política como necessária. Não vejo só como uma defesa da população travesti ou transgênera, mas da liberdade humana. Uma defesa das possibilidades do ser humano como um todo.”

Ao ser indagada sobre questões pertinentes ao gênero, sexo e sexualidade pelo veículo midiático *Candeia*⁶⁰, Laerte disse:

Definição e gênero:

Laerte: “Eu não gosto muito de ficar buscando me encaixar em determinadas, nessas definições todas, porque necessariamente elas não entendem a individualidade. Eu tenho, cada vez mais, compreendido a questão de gênero como uma coisa pessoal. É tão pessoal quanto uma impressão digital, quanto o desenho da íris, é tão pessoal quanto tudo. Mas, ao mesmo tempo, as pessoas buscam modelos, as pessoas buscam turmas, as pessoas procuram se integrar em torno de grupos que se ajeitam ou que se arrajam com determinadas identidades. Essas identidades viram também questões sociais, viram encaixe para programas políticos conforme o público. Eu sou uma pessoa trans, e me entendo dentro da feminilidade. Gosto de me ver como mulher. Gosto de usar o pronome feminino. Eu acho que os gêneros são de tal forma uma construção cultural, que eles realmente não precisam se estacionar nos modelos que são propostos. Você pode estacionar sim, mas eu acho que é uma perda.”

Gênero, sexo e orientação sexual

Laerte: “Sexo é o que define a pessoa quando ela nasce, se ela é macho, fêmea ou intersexo. Isto é, a situação sexual da pessoa, e diz respeito mais à biologia. O gênero é uma construção cultural, e foi construída a partir dessa situação biológica e definiu, nas várias culturas, o que seria masculino ou feminino, ou situações intermediárias. Isso variou, e varia, nos tempos e lugares. E orientação sexual é o desejo. É se a pessoa gosta mais de homens, mais de mulheres, mais dos dois ou de nenhum. Essas áreas todas estão embolando porque é inevitável que elas se embolem. Quando você questiona o gênero e chega numa situação onde você pode se definir como outro, quer dizer, você nasceu e viveu até determinado momento como homem, aí você passa a se entender

⁶⁰ Recorte da entrevista concedida pela Laerte Coutinho ao veículo midiático *Candeia*. Disponível em: <http://www.candeia.jor.br/classificacao-de-genero-esta-ficando-algo-ultrapassado-afirma-laerte-coutinho/>. Acesso em: 10 nov. 2014.

como mulher. No entanto, o seu desejo continua sendo por mulheres, preferencialmente. Então, você deixou de ser hétero e passou a ser homossexual? Quer dizer, essas questões não podem mais ser resolvidas ou respondidas com a mesma régua que tinha. Então, eu acho que a discussão de gênero ela tem vindo, nos últimos tempos, e tem trazido muita informação, questionamento para os outros entendimentos. Até o ponto que essa classificação homossexual, heterossexual, bissexualidade e tudo mais, ela tá ficando antiga.”

Já para a edição 193 da revista *Cult*⁶¹ dedicada à problematização da Teoria *Queer*:

CULT: Como artista, você é unanimidade. E como cidadã?

Laerte: Não rola nenhuma unanimidade, nem como artista nem como cidadã. Meu trabalho é questionado de várias formas e minha “atuação” como pessoa transgênera também. A esse respeito, aliás, vem acontecendo uma determinada movimentação, uma espécie de corporativismo em torno da pertinência das denominações transgêneras. Há, ali, quem defenda uma legitimidade exclusiva, restrita a travestis e transexuais, com o conseqüente traçado de limites territoriais – onde pessoas “não-alinhadas” não estarão incluídas. É uma pena, porque bate de frente com a vocação transgressora da ideia de transgeneridade, como um movimento de desmanche do bi-generismo e d rigidez das identidades.

CULT: Acredita que as mulheres são mais frágeis e precisam de proteção?

Laerte: Não mesmo. O fato de ter massa corporal menor - na média – não implica em fragilidade e necessidade de proteção. Ideias como esta embasam políticas de segregação, como os banheiros por gênero, os “vagões rosa” em trens e metrô; o que essa política pretende (e realiza) é o exercício da dominação e controle das mulheres e de seus corpos.

CULT: O vagão rosa do metrô vai ser instituído em São Paulo: o que você acha disso?

Laerte: [...] Uma tentativa de controlar a mulher e seu corpo, disfarçada de política de proteção. Fora que se trata também de uma construção prática do bi-generismo, que

⁶¹ REVISTA CULT. Edição 193, ano 17, ago 2014. Disponível em: www.revistacult.com.br. Acesso em 4 nov 2014.

joga para escanteio todas as mulheres que não pareçam claramente “femininas” e todas as pessoas transgêneras. Gostaria de mencionar aqui que aquele pensamento “corporativista” de que falei – a visão que exclui todas as pessoas que não são travestis ou transexuais (como drag queens, transformistas, crossdressers, agêneros etc.) – adota em relação a situações como o vagão rosa a mesma atitude que em relação ao uso dos banheiros: reivindica-se o direito de serem consideradas mulheres, mas não a natureza segregacionista dessas instituições. É um neo-bi-generismo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Vida para Consumo*. A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BEBER-SARDINHA, T. *Linguística de corpus*. São Paulo: Editora Manole, 2004.

BENTO, B. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BUCHOLTZ, M.; LIANG, A. C.; SUTTON, L. A. (ed.) *Reinventing identities: The gendered self in discourse*. New York: Oxford University Press, 1999.

BUTLER, J. P. *Bodies that matter*. New York: Roudedge, 1993.

_____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CAMERON, D. *Feminism and linguistic theory*. New York: St. Martin's Press, 1992.

_____. (ed) *Language and gender: A reader*. London: Routledge, 1998.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2010.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999.

CRAWFORD, M. *Talking difference on language and gender*. London: sage, 1995.

COURTINE, J. *As mutações do olhar. Século XX*. Petrópolis: Vozes, 2008.

ECKERT, P.; MCCONNEL-GINET, S. *Language and gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: Redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FABRÍCIO, B. F.; MOITA LOPES, L. P. A dinâmica dos (re)posicionamentos de sexualidade em práticas de letramento escolar. In: MOITA LOPES, L. P. da; BASTOS, L. C. (orgs.) *Para além da identidade: fluxos, movimentos, trânsitos*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. Trajectories of socialization in school *transcontexts*: discourse journeys on gender and sexuality. *Working Papers on Urban Languages and Literacies*.

King's College, 2012. Disponível em: <http://www.kcl.ac.uk/sspp/departments/education/research/ldc/publications/workingpapers/Full-WP94-Fabricio-2012-Trajectories-of-socialization.pdf>. Acesso em 10 nov 2014.

FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. London, New York: Longman, 1989.

_____. *Discourse and Social Change*. Cambridge: Policy Press, 1992.

_____. *Critical Discourse Analysis: papers in the critical study of language*. London : Longman, 1995.

_____. A Análise Crítica do Discurso e a Mercantilização do Discurso Público: as Universidades. IN: MAGALHÃES, C. M. (org.). *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001a.

_____. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: UnB, 2001b.

_____. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London, New York: Routledge, 2003a.

_____. Linguistic and Intertextual Analysis Within Discourse Analysis. In: A. Jaworski & N. Coupland (eds.). *The Discourse Reader*. London, UK: Routledge, 1999.

FAIRCLOUGH, N.; WODAK, R. Análisis crítico del discurso. In: VAN DIJK, T. A. (compilador). *El discurso como interacción social*. Estudios del discurso: Introducción Multidisciplinaria. Barcelona: Gedisa Editorial, 2000.

FAIRCLOUGH, N.; JESSOP, B.; SAYER, A. Critical Realism and Semiosis. IN: *Journal of Critical Realism*, vol.5, nº.1, 2002. p. 2-10.

FAIRCLOUGH, N.; FAIRCLOUGH, I. *Political Discourse Analysis - a method for advanced students*. London, UK: Routledge, 2012.

FOUCAULT, M. Genealogia e poder. In: FOUCAULT, M. *A microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. Poder-corpo. In: FOUCAULT, M. *A microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. Verdade e poder. In: FOUCAULT, M. *A microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *Vigiar e punir*. 32 edição. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. *Os anormais: curso do Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

- _____. *A arqueologia do saber*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- _____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 38ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- _____. *História da Sexualidade I: A vontade de Saber*. 23ªed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2013.
- FUNCK, S. B.; WIDHOLZER, N. (org.). *Gênero em discursos da mídia*. 1ªed. Florianópolis/Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres/EDUNISC, 2005, v.1.
- FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. *Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa*. Santa Maria-RS: [s.n], 2010.
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- _____. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- _____. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GOMES, M. C. A. & BARBARA, L. Mulheres, política e mídia: algumas incursões em torno da representação sociocultural de Dilma Rousseff. In: *Revista D.E.L.T.A.* v.27, n.2, p.311-335, 2011.
- GOMES, M. R. *Poder no Jornalismo: discorrer, disciplinar, controlar*. São Paulo: Hacker editores. Edusp, 2003.
- GOUVEIA. C. A. M. Texto e gramática: Uma introdução à Linguística Sistêmico Funcional. *Revista Matraca*. Rio de Janeiro. vol.16, n24, jan-jun, 2009.
- GRADDOL, D.; SWANN, J. *Gender voices*. Oxford: Blackwell Publishers, 1989.
- HALL, K.; BUCHOLTZ, M. (ed.). *Gender articulated: Language and the socially constructed self*. New York: Routledge, 1995.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro:DP&A, 2005.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.
- _____. *Language, text and context: aspects of language in a social semiotic perspective*. Australia: Deakin University Press, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning*. London, New York, Melbourne, Auckland: Edward Arnold, 1978.
- _____. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985/1994.

- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 2004.
- HEBERLE, V. M. Análise crítica do discurso e estudos de gênero: subsídios para a leitura e interpretação de textos. In: FORTKAMP, M.; TOMICHTH, L. (org.). *Aspectos da linguística aplicada: estudos em homenagem ao Prof. Hilário Inácio Bohn*. Florianópolis: Insular, 2000. P.-289-316.
- HEBERLE, V.; MEURER, J. L. (Orgs.). Systemic Functional Linguistics in Action. *Revista Ilha do Desterro*, Florianópolis, n. 46, jan./jun. 2004.
- HEBERLE, V. M.; OSTERMANN, A. C. & FIGUEIREDO, D. de C. (orgs.). *Linguagem e gender no trabalho, na mídia e em outros contextos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.
- HEILBORN, M. L. (org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- HODGE, R.; KRESS, G. *Social semiotics*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1988.
- HOLMES, J.; MEYERHOFF, M. (ed). *The handbook of language and gender*. Oxford: Blackwell Publishers, 2003.
- ÍÑIGUEZ, Lupicínio (coord). *Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2005, 2ªed, 312 p.
- KRESS, G. *Linguistic processes in sociocultural practice*. Oxford, UK: OUP, 1985.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. London, New York: Routledge, 1996.
- _____. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. London, New York: Arnold, 2001.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.
- LAQUEUR, T. W. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- _____. *A sociologia do corpo*. 4.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010
- MARTIN, J. R. & WHITE, P. *The language of evaluation: Appraisal in English*. London: Palgrave Macmillan, 2005.

MOITA LOPES, L.P. A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada?. In: SIGNORINI, I; CAVALCANTI, M. *Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

_____. Discurso, corpo e identidade: Masculinidade hegemônica como comunidade imaginada na escola. *Gragoatá*, Niterói, v. 11, p. 207-226, 2001.

_____. A construção do gênero e do letramento na escola: como um tipo de conhecimento gera o outro. *Investigações: Linguística e Teoria Literária*, Recife, v. 17, n. 2, p. 47-68, 2005.

_____. Queering Literacy Teaching: Analyzing Gay-Themed Discourses in a Fifth-Grade Class in Brazil. In: *Journal of Language, Identity, and Education*. 5(1), p. 32-50. Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 2006.

_____. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L.P. (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. “Gêneros e sexualidades nas práticas discursivas contemporâneas: desafios em tempos *queer*” In: SILVA, A. de P. D. (org.) *Identidades de Gênero e práticas discursivas*. Campina Grande: EDUEP, 2008.

_____. Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

MOITA LOPES, Luiz Paulo; FABRÍCIO, Branca Falabella. Desestabilizações *queer* na sala de aula: táticas de guerrilha e a compreensão da natureza performativa dos gêneros e das sexualidades. In: PINTO, Joana Plaza; FABRÍCIO, Branca Falabella (orgs.), *Exclusão social e microresistências: a centralidade das práticas discursivo-identitárias*. Goiânia: Cãnone editorial, 2013.

OLIVEIRA, L. Entre discursos, jeitos e gestos. In: MOITA LOPES, L.P. Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L.P. (org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.67-84.

RAMALHO, V. Análise de Discurso e Realismo Crítico: princípios para uma abordagem crítica explanatória do discurso. In: *Anais da XII Conferência Anual da IACR – International Association for Critical Realism*. Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2009b. CR ROM v.XII (s.p.). Disponível em: <http://www.uff.br/iacr/ArtigosPDF/7T.pdf>. Acesso em 13 out. 2014.

RAMALHO, V. & RESENDE, V. *Análise de Discurso (para a) Crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

RESENDE, V. M. & RAMALHO, V. C. V. S. Análise de Discurso Crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas. In: Tubarão: *Linguagem em (Dis)curso – LemD*. vol. 5, n.1, jul./dez. 2004.p. 185-207.

RESENDE, V. “Não é falta de humanidade, é para dificultar a permanência deles perto de nosso prédio.” Análise discursiva crítica de uma circular de condomínio acerca de ‘moradores de rua’ em Brasília, Brasil. In: *Discurso & Sociedade*. vol. 2, 2008.

_____. *Análise de discurso crítica e realismo crítico: implicações interdisciplinares*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

_____. Reflexões teóricas e epistemológicas em torno da Análise de Discurso Crítica. *Polifonia*, Cuiabá, n. 17, p. 125-140, 2009.

_____. Dessemelhança e expurgo do outro no debate acerca do rebaixamento da maioria penal no Brasil: uma análise discursiva crítica. In: *Forma y Función*. vol. 22, n.º 1 jan-jun 2009, pp. 145-159, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/fyf/v22n1/v22n1a07>. Acesso em 12 jan. 2015.

_____. Representação discursiva de pessoas em situação de rua no "Caderno Brasília": naturalização e expurgo do outro. In: *Ling. (dis)curso* [online]. vol.12, n.2,pp. 439-465,2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v12n2/a04v12n2.pdf>. Acesso em 12 jan. 2015.

RESENDE, V. M & RAMALHO, V. S. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

SCOTT, M. *WordSmith Tools* version 4, Oxford: Oxford University Press. ISBN: 0-19-459400-9. 2004.

_____. *WordSmith Tools* version 5, Liverpool: Lexical Analysis Software. 2008.

SILVA, A. L.; LAGO, M. C. S.; RAMOS, T. R. O. (org.). *Falas de gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.

SILVA, T.T (org); HALL,S.; WOODWARD, K. *Identidade e Diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Ed.Vozes, 2009.

SOUZA SANTOS, B. *A crítica da razão indolente*. Contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Ed.Vozes, 2002a.

_____. *Introducing Functional Grammar*. London: Arnold, 2004.

VAN DIJK, T. *Racism in the press*. London: Arnold, 1986.

VAN LEEUWEN, T. *Introducing social semiotics*. London, New York: Routledge, 2005.

VAN LEEUWEN, T. The representation of social actors. In: CALDAS-COULTHARD, C. R.; COULTHARD, M. (Eds.) *Texts and practices: Readings in critical discourse analysis*. London; New York: Routledge, 1996, p. 32-70.

VIAN Jr., O. O sistema de avaliabilidade e os recursos para gradação em Língua Portuguesa: questões terminológicas e de instanciação. *Revista Delta*, 2009.

VIANA, V. Utilizando o programa WordSmith Tools na pesquisa sobre apreciação: uma sugestão metodológica. In: *Revista Intercâmbio*. V.XVI. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2007.

WHITE, P. Valoração – A linguagem de avaliação e da perspectiva. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, v.4, n.esp., p.178-205, 2004.

WODAK, R. Do que trata a acd – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. In: *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 4, n.esp, 2004. p. 223-243.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução conceitual. In: SILVA, T.T. (org.). *Identidade e Diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2009, p.7-72.

Anexos

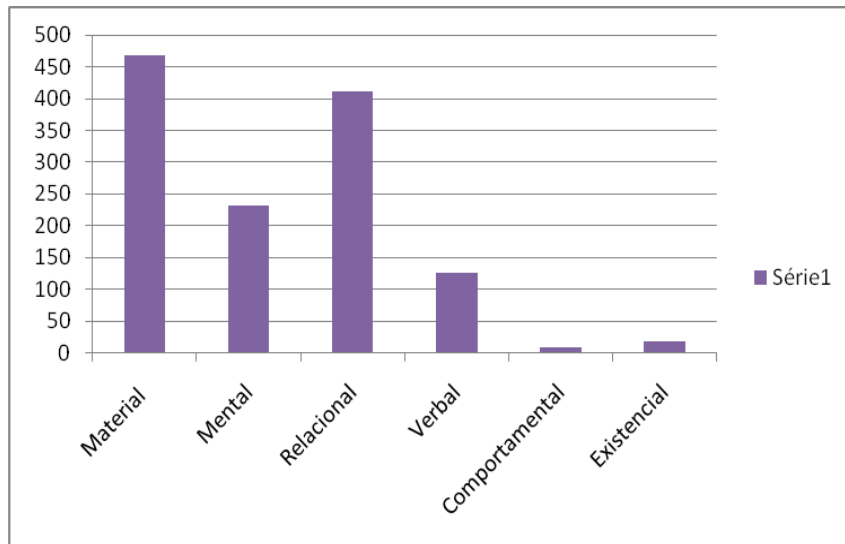


Gráfico 1 - Recorrência das categorias do sistema de transitividade

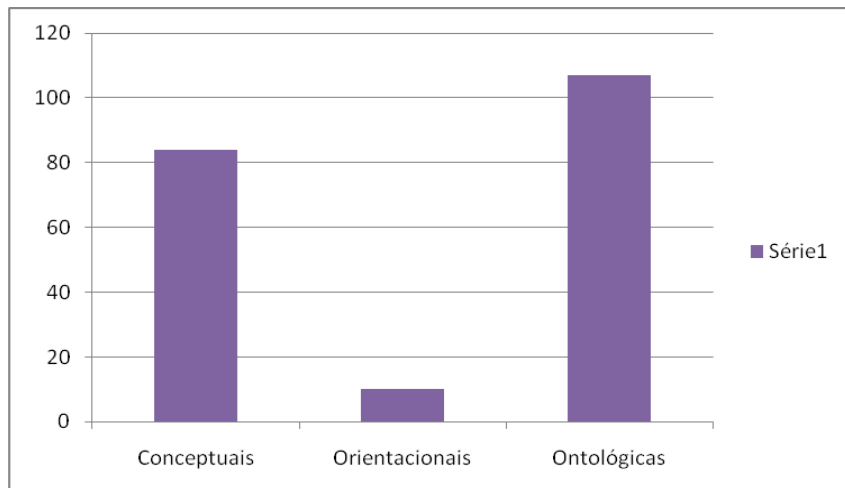


Gráfico 2 - Recorrência das metáforas

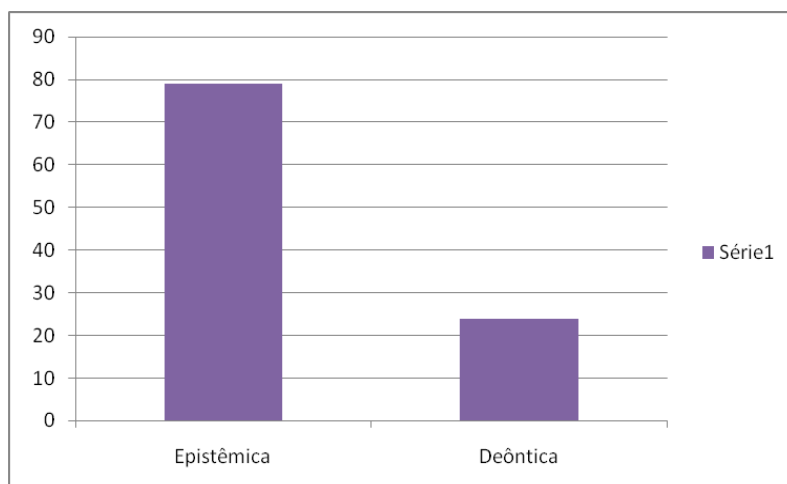


Gráfico 3 - Recorrência das modalidades

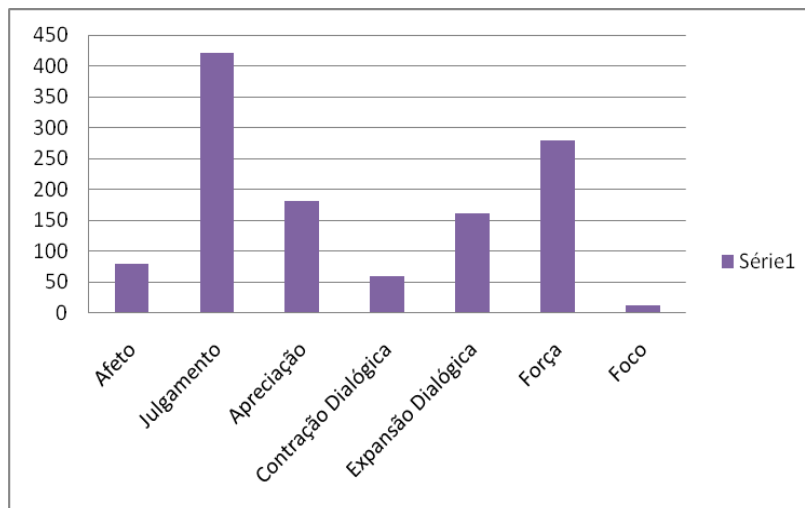


Gráfico 4 - Recorrência das categorias e subcategorias da teoria da Avaliatividade

O que antecede	Léxico
O	Laerte
A atitude de	
A	
O cartunista	
diversas matérias se dedicaram a falar do	
em São Paulo, o cartunista que nos recebe à porta em nada lembra o cartunista	
a imagem revela uma fase peculiar na vida do artista	
Foi o que aconteceu com	Mulher
É muito caro se vestir como	
Ele está se assumindo como	
Ele simplesmente se veste de	
me transformava em	
Não é uma forma de expor uma	
Me sentir desejada, me sentir	

Não virei	Mulher
Um	Travesti
Estou anodinizando a atitude	
Se lhe aplicarem a pecha de	
Márcia também é	
O cara é	
Você está usando a palavra	Gênero
Problema em relação à política de	
Não planejo mudar de	
é quebrar códigos de	
banheiro público também é construção de	
bagunçar as expectativas de	
tipos de expressão de	
área cultural do outro	Crossdressers
Se assumir	
isso chamou a atenção de uma	
Laerte é	
É difícil ver nesse discurso	
ela defende a distinção entre	Corpo
Não há relação necessária entre o	
só tardiamente Letícia começou a transformar seu	
os limites do meu	
vive essa questão teórica no	
Não é só questão de vestimenta, mas de uso do	
Transforma o	
É como se eu estivesse vendo outro	
excluem outras possibilidades de lidar com o desejo	
e o	Sexo
prática de usar roupas ou acessórios vinculados ao	

Essa pessoa é a primeira pessoa do mundo a não ter	Sexo
conseguiu uma identidade onde não tem	
mas as pessoas não se enganam quanto ao meu	
decorrência da anatomia de cada	
nunca teve intenção de fazer cirurgia para trocar de	
como se formam os padrões que definem o	
Sempre brincou com essa coisa de bis	Sexualidade
Colocar em xeque minha bis	
A heteros	
São travestis,	Transgênero
a Primeira Emenda da Constituição dos	
se tornar a figura do universo	
tinham aparecido no congresso	

Quadro 13 - Recorte de dados gerados no *Concordance* - itens lexicais antecessores (SCOTT, 2004)

Léxico	O que sucede
Laerte	: 'Fiz campanha eleitoral homofóbica'
	em carne, osso, minissaia
	se arrepende de ter feito material de campanha política ridicularizando gays
	EM TRÂNSITO Como vive, o que pensa
	é crossdresser, e vem segundo afirma, explorando o guarda-roupa feminino como forma de expressão
	era o cara que cuidava dos filhos, que fazia isso, fazia aquilo, era todo responsável'
Mulher	: 'É uma emoção como saltar de paraquedas.'

Mulher	é uma questão de gênero
	diz que suas despesas agora incluem manicure, depilação, lingerie e sapato
	é muito caro
	em caráter experimental
	que está dentro do corpo de um homem
Travesti	Me travisto.
	não seja necessariamente homossexual
	supõe uma interferência corporal
	é um homem homossexual
	era Muriel, personagem
Gênero	Essa é uma convenção
	A mídia é meio apavorante
	para conhecer a minha feminilidade
	Existe, é a grande lição que a gente explica
	como algo em permanente construção
	O reservado das mulheres códigos, tabus, eu também faço parte disso
Crossdressers	é a de romper esses limites
	é um travesti de classe média
	podem esperar um papel de porta-voz diante da mídia se vestiriam muito mais
	é transformada numa espécie de moda
Corpo	é masculino, então eu tenho que ver um monte de adequações
	pelo qual tinha aversão
	Especiais
	Sem a roupa do pelo
	Sozinho
	na medida em que os meninos estão se soltando
Sexo	Masculino

Sexo	Sabem que sou homem
	Eu adoro o meu peru. Amo ele de paixão
	Não penso, não. Muita mão de obra, muita mexida, me dá medo
	Feminino
	Oposto
Sexualidade	eu descobri faz bem mais tempo, na minha adolescência. Já descobri que eu não era um heterossexual convicto
	É outra coisa. O Laerte está fazendo a
	.O <i>crossdressing</i> no meu caso se refere
Transgênero	e tiveram suas vidas afuniladas para esse tipo de sevirol
	de maior visibilidade no país

Quadro 14 - Recorte de dados gerados no *Concordance* - itens lexicais sucessores (SCOTT, 2004)